



**UNISUL**

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**ROBERTA RODRIGUES RAMOS**

**“SER MULHER É MAIS DO QUE SER MÃE”: UM ESTUDO SOBRE MULHERES  
QUE TRABALHAM E QUE OPTARAM POR NÃO SER MÃES**

Palhoça

2009

**ROBERTA RODRIGUES RAMOS**

**“SER MULHER É MAIS DO QUE SER MÃE”: UM ESTUDO SOBRE MULHERES  
QUE TRABALHAM E QUE OPTARAM POR NÃO SER MÃES**

Trabalho Conclusão de Curso, apresentado  
ao Curso de Psicologia da Universidade do  
Sul de Santa Catarina como requisito parcial à  
obtenção do título de psicólogo.

Orientador: Prof. Vanderlei Brasil, Esp.

Palhoça

2009

**ROBERTA RODRIGUES RAMOS**

**“SER MULHER É MAIS DO QUE SER MÃE”: UM ESTUDO SOBRE MULHERES  
QUE TRABALHAM E QUE OPTARAM POR NÃO SER MÃES**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi Julgado adequado à obtenção do título de Psicólogo e aprovado em sua forma final pelo curso de Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.  
Local                      dia                      mês                      ano

---

Prof. e orientador Vanderlei Brasil, Esp.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Deise Maria do Nascimento, Msc.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Iúri Novaes Luna, Dr.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho ao meu pai e a minha mãe que sempre, de forma muito carinhosa, investiram em meus estudos e acreditaram em minha capacidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu querido pai, que mesmo com seu olhar descrente acerca da psicologia, respeitou e acolheu com muito carinho e amor a minha escolha profissional.

Agradeço a minha amada mãe, por toda a sua ajuda, compreensão e, por me ensinar a seguir de forma digna e responsável os caminhos da vida.

Agradeço ao meu namorado Zé, que com sua objetividade, às vezes necessária, tornam os meus dias mais alegres, interessantes e mais cheios de amor.

Agradeço a minha autêntica amiga Pri, por me ensinar que às vezes é necessário manifestar o que “realmente” estamos sentindo. E pela amizade linda e verdadeira que construímos ao longo do curso. Levarei algumas boas lembranças da universidade e uma delas é poder ter tido a oportunidade de conhecer esta grande e verdadeira amiga.

Agradeço a minha doce amiga Maira, por reforçar a importância da espiritualidade em minha vida e por agüentar, de forma muito carinhosa, minhas angústias e reclamações por causa do TCC.

Amigas da tripla é muito bom tê-las em minha vida.

Agradeço as minhas amigas de tcc, Fabiane Chaves por sua tranquilidade e Kateusa Rosar por sua incontestável amizade e por me ensinar a seguir em busca de meus objetivos.

Agradeço ao meu orientador Vanderlei Brasil pela paciência, bom humor, dedicação e ajuda na construção deste trabalho.

Agradeço à professora Saidy por me apresentar a fascinante teoria sistêmica.

Agradeço ao professor Lúri, por instigar em mim o prazer e o interesse em estudar psicologia.

Agradeço à professora Deise, minha banca desde a qualificação, pelas ótimas contribuições para a melhoria deste trabalho.

Agradeço ao Jorge, meu grande e eterno amigo.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente tornam a minha vida mais feliz.

## RESUMO

Ao longo da história passou-se a associar a imagem da mulher ao papel de mãe, enquanto que paralelamente a isso, o trabalho no meio público passou a se configurar como um aspecto importante na vida da mulher. Estas duas dimensões, não necessariamente excludentes, colocam, em muitos momentos, a mulher diante de uma escolha entre ser mãe ou trabalhar. Frente a esta escolha, para muitas dilemática, buscou-se por meio desta pesquisa compreender a auto-imagem de mulheres que trabalham e optaram por não ser mães. Para alcançar este objetivo, foram realizados estudos de caso com três mulheres, sendo elas trabalhadoras e não mães por escolha própria. Como instrumento de coleta de dados, foi aplicada uma entrevista semi-estruturada contendo 59 questões que visavam: caracterizar aspectos fundamentais da vida profissional, social, familiar e pessoal das mulheres; caracterizar a trajetória profissional das mesmas; verificar a percepção delas quanto ao sentido do trabalho e da maternidade; e identificar na percepção das mulheres as possíveis decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ser mãe. As discussões ao longo desta pesquisa foram feitas sob a ótica teórica sócio-histórica da constituição humana, passando por temas como gênero, trabalho e maternidade. Para a realização da análise dos dados foram categorizadas as falas das participantes de acordo com os objetivos do trabalho. Dentre os resultados encontrados, no que se refere ao sentido da maternidade, pode-se destacar que há ausência de desejo materno, bem como o sentido da maternidade atrelado à perda da autonomia. No que tange ao aspecto profissional, percebe-se que o trabalho assume centralidade na vida destas mulheres, ou seja, o trabalho é extremamente relevante e significativo, assumindo, assim, um papel importante para a constituição da identidade delas. Além disso, elas percebem o trabalho como forma de realização pessoal. Percebe-se também o quanto é conflituoso para a mulher optar por não ter filhos, em função de eleger outras prioridades, como a carreira profissional, pois, ao fazer este movimento, a mulher nega um papel que é socialmente naturalizado e decorrente disso, algumas conseqüências são percebidas, como: sentimento de inadequação social e auto-imagem de egoístas, além disso, essas mulheres se encontram sob coerção social, devido aos desejos familiares, de amigos e da sociedade de forma geral. Estas

questões fazem com que elas questionem sua escolha, uma vez que esta é entendida como contrária a sua suposta natureza. Em relação à primeira participante da pesquisa, conclui-se, principalmente, que esta se sente completa e realizada no aspecto profissional, todavia sente-se insegura quanto a escolha de não ter filhos. Conclui-se com a segunda participante da pesquisa, que esta se percebe realizada no aspecto profissional e segura quanto a sua escolha por não ter filhos. No entanto, percebe-se como sendo egoísta, isso ocorre, sobretudo, pois ela acredita que, por não querer ter filhos, prioriza apenas seus interesses individuais. No que se refere à terceira sujeita desta pesquisa, conclui-se que, assim como as duas primeiras, esta se percebe completa e realizada no aspecto profissional. No entanto, percebe-se que a pressão e a expectativa social relacionadas à maternidade fazem com que ela passe a questionar a opção por não ter filhos.

Palavras-chave: Maternidade. Trabalho feminino. Gênero.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características pessoais e profissionais das mulheres investigadas.....	44
Tabela 2 – Sentido da maternidade - Ruti .....	50
Tabela 3 – Decorrências sociais, profissionais e psíquicas: Ruti.....	58
Tabela 4 – Sentido do Trabalho: Ruti .....	63
Tabela 5 – Sentido da maternidade: Lara.....	69
Tabela 6 – Decorrências sociais, profissionais e psíquicas: Lara.....	76
Tabela 7 – Sentido do Trabalho: Lara.....	80
Tabela 8 – Sentido da Maternidade: Ana .....	86
Tabela 9 – Decorrências sociais, profissionais e psíquicas: Ana.....	89
Tabela 10 – Sentido do Trabalho: Ana.....	94

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	PROBLEMÁTICA.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	18
1.2.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	<b>18</b>
1.2.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>18</b>
1.3	JUSTIFICATIVA.....	18
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>23</b>
2.1	UM CONCEITO DE TRABALHO .....	23
2.1.1	<b>A Presença da Mulher no Mundo do Trabalho</b> .....	<b>26</b>
2.2	A MATERNIDADE E O AMOR MATERNO: UM FENÔMENO SOCIAL .....	30
2.2.1	<b>Sobre a Maternidade</b> .....	<b>35</b>
2.3	A QUESTÃO DO GÊNERO .....	36
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>42</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	42
3.2	PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	42
3.3	EQUIPAMENTOS E MATERIAIS .....	44
3.4	SITUAÇÃO E AMBIENTE .....	44
3.5	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	45
3.6	PROCEDIMENTOS .....	45
3.6.1	<b>Procedimento de Escolha dos Participantes</b> .....	<b>45</b>
3.6.2	<b>Procedimento de Coleta de Dados</b> .....	<b>46</b>
3.6.3	<b>Procedimento para Organização, Tratamento e Análise dos Dados</b> .....	<b>46</b>
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>48</b>
4.1	QUEM É RUTI? .....	48
4.1.1	<b>Sentido da Maternidade: Ruti</b> .....	<b>50</b>
4.1.2	<b>Decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ter filhos: Ruti</b> .....	<b>58</b>
4.1.3	<b>Sentido do Trabalho: Ruti</b> .....	<b>62</b>
4.2	QUEM É LARA? .....	68
4.2.1	<b>Sentido da Maternidade: Lara</b> .....	<b>69</b>

<b>4.2.2</b>	<b>Decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ter filhos: Lara</b> .....	<b>76</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Sentido do Trabalho: Lara</b> .....	<b>80</b>
<b>4.3</b>	<b>QUEM É ANA?</b> .....	<b>85</b>
<b>4.3.1</b>	<b>Sentido da Maternidade: Ana</b> .....	<b>86</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ter filhos: Ana</b> .....	<b>89</b>
<b>4.3.3</b>	<b>Sentido do Trabalho: Ana</b> .....	<b>93</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>97</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>102</b>
	<b>APÊNDICE</b> .....	<b>108</b>
	<b>Apêndice A – Roteiro de Entrevista</b> .....	<b>109</b>
	<b>Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	<b>112</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se ao trabalho de conclusão do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Esta pesquisa buscou entre outras coisas, ampliar a produção de conhecimentos científicos em Psicologia. Sendo assim, este projeto está vinculado ao estágio obrigatório do Núcleo Orientado em Psicologia e Trabalho Humano composto por três projetos: o primeiro relacionado à Saúde do Trabalhador; o segundo à Gestão de Pessoas; e o terceiro à Identidade Profissional.

Este estudo encontra-se relacionado ao Projeto Identidade Profissional, no qual as atividades desenvolvidas no ano de 2009 são: atendimentos de orientação profissional, planejamento de carreira e reorientação profissional, realizados de forma individual e em grupo em escolas públicas e privadas nas localidades da Grande Florianópolis, no Serviço de Psicologia da própria UNISUL.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo consiste na introdução, problemática e, em seguida apresenta-se o problema de pesquisa. Em seguida, mostra-se objetivo geral e objetivos específicos. Seguidos da justificativa do trabalho, composta por suas relevâncias social e científica.

No segundo capítulo, tem-se o referencial teórico, que se encontra dividido em três capítulos, sendo eles: a) conceito de trabalho e trabalho feminino; b) maternidade; c) gênero. No terceiro capítulo apresenta-se o método que foi utilizado, destacando ao leitor a natureza da pesquisa, qual instrumento utilizou-se na coleta dos dados, o local onde foi realizada a coleta dos dados, as participantes que fizeram parte da pesquisa, bem como a forma pela qual os dados coletados foram analisados. No quarto capítulo, destacam-se as categorizações e a análise dos dados. O quinto e último capítulo expõe as considerações finais, na qual se destacam as discussões sobre as categorias e subcategorias mais significativas, bem como aponta possíveis sugestões sobre a realização de pesquisas relacionadas ao tema da presente pesquisa.

## 1.1 PROBLEMÁTICA

A mulher nem sempre ocupou o lugar que possui hoje no cenário político e social, o destaque que esta vem obtendo reforça cada vez mais os múltiplos papéis desenvolvidos por ela no mundo contemporâneo. Desta forma, faz-se necessário contextualizar a mulher nos diferentes momentos históricos, dando-nos subsídios para uma melhor compreensão desta na contemporaneidade.

Na Idade Média as mulheres, na sua maioria, realizavam suas atividades em casa e sua função social era a preparação para o casamento, enquanto seus maridos se dedicavam ao trabalho agrícola pesado e às guerras. O modo de produção vigente neste momento da história era o feudalismo, quando homens e mulheres trabalhavam para a sua própria subsistência. O mercado neste momento da história começava a se desenvolver (MURARO, 1995).

As diferenças de gênero já são demarcadas neste momento histórico, quando “[...] o masculino é fundado na relação com o trabalho e virilidade e o feminino na preservação da sexualidade e no exercício da maternidade” (NEGREIROS; CARNEIRO, 2004, p. 39). Homens ficavam responsáveis por atividades que exigissem vigor físico, como a caça e para as mulheres a criação dos filhos e cuidado do lar eram as atividades destinadas.

Mulheres nesta época eram tidas como “sexo frágil”, servindo somente para a reprodução e o amparo dos filhos, até o momento em que estes partissem para o campo de trabalho. O papel da mulher, neste contexto social, está na incumbência da perpetuação da espécie, não tendo assim, o direito de escolha pelo trabalho. Foi somente no final do século XVIII que a maternidade ganhou a dimensão social que hoje presenciamos, pois antes disso a maternidade tinha outro significado, ou seja, a maternidade muitas vezes era desprovida do afeto tido como “ideal” entre mãe e filho. Segundo Badinter (1985), foi a partir deste momento histórico que a maternidade passou a ser um valor natural e inerente as mulheres. De acordo com Baptista (1995, p. 29) “o valor maior da mulher passou a ser a maternidade”, pois somente elas detinham este poder. Caso isso não ocorresse a mulher era vista pela sociedade com portadora de alguma anomalia, portanto o fato de ser mãe era algo extremamente valorizado e vinculado à identidade feminina. Com

relação à maternidade Daniluk (1999 *apud* SOUZA; FERREIRA, 2005, p. 19) discorre:

[...] as mulheres mães alcançavam reconhecimento perante a sociedade e desenvolviam uma identidade positiva, enquanto as mulheres não-mães recebiam rótulos negativos e tornavam-se mais susceptíveis a desenvolver uma identidade negativa.

Houve grandes mudanças na transição do feudalismo para o capitalismo, uma delas foi quando ocorreu a separação entre o meio “público” (mundo do trabalho) e o meio “privado” (doméstico e familiar), pois os homens passaram a trabalhar não mais para a sua própria subsistência ou de sua família. Para sobreviver teriam que gerar lucros, assim passaram a produzir nas fábricas. O homem vendia a sua força de trabalho para os proprietários dos meios de produção, e as mulheres passaram também a ser requisitadas para o trabalho na produção fabril (MACÊDO; MACEDO, 2004). Homens e mulheres no mundo do capital só sobreviveriam se estes produzissem bens.

A Revolução Industrial veio a consolidar o capitalismo e foi um momento marcante para a participação da mulher como força de trabalho, porém os anos de submissão dentro do contexto doméstico refletiram-se em longas jornadas de trabalho e desigualdade salarial entre homens e mulheres (MACÊDO; MACEDO, 2004).

Com a consolidação do sistema capitalista (século XIX) a sociedade passou a valorizar o aspecto profissional das pessoas, pois estas eram reconhecidas pelo seu trabalho, ou seja, como seres produtivos. A mobilidade social acontece com base no trabalho, assim pessoas passam de uma classe social para a outra por meio do trabalho, este por sua vez sendo o responsável por isso. A Revolução Industrial veio carregada de mudanças no setor produtivo, quando o desenvolvimento de novas tecnologias gerou a ampliação da competitividade, pois no mundo do capital “vence” aquele que melhor se adapta a esse novo modo de vida (NATIVIDADE, 2003). Mulheres, como mencionado acima, não saíram ilesas deste processo, pois participaram ativamente como força de trabalho. Isso ocorreu, entre outras coisas, devido ao fato de o homem encontrar dificuldades para dar conta das despesas familiares sozinho e também pelo fato do trabalho feminino ser considerado mão-de-obra barata. Na sociedade moderna, a mulher aparece muito

como a principal provedora da família, ou muitas vezes compartilham desta renda, para a sobrevivência dos seus membros.

Quanto à organização do trabalho, já no século XX, pode-se dizer que durante muito tempo o modelo fordista/taylorista dominou o modo de produção, quando se exigia do trabalhador a produção em série e em grande volume. A concepção de “homem boi”, aquele que não precisa pensar para executar o trabalho foi substituída pelo modelo toyotista. Isso ocorreu pelo grande salto tecnológico do final de século XX, onde era necessário quebrar a rigidez do modelo fordista/taylorista para uma melhor produtividade. No modelo toyotista a produção é customizada, sendo assim a idéia do “homem boi” não tem mais serventia e é exigido do trabalhador a flexibilidade e que este seja polivalente, para dar conta das exigências da produção. É requerido que trabalhador saiba realizar tarefas diversas e trabalhar em qualquer área, sendo criativo e não tarefeiro, um sujeito que pensa sobre o que está sendo proposto e não apenas execute o trabalho.

Neste contexto a mulher se torna importante força de trabalho, pois se aproveita as “habilidades” femininas para atender as flutuações do mercado. Probst (2003, p. 01) fala que “o mundo está apostando em valores femininos, como a capacidade de trabalho em equipe contra o antigo individualismo, a persuasão em oposição ao autoritarismo, a cooperação no lugar da competição”.

Ainda sobre a maternidade, aponta-se que a concepção naturalizada da mulher acerca da maternidade, perdurou até o século XX, quando mulheres vieram a reivindicar por meio do movimento feminista que a maternidade não era determinante para a configuração da identidade feminina e sim um dos múltiplos fatores psicossociais que a configuram. A partir deste momento a maternidade passou a ser uma questão de escolha para a mulher, onde as técnicas contraceptivas e o aborto deram à mulher a possibilidade de refletir acerca do ser ou não ser mãe. Tal escolha não permitida até o início do século XX, justamente por ser atribuído à mulher somente o papel de mãe e cuidadora do lar (ESCAVONE, 1985 apud SOUZA; FERREIRA, 2005). Contudo, cabe mencionar que, o aborto é considerado crime no Brasil, no entanto são considerados casos de aborto permitido, de acordo com o artigo 128 do código Penal, aqueles que oferecem riscos de vida para a gestante, bem como gravidez resultante de estupro. Encontra-se em tramite no Congresso Nacional um projeto de lei que expõe sobre uma outra possibilidade de aborto permitido, qual seja, no caso de anomalias fetais. Esta é

uma questão ainda não legalizada, contudo, por vezes, é considerada pela justiça Brasileira (VASCONCELOS, 2004). Ainda conforme Vasconcelos (2004, p. 121) as discussões que permeiam a legalização do aborto nos casos citados acima estão viabilizadas em torno das discussões sobre a desnaturalização da maternidade, ou ainda, da compreensão da sexualidade como uma esfera propriamente humana e, por ser assim, envolta por valores de autonomia e autodeterminação e, que para além da representação da mulher-mãe, deve-se compreender a mulher como um sujeito e, sendo assim deve ter como prerrogativa o livre exercício de seus direitos.

Braga e Amazonas (2005, p. 16) afirmam que “culturalmente o feminino se encarnou na maternidade. Certamente a gravidez não resolve o problema da identidade da mulher, posto que ela também se sente mulher quando não está grávida”. Os autores dizem ainda que o fato de ser mãe faz com que mulheres se sintam valorizadas e seguras, em vez de excluídas e vazias. Conforme Badinter (1985, p. 09) “a maternidade é, ainda hoje, um tema sagrado [...] e a mãe permanece, em nosso inconsciente coletivo, identificada a Maria, símbolo do indefectível amor oblato”.

Assim, diante de fatos que evidenciam a maternidade vinculada a identidade feminina, como será que a mulher se sente quando o não ter filhos ocorre por escolha própria?

Conforme Baptista (1995) a maternidade não deve prejudicar a vida profissional de uma mulher, nem mesmo o trabalho deve ser um elemento dificultador deste processo. Para a referida autora, vive-se um momento que transcende a escolha. Não mais “esse ou aquele”, agora seria “esse e aquele”, estas duas dimensões devem ser integradas e não excludentes entre si. Mas, será que a mulher trabalhadora acredita ser possível obter sucesso na carreira profissional integrando a maternidade com o trabalho?

Considerando a questão da maternidade, pode-se pensar, por outro lado, a questão do trabalho produtivo para a mulher. Fala-se de produtivo, pois pode-se pensar que a maternidade também se configura como um trabalho, embora este não seja um gerador direto de lucro para alguém. Segundo Codo (2006), o trabalho hoje, mais do que em outros tempos, é considerado determinante na vida das pessoas. Este tem a função de constituir a subjetividade humana e é por meio do trabalho que o homem se torna homem. O trabalhar é de fundamental importância na construção da identidade, sendo fonte de felicidade e liberdade, é o momento no

qual o homem transforma a natureza em prol das suas necessidades, além de lutar e se esforçar em busca de suas realizações. Aranha (2000, p. 22) destaca que “[...] o homem se faz pelo trabalho. Ou seja, ao mesmo tempo que produz coisas, torna-se humano, constrói a própria subjetividade”. Para a autora citada anteriormente, a mulher precisou ter acesso ao mercado de trabalho para conseguir sua emancipação, garantir sua independência financeira e construir uma nova identidade feminina.

O marco inicial da mobilização de mulheres no Brasil foi no ano de 1975, quando a ONU decretou este como sendo “Ano Internacional da Mulher”. Esta data foi considerada importante por permitir que as mulheres da época discutissem assuntos pertinentes a sua posição sócio-cultural e econômica no país (BAPTISTA, 1995). Assim, conforme Baptista (1995), o movimento feminista fez com que mulheres passassem a se dar conta de sua inteligência e do quanto a sua força de trabalho era importante para o desenvolvimento de uma sociedade. Elas começaram, então, a disputar o mercado de trabalho juntamente com os homens e os valores como a maternidade e o cuidado da casa, que antes eram valorizados, passaram a ser valores diminuídos pelas mulheres, uma vez que lhes foram atribuídos novos e diferentes papéis, estes muitas vezes impossibilitando a maternidade e o cuidado com o lar.

Foi decorrente ao movimento feminista que a mulher ganhou espaço no mercado de trabalho, antes “na sua maioria ocupado por homens”. Entretanto, este movimento fez com que a mesma assumisse novos papéis, ou seja, não abandonaram o “espaço privado” e sim acrescentaram o “espaço público” (COELHO apud BELICANTA, 2007). Fazendo desta forma, com que surgisse a dupla jornada de trabalho. A constante busca por autonomia e valorização, faz com que mulheres cada vez mais assumam papéis sociais diferentes. Ainda em relação aos papéis adotados pela mulher na modernidade, os autores ressaltam:

A multiplicidade dos papéis tende a ser considerada uma característica do universo feminino, levando ao reconhecimento de um talento nas mulheres para fazer e pensar várias coisas simultaneamente. No entanto, o acúmulo de tarefas- públicas e privadas -rotulado de ‘dupla jornada’ é frequentemente, considerado causa ou origem de conflitos e desgastes. (JABLONSKI; ROCHA-COUTINHO apud JONATHAN, 2005, p. 374).

Diante do exposto, seguem várias questões. Por exemplo: Que motivos levam mulheres a escolher a carreira profissional ao invés da maternidade? Que critérios norteiam essa sua escolha? Que conseqüências surgem dessa escolha, perante a família e aos amigos? Existe algum tipo de pressão, acerca desta escolha? Que questões surgem para estas mulheres, acerca do lidar com estes dois papéis, a maternidade e a profissão?

Desta forma, compreender a auto-imagem de mulheres que optam pelo trabalho em detrimento da maternidade se faz relevante para descrever esta escolha feita pelas mulheres, uma vez que na antiguidade a escolha pelo trabalho no meio público não lhe era possível, devido ao fato de o casamento e a maternidade serem determinantes na vida destas, restringindo a elas o cuidado da casa e dos filhos.

Assim, sendo uma pesquisa, cujo intuito foi a compreensão da auto-imagem feminina, torna-se imprescindível o entendimento de tal conceito. Segundo Stratton e Hayes (2003, p. 24-25), entende-se auto-imagem como “a imagem interna que um indivíduo tem de si mesmo: um tipo de descrição interna que é construída através da interação com o meio ambiente e do *feedback* fornecido por outras pessoas”.

Conforme Stratton e Hayes (2003, p. 24-25), “a auto-imagem pode incluir conhecimentos sobre [...] as papéis sociais desempenhados pelo indivíduo. A atitude das pessoas em relação à auto-imagem tem uma contribuição importante no seu nível de auto-estima”. Pode-se considerar à auto-imagem como um aspecto constituinte da identidade pessoal e, por conseqüência, em todos os seus aspectos, afetivos e profissionais inclusive. Por isto, esta pesquisa encontra-se incluída nos assuntos discutidos em identidade profissional.

A partir de tais inquietações e questionamentos, este estudo está orientado pelo seguinte problema de pesquisa: **Qual a auto-imagem de mulheres que trabalham e que optaram por não ser mãe?**

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

- Compreender a auto-imagem de mulheres que trabalham e que optaram por não ser mães.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar aspectos fundamentais da vida pessoal, familiar, social e profissional das mulheres investigadas;
- Caracterizar a trajetória profissional das mulheres investigadas;
- Verificar a percepção das mulheres investigadas quanto ao sentido da maternidade;
- Verificar a percepção das mulheres investigadas quanto ao sentido do trabalho;
- Identificar na percepção das mulheres investigadas as possíveis decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ter filhos.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia (apud TROIANO, 2007) nas décadas de 60 e 70 o número de filhos por mulher era seis. Com o passar dos anos a taxa de fecundidade diminuiu entre as mulheres, sejam por questões pessoais, profissionais ou sociais. Conforme o IBGE (BRASIL, 2006) das 32,7 milhões de mulheres brasileiras com filhos, 30,9% tem um filho, 33,3%

dois filhos e 35,8%, três filhos, mostrando desta forma que mulheres estão mudando sua posição frente à maternidade.

Através dos dados da Pesquisa por Amostra de Domicílios-PNAD (BRASIL, 2006) mostra-se que a taxa de fecundidade no Brasil é inferior a 2 filhos por mulher, o grupo de mulheres entre 40 a 49 anos mostrou a queda mais expressiva. Entretanto, entre adolescentes, de 15 a 19 anos não foi constatada baixa da fecundidade e sim um aumento desta. Regiões como Nordeste, Norte e Centro-Oeste, foram os que apresentaram maior queda na fecundidade por mulher, passando de 3,4 filhos por mulher em 1992, para 2,3 em 2006. Já nas regiões mais ricas do país, a taxa de fecundidade que era de 1,2 filhos por mulher em 1992, passou para 0,5 em 2006. Ainda segundo o PNAD (BRASIL, 2006) a opção pela maternidade diminuiu entre as mulheres, pois estas entraram no mercado de trabalho com força total. Elas somam hoje 52,6% da população economicamente ativa do país, enquanto em 1980 não ultrapassava os 30,1%, demonstrando, com este dado, a importância feminina no orçamento familiar. Isto evidencia a importância de correlacionar esses dois fatores, a diminuição da taxa de fecundidade com a inserção em massa da mulher no mercado de trabalho.

Em relação a estudos realizados sobre trabalho feminino e maternidade, convém citar três pesquisas: a primeira elaborada por Souza e Ferreira (2005), a segunda realizada por Almeida (2007) e a terceira elaborada por Spindola e Santos (2004).

Souza e Ferreira (2005, p. 19) realizaram uma pesquisa sobre a auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães e teve como objetivo “investigar as implicações da condição de maternidade e de não-maternidade para a construção da auto-estima pessoal e coletiva das mulheres”. Foi aplicada uma escala com 310 mulheres, sendo que um grupo era constituído de mães, e o outro de não mães (por escolha própria). Para avaliar a auto-estima pessoal usou-se a escala de Rosenberg (1965) e para a auto-estima coletiva utilizou-se a escala de Leitham e Croker (1992). Nos resultados os autores apontam que mulheres mães apresentam nível de auto-estima pessoal e coletiva maior que as não mães, vindo a confirmar a hipótese dos autores de que mulheres com filhos teriam nível de auto-estima maior do que as mulheres sem filhos.

Almeida (2007, p. 411) realizou uma pesquisa intitulada “mãe, cuidadora e trabalhadora”. O objetivo do estudo era “investigar os sentidos construídos sobre

maternidade, cuidados infantis e trabalho”. Participaram do estudo quatro trabalhadoras da camada média e seis grupos de mães trabalhadoras da camada popular. Mostrou-se nos resultados da pesquisa que mães da camada média tiveram dificuldades de conciliar o trabalho com o cuidado dos filhos. Em ambas as camadas aponta-se para um sentimento de culpa por não dispensar mais tempo com o filho, por motivos de ausência em função do trabalho.

Spindola e Santos (2004, p. 43) realizaram um estudo enfatizando conflitos e culpas de mulheres enfermeiras que trabalham e são mães. O objetivo estava em “descrever o cotidiano da mulher-mãe-trabalhadora de enfermagem em relação ao seu cotidiano tomando como base sua história de vida”. Vinte e cinco mulheres foram entrevistadas. Os autores da pesquisa chegaram as seguintes conclusões: Um sentimento de culpa por não poder dispensar mais tempo com o filho por causa do trabalho foi constatado. Aponta-se também que o trabalho no mundo público faz com que gere um afastamento emocional entre mãe, filho e marido. Por fim, mulheres trabalhadoras mostraram dificuldades de conciliar o trabalho no meio público e meio privado, tendo dificuldades de integrar seus diversos papéis.

Diante de tais pesquisas, mostra-se que, apesar das mulheres terem assumido diversos papéis, estas apresentam dificuldades de conciliá-los, e a maternidade ainda é entendida pelas mesmas como um papel significativo e importante. Isto fica evidente quando os dados destas pesquisas apontam que mulheres-mães possuem auto-estima pessoal e coletiva maior do que as não mães. Portanto, sendo a maternidade considerada um fenômeno relevante para a mulher, pode-se supor que, quando esta não ocorre, devido ao comprometimento com a carreira profissional, gera-se um sofrimento psíquico na mulher. Este sofrimento muitas vezes é escondido ou reprimido. Por outro lado, há o sofrimento vivenciado por mulheres que trabalham e que são mães, fenômeno recorrente na sociedade atual, onde mulheres precisam conciliar trabalho e maternidade, duas funções que demandam tempo e disponibilidade da mulher e que são permeadas de uma grande expectativa social. Assim, pode-se refletir sobre a diminuição do número de filhos por mulher, uma vez que mulheres ao engravidar terão que enfrentar este dilema. Sendo assim o conhecimento produzido a partir desta pesquisa poderá subsidiar a compreensão do sofrimento psíquico vivenciado por esta mulher.

Percebe-se, na revisão de literatura, que muitos estudos<sup>1</sup> se propõem a investigar os prazeres e as dificuldades de mulheres que trabalham e são mães, ou seja, as dificuldades encontradas pela mulher contemporânea em lidar com a diversidade de papéis por ela exercidos. Porém, não foram encontradas pesquisas que discutissem a questão da mulher que opta pelo trabalho em detrimento da maternidade. Portanto, a presente pesquisa avançará na produção de conhecimento sobre o tema e buscará contribuir para melhorar as bases das intervenções no campo da psicologia enquanto ciência.

Apesar dos avanços do papel social da mulher, a sociedade apresenta desde seus primórdios referência a maternidade como sendo algo natural, ou seja, ao pensar na mulher associa-se a esta o papel de reprodutora, não só para a garantia da espécie, mas também, para a produção de mão-de-obra a partir da geração de filhos. Sobre este fato Knibielher (apud ESCAVONE, 2004, p. 172-173) fala:

Nas sociedades rurais, a maternidade sempre foi assimilada à fecundidade da terra. As crianças apareciam como necessárias para o trabalho e como segurança para o futuro dos pais, na velhice e na doença, embora muitas vezes, representassem um encargo no presente [...].

A maternidade aparece ao longo da história como um estado de completude e como um perfil constituinte da identidade feminina. Portanto, sendo a maternidade intrinsecamente vinculada à identidade feminina, pode-se supor que quando a maternidade não ocorre, as pressões advindas do meio social, em que a mulher está inserida, se fazem presentes, colocando-a muitas vezes em uma posição de inferioridade e desvalorização enquanto ser humano.

Com o avanço da modernidade, mais precisamente no século XX, mulheres passaram a fazer escolhas acerca do ser ou não ser mãe. O surgimento de tecnologias reprodutivas (contraceptivas) e a luta do movimento feminista vieram a abrir caminho para que a maternidade fosse vista pela sociedade como mais um

---

<sup>1</sup> Troiano (2007) em pesquisa com 800 mulheres do Brasil evidenciou os prazeres e as dificuldades de mulheres que trabalham e são mães, prazeres da maternidade e dilemas de integrar o papel de mãe com o de profissional. Baptista (1995) em estudo de caso aponta para as dificuldades encontradas por mulheres que são mães e ao mesmo tempo exercem uma profissão. Ardaillon (1997) realizou uma pesquisa com mulheres da classe média que trabalham fora e tentam conciliar os seus projetos pessoais, com os profissionais. Fabbro (2006) em pesquisa com cinco professoras buscou evidenciar como essas mulheres conciliam o trabalho / carreira acadêmica com o exercício da maternidade.

atributo feminino e não como o elemento decisório desta. Todavia, apesar da mulher ter assumido um papel reflexivo sobre a maternidade, este fenômeno ainda assume um caráter importante e significativo como sendo algo obrigatório e inerente à mulher (ESCAVONE, 2004). Afinal, esse contexto histórico que durante séculos manteve a mulher reduzida a reprodução da espécie, não se desfaz rapidamente.

Diante deste contexto de escolha, ao fazer a opção pelo trabalho, algumas conseqüências podem ser decorrentes deste processo para a mulher, como por exemplo, quando a relação com o cônjuge se abalada, por este desejar ter um filho. Além disso, podem existir pressões vindas da família, quando estes almejam um neto ou um irmão. Outra conseqüência da escolha pelo trabalho vem das cobranças da própria condição de ser mulher, que mediante tantas pressões pode se sentir no dever da maternidade. Todavia, quando a mulher opta pela maternidade em detrimento do trabalho, pode-se supor que esta também possa sofrer com tal escolha, manifestando-se em um sentimento de culpabilizar o filho pela perda de uma boa oportunidade de trabalho que não pode ser realizada pela dedicação da mulher-mãe à seu filho.

Desta forma, compreender a auto-imagem de mulheres que escolhem o trabalho em detrimento da maternidade, proporcionará um melhor entendimento das questões que permeiam os sofrimentos decorrentes desta escolha. O que proporcionou uma contribuição com a profissão de psicologia, uma vez que poderá instrumentalizar os profissionais que lidam com este fenômeno, além de contribuir, por conseqüência no bem estar destas mulheres, que serão atendidas pelos mesmos.

Cabe ressaltar também, que o sofrimento decorrente do conflito entre ser mãe ou dedicar-se ou ao trabalho é algo que influencia no trabalho e na produção profissional destas mulheres. Desta forma, o conhecimento produzido a partir desta pesquisa pode ser utilizado também na instrumentalização de profissionais que lidam com tal fenômeno, vindo a ampliar os seus conhecimentos acerca de mulheres que optam pelo trabalho em detrimento da maternidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 UM CONCEITO DE TRABALHO

Para descrever e contextualizar a questão do trabalho feminino faz-se necessário primeiramente apresentar o que se entende por trabalho, ou seja, a importância deste na construção e configuração da subjetividade humana. Conforme Ferretti (1997, p. 83) “trabalho é o processo através do qual o homem produz as coisas necessárias à sua existência [...] através da transformação da natureza”. Apesar de ser um conceito abrangente, este é um começo para que se entenda o significado do trabalho na vida das pessoas.

A partir do conceito acima algumas reflexões podem ser feitas, começando pela seguinte pergunta: Daria para pensar em uma sociedade sem trabalho humano? Será que existiriam casas prédios? Pontes? instituições como a família e escola? A resposta para estas perguntas seria: muito pouco provável, pois a construção e transformação de produtos dependem do trabalho. Segundo Aranha (2000, p. 22) “os homens transformam a natureza humana pelo trabalho”. Portanto, o homem é o único ser com capacidades físicas e mentais para transformar um pedaço de madeira em uma cadeira, por exemplo. Esse movimento de transformar a natureza ocorre em prol de prover a satisfação das necessidades humanas.

Estreitando o conceito de trabalho, Codo (2006), ao defini-lo, começa a dizer que trabalho não é uma mercadoria, por entender que o trabalho só assume valor de troca (trabalhadores passam a produzir para vender seu produto no mercado) com a consolidação do capitalismo. Assim, afirmar que o trabalho sempre se constituiu como mercadoria seria um equívoco, visto que desconsideraria o árduo trabalho de “operários” antes do capitalismo. Contudo, trabalho não é emprego, pois neste, homens passam a vender a sua força de trabalho no mercado por um valor, ou seja, vendem o seu trabalho por um salário. E no trabalho isso não necessariamente ocorre, pois trabalhar é um fenômeno presente desde que homens começaram a transformar o mundo no qual viviam, diferente do emprego, que teve início quando os senhores, donos de produção, pagavam pelo serviço prestado de um trabalhador.

Albornoz (1995) afirma que confundir trabalho com emprego é algo costumeiro no senso comum, visto que associar trabalho ao serviço prestado a uma organização ou a um patrão é algo difundido no que se entende por trabalho. Mas, ao não fazer esta distinção cai-se na exclusão de outras formas de trabalho, que não preencham os requisitos de um emprego.

Para Albornoz (1995, p. 84) em uma acepção mais restrita, no mundo do capital só é considerado trabalho aquilo que produz valor, ou seja, que gere lucro para alguém. Assim, o trabalho doméstico realizado pelas donas de casa não é considerado um trabalho produtivo, visto que é uma atividade que não gera lucro. Já em uma acepção mais abrangente, é considerado trabalho tudo aquilo que produz bens de consumo ou serviços que se revertam na satisfação das necessidades humanas.

Desta forma, trabalho para Codo (2006, p. 31-32) seria “uma relação de dupla transformação entre homem e a natureza, geradora de um significado”. Torna-se um trabalho sem significado aquele onde o trabalhador não vê sentido nas atividades que realiza, o que é uma característica do mundo capitalista, onde o produtor não é dono dos meios de produção e somente executa as tarefas impostas por estes, assumindo assim, características de um trabalho alienado (ALBORNOS, 1995). De acordo com Codo (1985, p. 9) “[...] o trabalho é ao mesmo tempo criação e tédio, miséria e fortuna, felicidade e tragédia, realização e tortura dos homens”. Sendo um trabalho alienado, este pode gerar sofrimento ao indivíduo que o realiza. Em contrapartida pode ser fonte de alegria e realizações tornando-se prazeroso para o indivíduo que o executa. Muito embora não se possa dizer que alienação no trabalho se caracterize apenas pela presença ou ausência de prazer\sofrimento na realização deste. Entende-se aqui que, alienação implica em fatores objetivos, como as condições de trabalho, por exemplo, além da subjetividade das pessoas que trabalham.

Codo (1985, p. 31-32) fala que:

É o trabalho humano que marca a existência e permite a sobrevivência do homem, o homem será construído por alguém, a habilidade a eles emprestada nos conformam. Em outras palavras, o trabalho é também uma via de identificação com o outro, nos insere num grupo, numa espécie, nos iguala e nos diferencia dos outros indivíduos; pela via do trabalho eu significo algo para o outro e o outro significa algo para mim.

Diante de discussões que apontam sobre o significado do trabalho, pode-se acrescentar as contribuições feitas por Meyer, Allen e Smith (1993 apud SPECTOR 2002) que explana sobre os tipos de comprometimento organizacional, que se trata da ligação do indivíduo com a organização de trabalho. Os autores citados anteriormente mencionam três tipos de comprometimento são eles: comprometimento afetivo; comprometimento contínuo; e comprometimento normativo. O afetivo é quando o indivíduo trabalha devido a ligações emocionais e, além disso, sente-se realizado na trabalho. O contínuo se refere aquele trabalhador que permanece na empresa pelos benefícios salariais e o normativo é aquele trabalhador que trabalha, sobretudo pelos seus valores pessoais.

Cabe ressaltar que o trabalho é determinante na vida das pessoas, por estas passarem grande parte do seu tempo no trabalho e por estabelecerem relações com as pessoas pelo trabalho. Ao fazer a pergunta: “quem eu sou”?, têm-se boas chances de a resposta trazer aspectos relacionados ao trabalho da pessoa. Assim, este tem a função de constituir a identidade dos sujeitos. De acordo com Albornoz (1995) o trabalho tem a função de preencher a vida das pessoas, pois é através dele que o homem se torna um sujeito criador por ter a capacidade de produzir sua própria atividade. Marx (2002) distinguiu o trabalho humano do trabalho animal, enfatizando que enquanto animais constroem coisas somente na realidade, homens planejam esta construção em sua mente antes da execução. A partir disto Marx (2002, p. 211-212) discorre “[...] o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador”.

Para Marx (2002, p. 211) “[...] o trabalho é um processo que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”. Portanto, o trabalho se mostra como elemento central para a configuração e construção da subjetividade humana e é por meio da transformação da natureza que o homem se torna homem.

Desta forma, pode-se considerar que a subjetividade humana se constrói por meio e nas relações que os sujeitos estabelecem com o mundo, a partir dos significados atribuídos às situações vividas. Grande parte destas relações ocorrem

no contexto do trabalho. Desta forma o trabalho se constitui como um fator de fundamental importância para a construção da subjetividade humana.

### **2.1.1 A Presença da Mulher no Mundo do Trabalho**

O trabalho feminino existe desde a Antiguidade, contudo, a participação da mulher no mundo do trabalho foi diferente ao longo dos tempos. Assim, torna-se necessário a contextualização do trabalho feminino nos seus diferentes momentos históricos para que seja possível um melhor entendimento sobre este fenômeno.

Segundo Albornoz (1995) é uma “ilusão” pensar que o trabalho feminino seja uma novidade histórica, pois ele existe desde a Antiguidade, quando mulheres trabalhavam muitas vezes em serviços pesados como, por exemplo, a agricultura e o artesanato. Porém, estas atividades eram desenvolvidas pelas mulheres juntamente com suas famílias, dentro de casa ou perto do lugar do convívio familiar, sendo que os filhos estavam sempre junto de suas mães enquanto elas desenvolviam seus trabalhos, visando à subsistência de sua família.

Desta forma, ao saber que na Antiguidade e Idade Média as mulheres sempre trabalharam em serviços pesados, cabe a pergunta: Qual será a diferença do trabalho feminino na Antiguidade para o trabalho feminino na contemporaneidade? A diferença maior se encontra nos locais de trabalho e na posição social que a mulher ocupava na Antiguidade e passou a ocupar na contemporaneidade.

Canezin (2004, p. 145) explana que, a posição de submissão da mulher ao seu marido acontece deste a narrativa bíblica da criação. Na antiga sociedade grega as mulheres eram privadas dos direitos civis, bem como não tinham autorização para realizar transações jurídicas, caso quisessem comprar ou vender imóveis precisavam ser representadas por seus tutores, sempre alguém do sexo masculino, podendo ser seu pai ou irmão. Os únicos direito que as mulheres gregas possuíam era o casamento legal e a geração de herdeiros legítimos. Essa posição de inferioridade feminina perdurou por milênios.

Todavia, segundo Probst (2003) o contexto de submissão e não participação da mulher na vida política e pública ganhou maior visibilidade com as duas grandes guerras mundiais, quando homens partiam para as guerras, para lutar frente a um exército e mulheres ficavam encarregadas de cuidar do lar e dos filhos. Porém, esse contexto de submissão começa a sofrer transformações. Quando ao final das guerras homens eram mortos ou ficavam impedidos de retornar ao trabalho, desta forma, suas mulheres se sentiam no dever de sair do meio privado e entrar no mundo do trabalho, como forma de dar continuidade as tarefas desenvolvidas pelos seus maridos. Sobre este fato Sina (2005, p. 23-24) afirma que “[...] como milhares de homens foram deslocados para o palco das batalhas, na Europa, as mulheres tomaram as rédeas da produção, nas linhas de montagem das fábricas”.

De acordo com Sina (2005) o início do século XX foi um momento de grandes mudanças, marcado pelo surgimento de novas tecnologias como o telefone, motor a explosão, lâmpada elétrica, criação da primeira fábrica de automóveis no EUA, eclosão da primeira guerra mundial e logo acontece a explosão da informática que veio a ser ferramenta importante no mundo do trabalho globalizado. Tudo isso aconteceu muito rápido e as transformações ocorridas foram se solidificando com o tempo. Tais mudanças produziram uma transformação de visão de mundo das pessoas e foram importantes para a quebra de alguns paradigmas, entre eles, o da fragilidade feminina. As mulheres neste momento histórico, começam a ganhar espaço na sociedade, assumiram em primeiro lugar, as linhas de montagem e logo foram, a passos lentos, ascendendo na escala hierárquica. Porém, tudo isso, com um certo receio de que, uma hora ou outra, esta mulher poderia largar tudo e ir cuidar de seus afazeres domésticos e de sua família (SINA, 2005).

Para Sina (2005), dentre as mudanças ocorridas no século XX, a globalização seria a mais recente, no qual as grandes empresas têm núcleos em todo o mundo. As organizações de trabalho selecionam pessoas que não tenham problemas em mudar de cidade, país. Tudo isso em benefício do trabalho. Entretanto, tal fenômeno se torna um desafio para a mulher, pois esta pode se ver em situações não muito confortáveis, tendo que levar em consideração a opinião de todos da sua família no caso de aceitar uma nova oportunidade de trabalho.

Segundo Fonseca (2000), a partir do século XVIII, o trabalho executado à mão (manufatura) foi substituído pelo uso de máquinas no processo de produção. Tal fato acarretou em uma menor dependência do trabalhador, pois máquinas passaram a fazer o trabalho antes feito por homens. Sendo assim não era mais necessário somente a força física/muscular, mas sim uma nova forma de trabalho e essa nova forma é encontrada no trabalho de mulheres e crianças “[...] uma força de trabalho considerada mais dócil e menos resistente às condições impostas pelo capital” (FONSECA, 2000, p. 88).

A era industrial fez com que o trabalho feminino fosse requisitado como força de trabalho, pois a exigência da força física e muscular foi substituída por máquinas e o sistema passou a buscar uma mão-de-obra menos reivindicatória e mais submissa, além das habilidades motoras dessas mulheres, já que operar máquinas implica mais coordenação motora do que força braçal. Assim, as empresas manteriveram mais altas as margens de lucro. Outra questão sobre o trabalho feminino foi o momento em que ocorreu o afastamento de casa e de suas famílias, ocasionado pelo engajamento de mulheres com as indústrias de trabalho (ALBORNOZ, 1995).

A consolidação do capitalismo aliado ao surgimento de máquinas e às novas tecnologias, trouxeram mudanças na organização do trabalho feminino, quando mulheres foram transferidas de seus trabalhos, para produzir bens de consumo nas fábricas (PROBST, 2003). Portanto, o capitalismo e a Revolução Industrial, foram momentos marcantes para a participação da mulher como força de trabalho. Cabe ressaltar também, que o mundo público antes do modo de produção capitalista, era, na sua maioria, ocupado por homens, sendo estes os principais provedores da família. Isto mudou pela inserção da mulher no mercado de trabalho.

Ardailon (1997) discorre que o trabalho feminino, no meio público, ocorre desde a revolução industrial, porém este visava somente a garantia do sustento dos filhos. Desta forma, encontram-se diferenças do trabalho feminino na época da revolução industrial para o trabalho da mulher na atualidade, quando não se trabalha mais visando um sustento momentâneo e sim, almejando um projeto. Assim, trabalhar, para a mulher de classe média, além de ter um significado de remuneração é também um projeto pessoal e individualizador. Segundo Ardailon (1997, p. 34) “profissionalizar-se é adquirir outra identidade, outro modo de sociabilidade”.

Cabe ressaltar que, mulheres de classe popular sempre trabalharam, tendo em vista que o sentido do trabalho para estas mulheres está na forma de garantir as suas necessidades, tendo que auxiliar na renda mensal de sua família (FONSECA, 1989 apud ALMEIDA, 2007). Entretanto, para a mulher de classe média o trabalho é uma conquista recente, sendo este, reforçado a partir da década de 1970, onde o movimento feminista teve grande impacto nesta conquista (ALMEIDA, 2007). O trabalho, para a mulher de classe média, assume um sentido de realização pessoal, ou seja, a mulher trabalha não apenas para garantia de suas necessidades, como também, visando alcançar um projeto pessoal (VELHO 1987 apud ALMEIDA, 2007).

De acordo com Golderberg (2001), um marco importante, como dito anteriormente no que diz respeito a maior participação da mulher no mercado de trabalho, foi o movimento feminista. Este ocorreu no final da década de 1960 e início da década de 1970 e foi responsável pelas transformações dos papéis femininos na sociedade brasileira. A maior participação da mulher no espaço público, profissional e político foi decorrente deste movimento. Questões como: direito ao voto feminino, criação da legislação trabalhista de proteção ao trabalho feminino, conquista de espaço no mercado de trabalho e luta pela igualdade entre homens e mulheres foram pontos de reivindicação das mulheres do movimento feminista. Entretanto, assuntos ligados a sexualidade feminina, era algo repudiado entre as mulheres do movimento. Estas preferiam discutir assuntos referentes à política e a trabalho.

O movimento feminista trouxe mudanças radicais no modo de viver de mulheres. Criaram-se novas exigências, ambições e culpas, questões estas que na Antiguidade não preocupavam as mulheres. Isto acarretou em uma sobrecarga para as mulheres, onde muitas delas ficaram estressadas, competitivas e preocupadas com questões como dinheiro, consumo e carreira profissional (GOLDENBREG, 2001).

Segundo Bruschini (2007, p. 03), citando dados do (IBGE, 2006), a queda da taxa de fecundidade, a redução no tamanho das famílias, o envelhecimento da população, a “sobre-presença” feminina na população idosa e o aumento de famílias chefiadas por mulheres, são algumas transformações ocorridas nas últimas décadas do século XX que tiveram um forte impacto no aumento da população feminina no mercado de trabalho. Contudo, não só transformações

demográficas foram responsáveis pela maior participação feminina no mercado de trabalho; sobre este fato Bruschini (2007, p. 3-4) indica:

Mudanças nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher alteram a identidade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho remunerado. Ao mesmo tempo, a expansão da escolaridade e o ingresso nas universidades viabilizaram o acesso delas a novas oportunidades de trabalho.

Segundo Probst (2003) a participação da mulher no mercado de trabalho está baseada em duas questões: baixa de fecundidade e o aumento do nível de instrução da população feminina. A autora indica também que mulheres estão adiando seus projetos pessoais, como a maternidade, para consolidar sua posição no mercado de trabalho. A redução do número de filhos é apontada como um dos fatores que contribui para facilitar a presença da mão-de-obra feminina no mercado. Conforme Bruschini (2000, p. 17), mulheres casadas procuram cada vez mais o mercado de trabalho, seja por questões financeiras, quando estas precisam complementar a renda familiar, pela escolaridade avançada, pela diminuição do número de filhos ou até mesmo por mudanças na identidade feminina e nas relações familiares. Mas, o trabalho no meio público não as exime do cuidado da casa e dos filhos.

Muitas mulheres, ainda assim, optam por trabalhar e ter filhos. Esta escolha faz com que, além de trabalhar fora de casa, estas trabalhem também no lar, o que constrói uma dupla jornada de trabalho. Isto sobrecarrega estas mulheres não só fisicamente, mas também psíquica e socialmente.

## 2.2 A MATERNIDADE E O AMOR MATERNO: UM FENÔMENO SOCIAL

Durante muito tempo a mulher foi vista na história como reprodutora de filhos, servindo somente para a procriação e conseqüentemente para a perpetuação da espécie. Assim, a maternidade é compreendida por muitas pessoas como um fenômeno somente biológico, ou seja, tem-se uma equação na qual se compreende a mulher somente como igual a mãe, como se todas as mulheres tivessem um instinto nato para exercer a maternidade.

Porém, ver-se-à ao longo deste capítulo, que o instinto materno, bem como o amor materno, nem sempre foram da forma como é hoje. Estes são fenômenos que variam de uma sociedade para a outra, uma vez que dependem de aspectos sociais, econômicos e psicológicos. Cabe ressaltar que, não se trata aqui de negar o sentimento materno, mas sim de levantar pontos que evidenciem as suas diferenças ao longo dos tempos.

Badinter (1985, p. 25) salienta que qualquer estudo sobre comportamentos maternos deve levar em consideração a mulher como um ser “relativo” e “tridimensional”. Relativo, pois existe uma dupla relação de criação, onde a mulher só poderá conceber um filho com a ajuda do pai e “tridimensional”, pois além dessa dupla relação deve-se levar em consideração a mulher como um ser humano com características próprias, ou seja, um ser individual mesmo envolto em um meio social. A partir disto, começa-se a pensar a maternidade como um fenômeno que não depende somente da condição feminina, ou seja, precisa-se da ajuda de outras pessoas para a maternidade se concretizar.

Conforme Badinter (1985) durante grande parte da história (época medieval e início do século XVIII) as crianças eram vistas como seres amedrontadores e insignificantes, não havendo nenhum interesse por parte da família em ficar com esta criança. O índice de infanticídio era muito alto e um fato ocorrente no século XVIII era o envio de crianças para a casa das amas de leite. Este se tornou um fenômeno comum entre as mulheres de diferentes camadas sociais. Mostra-se desta forma, um sentimento de pouco valor e desprezo pelas crianças, algo muito diferente do que ocorre na atualidade, visto que o ser criança possui grande significância nas sociedades atuais. Conforme Ariés (1981) o carinho e o amor não eram demonstrados na época medieval e início do século XVIII.

Assim, evidenciam-se mudanças na concepção de infância ao longo dos séculos, ou seja, nem sempre o nascimento de uma criança foi compreendido como algo positivo, ao contrário, durante muito tempo o nascimento de uma criança foi percebido como um acontecimento sem significância (ÁRIES 1981). O período da infância era resumido ao seu período mais frágil, logo que a criança conseguisse ser um sujeito mais autônomo esta era jogada no meio de pessoas adultas. A socialização e a educação desta criança eram feitas por adultos, estes não membros de sua família, pois, desde muito cedo, as crianças eram separadas de suas famílias de origem (BADINTER, 1985).

Conforme Ariés (1981), o sentimento predominante da mãe para com o bebê era de frieza e desinteresse, tendo em vista a grande ocorrência de mortes de crianças antes que elas completassem um ano de idade. Assim, evitava-se apegar-se a um ser que logo viria a falecer. Tal sentimento é contrário ao que ocorre na atualidade, visto que a morte de uma criança é compreendida como uma perda irreparável, devido a valorização da infância. Conforme já dito, no final do século XVIII, a taxa de mortalidade infantil era muito alta, portanto, sendo um fato numeroso a morte de uma criança era vista como um acidente sem importância (BADINTER, 1985). Portanto, a maternidade, na época medieval até final do século XVIII, não assumia importância nas famílias.

Conforme Bauman (2004, p. 58) houve uma época em que os filhos representavam bons investimentos para os pais, uma vez que a chegada de um filho era, acima e tudo, a expectativa de melhoria do bem-estar da família. Pois, como naquela época a expectativa de vida era curta, todos se perguntavam se as contribuições daquele filho à família se fariam sentir. Em outra época, segundo Bauman (2004, p.58) “os filhos eram pontes entre a mortalidade e a imortalidade, entre uma vida individual abominavelmente curta e a infinita (esperava-se) duração da família”. Assim, percebe-se que a criança possuía valores diferentes em épocas distintas.

Badinter (1985, p. 145) utiliza um termo com o qual denominou “revolução das mentalidades”, para situar um período (final do século XVIII) onde se altera drasticamente a imagem de mãe, seu papel e sua importância. O amor materno aparece como um conceito novo, não que este não tenha existido nas décadas antecedentes, a diferença “[...] é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade” (BADINTER, 1985, p. 145-146). Braga e Amazonas (2005, p. 13) falam que:

No final do século XVIII, principalmente no século XIX, a mulher aceitou o papel de boa mãe, ainda que isso não tenha se dado de forma homogênea. Os novos discursos relativos à maternidade e a família ditaram o perfil dessa mulher, agora mãe, dedicada em tempo integral, responsável pelo espaço privado, privilegiadamente representado na família.

A partir deste momento na história, ocorre um aumento nas publicações sobre o amor materno, no qual a mãe assume o cuidado dos seus filhos, tendo que abdicar de sua vida pela vida da criança (BADINTER, 1985). Um dos indicadores de

mudança acerca do comportamento materno se dá pela amamentação, quando mães passam a amamentar os seus filhos, não vendo este fato, como sendo um ato incompatível. Outro indicador se refere às mudanças nas famílias, quando se passa a valorizar o aspecto afetivo em torno da mãe (CORREIA, 1998). Giddens (1993, p. 53) salienta que “o controle das mulheres sobre a criação dos filhos aumentou à medida que as famílias ficavam menores, e as crianças passaram a ser identificadas como vulneráveis e necessitando de um treinamento emocional a longo prazo”. Criou-se a idéia de que para a mulher se sentir realizada e plena de sua feminilidade, ela precisaria exercer a maternidade (TEIXEIRA, 1997).

De acordo com Correia (1998, p. 368), “começa a considerar-se a criança o objeto de valor privilegiado na atenção materna; insiste-se em que a mulher se sacrifique para a melhor qualidade de vida do filho”. Assim, segundo Badinter (1985), é no século XIX que o mito do amor materno como sendo algo espontâneo começa a se iniciar, sendo este mito duradouro até a atualidade.

Giddens (1993, p. 53) ao falar em amor romântico, refere-se a um amor “feminilizado” quando “a idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade, e sem dúvida alimentou diretamente alguns dos valores propagados sobre o amor romântico”. O autor aponta que as idéias acerca do amor romântico aproximam-se muito da subordinação da mulher. Giddens (1993, p. 52-53) discorre:

O surgimento da idéia do amor romântico tem de ser compreendido em relação a vários conjuntos de influências que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII. Um deles foi a criação do lar, já referido. Um segundo foi a modificação nas relações entre pais e filhos; um terceiro, o que alguns chamaram de a invenção da maternidade.

As famílias até o século XIX se configuravam em uma formação patriarcal. Entretanto, para Giddens (1993, p. 53), no final do século XIX houve um declínio do poder do pai nas famílias, sendo este poder transferido para a “afeição maternal” da mãe. É quando neste momento surge a idéia do amor romântico e do amor materno.

Apesar de o amor materno ter sido considerado por muito tempo instintivo, ou seja, que toda a mulher independente da cultura ou da situação sócio-econômica tivesse que reconhecer este sentimento, Badinter (1985), em seu livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno” afirma, por meio de uma extensa

pesquisa, que o sentimento materno é algo construído pelas sociedades, não se tratando de um sentimento inato, ou seja, que já nasce com todas as mulheres. Portanto, a idéia de amor materno, o qual todas as mulheres deveriam sentir, trata-se de um “mito” justamente por esse sentimento ser conquistado, através da convivência com a criança.

Badinter (1985) apresenta no seu livro que o sentimento pela infância mudou ao longo da história, este sofreu grandes variações, tanto que muitas mulheres no século XVIII, como já foi dito, entregavam seus filhos para serem criados por amas-de-leite, sendo que já sabiam que era muito improvável tê-los de volta, tendo em vista o grande número de crianças que morriam naquela época.

Conforme Escavone (2004) o período da industrialização provocou mudanças no modelo tradicional de maternidade, ou seja, as proles numerosas foram substituídas pelas proles reduzidas, bem como, possibilitou o maior acesso da mulher à educação formal e ao mercado de trabalho. Tais acontecimentos foram decisivos para que a mulher repensasse a escolha de ser mãe. Ao longo do século XX, de acordo com Escavone (2004, p. 174), “ser ou não ser mãe passou a ser uma dimensão reflexiva, a ser uma decisão racional, influenciada por fatores relacionados às condições subjetivas, econômicas e sociais das mulheres, e também do casal”. O que demarca grandes transformações, pois durante séculos esta escolha não era possível para a mulher, tendo em vista que seu papel social de mãe era determinado a priori.

De acordo com Escavone (2004, p. 175):

A escolha da maternidade está ligada a numerosas causas que, isoladas ou conjuntamente, se explicam no ponto de interseção do biológico, do subjetivo e do social: o desejo atávico pela reprodução da espécie ou pela continuidade da própria existência; a busca de um sentido para a vida; a necessidade de valorização e de reconhecimento social [...].

Para Escavone (2004, p. 143), faz-se necessário dissociar a maternidade somente do aspecto biológico e deve-se compreender esta como um fenômeno “social” e “antropológico” para, assim, entender os muitos outros aspectos que implicam o ser mãe, bem como as variações deste fenômeno na sociedade e na história. Para Correia (1998, p. 365) o estudo completo sobre os aspectos psicológicos que envolvem a maternidade, somente podem ser possíveis se forem olhados de forma antropológica, social e histórica. Portanto, fogem do determinismo

biológico. Segundo Escavone (2004), outro fato que deve ser considerado são as questões culturais e subjetivas que envolvem a maternidade, quando o ter filhos é uma decisão muito pensada pelo casal atual, uma vez que as técnicas contraceptivas deram a mulher a condição de negar a maternidade como algo biológico e irreversível. Para Escavone (2004, p. 144) “negar a maternidade significa que ela pode ser uma escolha e um direito, cuja decisão final fica a cargo das mulheres, suas principais autoras”.

### **2.2.1 Sobre a Maternidade**

Por muito tempo a sociedade foi predominantemente patriarcal, quando o homem tinha o total poder sobre a família. Entretanto, a mulher passou a desempenhar um papel importante na sociedade e isso ocorreu concomitantemente com o declínio do poder do pai. A ascensão desta mulher ocorreu entre outras coisas, pela valorização da maternidade. Assim, ao longo do tempo a mulher passou a exercer outras atividades além da maternidade, como o trabalho no meio público (BRAGA; AMAZONAS, 2005).

Conforme Braga e Amazonas (2005) a maternidade, principalmente a partir do século XVIII, passou a ser o ideal máximo da mulher, quando a valorização do ser mulher dependia de quantos filhos esta viria a ter. Contudo, para as mulheres inférteis este era um motivo de grande sofrimento, pois estas não mais poderiam exercer o papel tão esperado por todos que, no caso, seria a maternidade. Braga e Amazonas (2005) citam em seu artigo, um estudo realizado por Trindade e Enumo (2002, p. 15), no qual se discute a questão da infertilidade no imaginário social de mulheres. Os autores apontam para um sentimento de idealização no que refere ao ser mãe e a maternidade aparece como um “salto qualitativo” na vida de uma mulher, sendo que quando este “salto qualitativo” não ocorre, a vida perde o sentido e a busca pela maternidade passa a ser o seu maior objetivo de vida.

O fenômeno da maternidade se torna uma exigência entre as mulheres, pois estas são os únicos seres capazes de dar à vida a outra pessoa. Assim, a mulher se sente responsável em cumprir seu “destino social”. De acordo com

Escavone (2004, p. 143) “quando falamos em maternidade, não podemos ignorar, em primeiro lugar, uma de suas faces mais evidentes: a da responsabilidade feminina na reprodução humana [...]”. A partir disto, o que aconteceria se as mulheres resolvessem não ter mais filhos? Poderíamos supor que a espécie humana se acabaria e isso se torna um fardo difícil de carregar.

Ardailon (1997, p. 123) em pesquisa sobre trabalho feminino e maternidade, pergunta às mulheres: “qual a sua fala a respeito da maternidade? O que é [...] a vivência de uma mãe hoje em dia?”. Constata-se na fala das participantes da pesquisa um sentimento de transformação com a chegada de um filho, mostrando desta forma o importante significado dado à maternidade para algumas mulheres. A autora fala que a maternidade “é uma experiência radical sob os aspectos anatômicos, fisiológicos, psicológicos e sociais [...]” (ARDAILLON, 1997, p. 124) e também que a identidade da mulher deve ser reconstruída após a experiência da maternidade, sendo esta uma experiência transformadora na vida de qualquer mulher. A partir disto, presume-se que o nascimento de uma criança acarreta em transformações radicais na vida de uma mulher, não somente desta, mas também da família na qual ela está inserida. Presume-se, desta forma, que a maternidade virá a alterar tanto a identidade pessoal quanto a identidade profissional, uma vez que esta mulher encontra-se muitas vezes realizando atividades no mundo do trabalho.

## 2.3 A QUESTÃO DO GÊNERO

Sendo uma pesquisa que trata de dimensões significativas na vida de uma mulher, como o trabalho e a maternidade, cabe trazer a discussão sobre gênero, pois a partir dos entendimentos sobre tal temática, torna-se possível uma melhor compreensão de questões que permeiam o gênero feminino.

De acordo com Cappelle (CAPPELLE; MENDONÇA; CAITANO, 2007), as primeiras abordagens sobre gênero, atribuíam às diferenças biológicas de cada sexo como sendo responsáveis pela desigualdade entre homens e mulheres. Todavia, começasse a entender gênero de uma maneira diferente, na qual, não há lugar para o determinismo biológico e sim para as experiências vividas por homens

e mulheres, onde estas são atribuídas aos papéis sociais de cada sexo sendo a cultura determinante neste processo.

Para Strey (2000, p. 185) o conceito de gênero deve ser estudado em qualquer contexto em que se estabelecem questões de desigualdade, ou seja, no “[...] trabalho, escola, família, personalidade, identidade, grupos, sociedade, cultura”. Ao entender o conceito de gênero como um fenômeno social, torna-se possível um melhor entendimento, assim como melhores intervenções, em situações geradoras de desigualdade.

Conforme Strey (2000) os estudos sobre gênero eram reduzidos à psicologia social. Foi preciso o estabelecimento das crescentes dos movimentos feministas, bem como a crise da psicologia social, que tiveram início antes do século XX. Para que isso mudasse, hoje diversas abordagens em psicologia lançam o seu olhar para a temática gênero. Porém, a psicologia social que olha criticamente para a sociedade, cultura e história é a que mais produz conhecimento sobre tal tema. Assim, é a teoria que mais tem intimidade com o tema gênero.

Cabe neste momento trazer a importância dos movimentos feministas acerca dos estudos sobre gênero. Estes tiveram grande importância para que os termos sexo e gênero fossem vistos como conceitos diferentes (STREY, 2000, p. 182). Conforme Scott (1990, p. 5) a palavra gênero teve sua origem com as feministas americanas que ressaltavam a importância da distinção entre sexo e gênero, quando a palavra gênero aponta para um distanciamento do “determinismo biológico”. Já a palavra sexo segundo Strey (2000, p. 5) se refere às características fisiológicas relativas à procriação, à reprodução biológica, bem como às características anátomo-fisiológicas dos seres humanos. Para Scott (1990, p. 7) “o uso de ‘determinismos biológicos’ para explicar a subordinação da mulher ou a autoridade do homem são equivocadas uma vez que [...] gênero torna-se, antes, uma maneira de indicar ‘construções sociais’- a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.”

Portanto, homens e mulheres se diferenciam por terem hormônios e glândulas diferentes. Mas, em relação a comportamentos, atitudes, sentimentos e outros aspectos, estes são moldados pelo ambiente no qual vivem. Conforme Oakle (apud STREY, 2000, p. 183) “enquanto as diferenças sexuais são físicas, as diferenças de gênero são socialmente construídas”.

Strey (2000, p. 182-183) discorre:

O sexo biológico com o qual se nasce não determina, em si mesmo, o desenvolvimento posterior em relação a comportamentos, interesses, estilos de vida, tendências das mais diversas índoles, responsabilidades ou papéis a desempenhar, nem tampouco determina o sentimento ou a conseqüência de si mesmo/a, nem das características da personalidade, do ponto de vista afetivo, intelectual ou emocional, ou seja, psicológico. Isso tudo seria determinado pelo processo de socialização e outros aspectos da vida em sociedade e decorrente da cultura, que abrange homens e mulheres desde o nascimento a ao longo de toda a vida, em estreita conexão com as diferentes circunstâncias socioculturais e históricas. Os seres humanos têm diferenças sexuais, mas, de maneira semelhante a todos os outros aspectos de diferenciação física, elas são experienciadas simbolicamente. Nas sociedades humanas, elas são vividas como gênero.

Assim, diante da citação acima, mostra-se que a idéia de que há características naturais de cada sexo, como por exemplo: a mulher como “personalidade” fraca, afetuosa, submissa, fraca intelectualmente e o homem como “machão”, forte, autoritário e inteligente, mostram-se sem fundamento, uma vez que entende-se que a sociedade, a cultura e a história moldam os comportamentos das pessoas. Mulheres e homens são distinguidos por terem algumas diferenças, porém não se trata aqui de negar tais diferenças e sim entendê-las como construções sociais. Sina (2005) cita em seu livro a autora Simone Beauvoir para dizer que “não se nasce mulher; torna-se mulher”, o mesmo ocorre com os homens.

Conforme Strey (2000) gênero de alguma forma está ligado às diferenças sexuais, porém não em relação as diferenças fisiológicas, o gênero irá depender de como uma sociedade compreende a transformação de uma fêmea em uma mulher e da compreensão da sociedade em relação a transformação de um macho em um homem. “Cada cultura tem imagens prevaletentes do que homens e mulheres devem ser” (STREY, 2000, p. 183). Com tudo dito, surge uma questão: O que acontecerá se uma criança do sexo feminino ao nascer for educada e socializada como um menino?

Ao nascer, a criança já se encontra envolta em um meio social. Assim, é esperado que essa criança realize tarefas que a elas são determinadas. Pois, conforme dito anteriormente por Strey (2000) cada sociedade tem expectativas do que devem ser homens e o que devem ser mulheres. Desta forma, atividades como, brincar de boneca, desmontar bonecas e brincar de casinha são realizadas por meninas. Acontece o mesmo com os meninos, onde andar de bicicleta, jogar bola e brincar de carrinho são atividades realizadas por meninos. A partir disto, vai-se

criando idéias de como homens e mulheres são construídos, ou seja, se a mulher brinca de casinha, logo, ela será uma boa mãe, afetuosa e carinhosa.

Cabe ressaltar também que, algumas profissões são escolhidas por homens e por mulheres devido a sua forma, ou seja, cria-se no imaginário social as profissões femininas e as masculinas, estas por sua vez são escolhidas por homens e mulheres por estes acreditarem que certas profissões assumem um caráter feminilizado e masculinizado. Assim, não levam em consideração o conteúdo das profissões e sim a sua forma. Conforme Whitaker (1997, p. 57), “[...] há profissões masculinas e profissões femininas, o que pouco tem a ver com o conteúdo da profissão e se explica muito mais em função de papéis sociais representados por homens e mulheres na sociedade tradicional”.

Consideram-se profissões femininas, aquelas que envolvem aspectos referentes à características e habilidades femininas, sendo estas construídas por aspectos sociais, como por exemplo, os aspectos que se referem a docilidade, submissão, afeto e cuidado. Assim, profissões como, enfermagem, psicologia e pedagogia são na sua maioria exercida por mulheres. Entretanto, profissões que exijam força, inteligência intelectual e raciocínio lógico são realizados por homens, uma vez que, assumem um caráter masculinizado (WHITAKER, 1997). Portanto, percebe-se que o sexismo das profissões está relacionado aos papéis sexuais de homens e mulheres. Conforme Strey (2000, p. 187) “colocar o foco somente nas diferenças sexuais é ignorar a criatividade cultural”.

Para Scott (1990, p. 14) gênero “é um elemento constitutivo de relações sexuais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado à relações de poder”.

Strey (2000, p. 185) aponta em seu texto a “questão da hierarquia de gênero”, [...] na qual o poder e o controle social sobre o trabalho, os recursos e os produtos, são associados a masculinidade” (GAILEY apud STREY, 2000, p. 185). A autora presume que o patriarcado é uma questão de hierarquia de gênero, onde o poder e a autoridade ficam sob o controle dos homens, as mulheres são relegadas ao espaço privado e a elas restam a obediência e a submissão. Nas sociedades patriarcais, elas desenvolvem a autoridade algumas vezes. Porém, somente ao exercer o papel de mãe.

A questão da hierarquia de gênero pode ser observada não só no patriarcado, como também nas sociedades atuais, percebendo desta forma, os

resquícios daquele. Pois, embora a mulher tenha dado um salto no mercado de trabalho e ser o gênero com maior nível de instrução, ou seja, existe maior número de mulheres em universidades do que homens, elas ainda continuam a ganhar salários inferiores aos dos homens. Bruschini (2000, p. 56), chama atenção para o fato citado acima, quando:

As trabalhadoras mais qualificadas predominam em empregos tradicionais femininos, como o magistério, a enfermagem e o serviço social. Os baixos salários e as desigualdades entre elas e os colegas continuam a fazer parte do seu mundo de trabalho. Nada disso parece ter sofrido grandes mudanças.

Na atualidade, segundo Strey (2000, p. 185), “o poder social [...] é identificado com atributos considerados masculinos. Pessoas do sexo masculino ou feminino podem desempenhar papéis, através dos quais o poder pode ser exercitado, mas eles permanecem com papéis masculinos”. De acordo com Capelle (CAPPELLE; MENDONÇA; CAITANO, 2007), apesar da entrada em massa da mulher no mercado de trabalho, esta ainda ocupa os postos de trabalho com menores salários, bem como cargos que exijam pouca qualificação profissional, uma vez que, predomina fortemente uma divisão entre os sexos no mercado de trabalho, sendo este socialmente segregado.

Para Scott (1990) é muito comum a utilização de “gênero” como sinônimo de mulheres. Porém, a autora acredita ser uma visão simplista e reduzida do fenômeno uma vez que “gênero tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres” (SCOTT, 1990, p. 7). Todavia, apesar de ser uma visão simplista, gênero é utilizado principalmente para explicar a subordinação de mulheres bem como a divisão sexual do trabalho. Portanto, torna-se impossível estudar o gênero feminino sem estudar o gênero masculino, um está interligado ao outro. Ao fazer a separação entre os sexos cria-se a idéia do estudo das “esferas separadas” onde prevalece a idéia de que um sexo nada tem a ver com o outro (SCOTT, 1990). De acordo com Strey (2000, p. 184):

É impensável conhecer a história do desenvolvimento de ambos os gêneros, assim como é importante estudar todas as classes para compreender o significado e alcance da história de como funcionou e funciona a ordem social ou para promover sua transformação.

Para Torrão Filho (2005), o texto de Joan Scott (1990) presume gênero não apenas como o estudo de mulheres e sim como uma categoria útil a história. Este pode lançar luz tanto para a história de mulheres com para a história dos homens, bem como a relação entre os sexos, além do que, pode ser útil para a análise das desigualdades e hierarquias sociais. Portanto, sendo gênero uma categoria de análise, este, além de acrescentar novos temas, pode também propor transformações sobre os paradigmas do conhecimento tradicional já existente.

Portanto, a partir das discussões teóricas realizadas neste trabalho, pretende-se, neste estudo, compreender a auto-imagem de mulheres que trabalham e que optaram por não ser mães. Pode-se perceber, por meio do referencial teórico deste trabalho que, o trabalho feminino e a maternidade são grandes dimensões do universo feminino e, por ser assim, a busca pela compreensão acerca de mulheres que priorizam a carreira profissional em detrimento da maternidade são pertinentes, pois buscará compreender como tais mulheres se percebem nesta escolha.

### 3 MÉTODO

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa buscou compreender a auto-imagem de mulheres que trabalham e que optaram por não ser mães. Esta compreensão foi feita mediante a percepção dessas mulheres. Desta forma, o método adotado para a realização desta pesquisa é de natureza qualitativa, pois, conforme afirma Minayo (1994, p. 21-22), esta:

Trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Com base nos seus objetivos, esta pesquisa é classificada como exploratória, pois tem por objetivo “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses [...], têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41).

O delineamento desta pesquisa foi o estudo de caso que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (GIL, 2002, p. 54).

#### 3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A intenção inicial desta pesquisa era a de realizar a coleta de dados com mulheres que estariam inscritas nos seguintes critérios: deveriam exercer algum tipo de trabalho remunerado; ter um relacionamento estável; com idade entre 35 e 45 anos; não deveriam possuir filhos por escolha própria; e não poderiam ter nenhum impedimento biológico. No entanto, percebemos dificuldades em encontrar mulheres exatamente inscritas nesses critérios. Portanto, decidimos modificar

alguns critérios, a fim de que a pesquisa não fosse comprometida. Neste caso, passou-se a aceitar entre as sujeitas pessoas não casadas e com menos de 35 anos. Destacamos que todas as participantes da pesquisa são “pertencentes à classe média, considerando o padrão financeiro e cultural.” Os critérios de inclusão das participantes da pesquisa nortearam-se por acreditarmos que, mulheres com idade entre 35 e 45 anos estariam mais decididas sobre a opção de não ter filhos. Além deste critério, buscamos mulheres casadas, para verificar as decorrências da escolha por não ter filhos para a família e marido, supondo que as conseqüências desta escolha teriam um impacto social diferente para uma mulher casada. Ter um trabalho remunerado justifica-se para poder compreender o sentido do trabalho para estas mulheres e para verificar as prioridades pessoais delas.

Apresentaremos aqui, sucintamente, as características pessoais e profissionais de cada sujeita de pesquisa, já que os dados completos serão descritos no estudo de caso de cada mulher investigada. As mulheres participantes desta pesquisa terão seus nomes preservados e serão representados por nomes fictícios.

- A primeira sujeita investigada foi **Lara** – é casada, não têm filhos por escolha própria, possui 38 anos e exerce um trabalho remunerado;
- A segunda sujeita investigada foi **Ruti** – possui um relacionamento estável, não possui filhos por escolha própria, têm 40 anos e exerce um trabalho remunerado.
- A terceira sujeita investigada foi **Ana** – esta optou por não ter filhos, é casada, exerce um trabalho remunerado, porém tem 33 anos, dois anos a menos do estabelecido inicialmente.

Desta forma, participaram desta pesquisa 3 (três mulheres) que foram selecionadas de forma intencional. Cabe ressaltar, que todas as entrevistadas residem e trabalham na região da Grande Florianópolis.

A tabela 1 apresenta as características pessoais e profissionais das participantes da presente pesquisa.

Tabela 1 – Características pessoais e profissionais das mulheres investigadas

Nome	Idade	Grau de escolaridade	Estado civil	Profissão	Tempo que trabalha na função	Renda Mensal (Aproximadamente R\$)
Lara	38	Ensino médio Completo	Casada	Gerente de uma clínica	21 anos	3.500
Ruti	40	Pós-graduação	Solteira	Corretora de imóveis	5 anos	5.000
Ana	33	Pós-Graduação	Casada	Advogada	+ou- 5 anos	Não informou

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

### 3.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Para a elaboração desta pesquisa foram utilizados os seguintes equipamentos e materiais: folha de papel A4, caneta, computador, impressora, *pendrive*, gravador de áudio, roteiro de entrevista impresso, termo de consentimento livre e esclarecido, livros e artigos científicos relacionados com o problema de pesquisa e trabalhos de conclusão de curso feitos por alunos dos semestres anteriores do curso de Psicologia da Unisul.

### 3.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE

O local da realização da entrevista foi decidido, em acordo, pela pesquisadora e participante. Portanto, não houve um local definido *a priori*. Segue abaixo a situação e ambiente de cada sujeita de pesquisa:

- **Lara** foi entrevistada na sua própria casa, após ter finalizado seu expediente de trabalho. No momento da entrevista o seu marido estava em casa, no entanto foi pedido para que ele fosse para outro cômodo da casa, para que assim fosse resguardado o sigilo necessário para a realização da entrevista.
- **Ruti** foi entrevistada no seu ambiente de trabalho, mas precisamente um em escritório. Cabe ressaltar, que a entrevista foi realizada na sala da

entrevistada. Portanto, não havia pessoas nem ruídos que interferiram na realização da entrevista.

- **Ana** também foi entrevistada no seu ambiente de trabalho, após o seu expediente. Não havia pessoas no escritório, além de pesquisadora e entrevistada, uma vez que já era fim de expediente.

Contudo dito, cabe mencionar que todos os ambientes foram adequados para a realização das entrevistas, de modo a resguardar o sigilo da conversa e impedir a presença de ruídos externos.

### 3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização da coleta de dados foi utilizado como instrumento a entrevista semi-estruturada (apêndice A). Considerando o tipo da entrevista, houve certa flexibilidade nas perguntas possibilitando a pesquisadora explorar os conteúdos necessários acerca do fenômeno estudado e, neste caso, existiu algumas variações nas perguntas, mantendo-se, contudo, o teor almejado pelos objetivos da pesquisa.

A entrevista semi-estruturada segundo Minayo (1999) é flexível, pois apresenta alguns tópicos a serem investigados, de acordo com o problema central, contudo permite obter o maior número de informações necessárias.

### 3.6 PROCEDIMENTOS

#### 3.6.1 Procedimento de Escolha dos Participantes

As participantes da pesquisa foram escolhidas por meio de contato com a rede social da pesquisadora, para que esta indicasse pessoas que se enquadrassem no perfil da pesquisa, bem como aceitassem a participação na

mesma. A pesquisa não foi realizada com pessoas anteriormente conhecidas pela pesquisadora, mas sim pessoas indicadas por elas. Desta forma, as participantes da presente pesquisa foram selecionadas de forma intencional.

Assim, participaram da pesquisa as três primeiras mulheres que concordaram.

### **3.6.2 Procedimento de Coleta de Dados**

Primeiramente, foi feito o contato pelo telefone com as participantes da pesquisa com o intuito de explicar o objetivo da pesquisa, bem como convidá-las para fazer parte da mesma. Após este primeiro contato, com o consentimento das participantes da pesquisa, foi agendado, o dia, local e hora das entrevistas, sendo que estas poderiam durar o tempo que elas achassem confortável. As entrevistas tiveram duração média de uma hora; a mais longa chegando a uma hora e vinte minutos e a mais breve chegando a quarenta minutos. Todas as participantes consentiram a gravação de sua entrevista.

As participantes fizeram a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e após as devidas explicações sobre o mesmo, todas assinaram. Após, foi entregue uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participante, para que assim pudesse se iniciar a coleta de dados propriamente dita.

### **3.6.3 Procedimento para Organização, Tratamento e Análise dos Dados**

Após a realização das entrevistas com as participantes da pesquisa, foi feita a transcrição literal das mesmas. Os dados coletados a partir da fala das participantes da pesquisa foram agrupados em categorias e subcategorias de análise, sendo que estas foram construídas a *posteriori*, com base nos objetivos específicos. Posteriormente, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2004, p. 42):

é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] dessas mensagens”. Com as categorias e subcategorias estabelecidas, buscou-se articular as falas das participantes com a teoria estudada sobre o assunto.

Com as categorias e subcategorias estabelecidas, buscou-se articular as falas das participantes com a teoria estudada sobre o assunto.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Pretendemos neste capítulo apresentar os dados obtidos por meio do discurso das participantes da presente pesquisa, bem como analisar os mesmos. Por configurar-se como um estudo de caso, consideramos importante realizar a análise por pessoa entrevistada. Assim, este capítulo encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro subcapítulo serão apresentadas e discutidas as análises de Ruti. E, nos subcapítulos seguintes serão apresentadas e discutidas as análises de Lara e Ana.

### 4.1 QUEM É RUTI?

Ruti é uma mulher de quarenta anos, não tem filhos e atualmente é solteira. No entanto, possui um namorado com o qual namora há 3 anos e pretende casar em 2010. O seu namorado é um homem de cinquenta e dois anos, é advogado e contador e tem uma vida financeira estabilizada. Ele possui três filhos, um menino e duas meninas, todos filhos do seu primeiro casamento. Ruti menciona já ter sido casada, permaneceu na relação durante dois anos, porém rompeu o casamento com trinta e cinco anos, sobretudo, porque o ex-marido teve uma séria doença e não quis mais continuar a relação, alegando que não conseguiria mais fazer Ruti feliz, pois não tinha mais condições físicas para isso. Relata que o momento da separação foi um período difícil em sua vida, sobretudo pelo projeto de vida que ambos possuíam juntos.

Ruti é natural de São Paulo, veio morar em Florianópolis no ano de 1987, quando estava com dezessete anos, sobretudo com o objetivo de trabalhar e estudar. No princípio vieram somente ela e a irmã, no entanto com o falecimento do pai, a mãe passou a residir na mesma cidade das filhas. Diz que a sua mãe atualmente não trabalha, por motivos de saúde, contudo já trabalhou, principalmente, no comércio. O pai de Ruti é falecido e sua profissão era agricultor. Possui três irmãs, duas delas têm filhos. Na infância, diz ter trabalhado na roça com o pai e na adolescência comenta ter namorado bastante.

Com o fim do seu casamento, diz ter passado a morar com a mãe. Atualmente mora em uma casa somente ela e a mãe, no entanto menciona não ficar muito em casa, passa mais tempo na casa do namorado. Menciona ter ajudado a mãe na construção da casa, bem como ajuda nas despesas. Comenta que hoje pode viver com tranquilidade no aspecto financeiro, tem sua própria casa e seus investimentos, realidade diferente da sua infância e adolescência, onde vivia de forma contida. Cabe ressaltar que, Ruti nunca passou por privações, uma vez que seu pai trabalhava na roça e assim nunca faltavam alimentos para a família.

Como mencionado anteriormente, Ruti saiu da cidade onde nasceu com dezessete anos, começou trabalhando de faxineira, trabalho que fez durante cinco anos, juntamente com o trabalho fez curso supletivo. Passou no vestibular para Sociologia em uma universidade pública, diz que a partir deste período sua vida começou a mudar. Portanto, é formada em Sociologia, bacharelado e licenciatura e tem pós-graduação em RH. Trabalhou durante cinco anos em uma clínica médica, após este trabalho atuou por mais cinco anos na área médica. Após estas experiências profissionais foi com uma amiga para os EUA, ficou lá durante dois anos, onde trabalhava em bares e restaurantes. Desde quando voltou está trabalhando como corretora de imóveis, profissão que realiza há aproximadamente cinco anos. Menciona trabalhar no meio público desde seus dezessete anos, assim trabalha há vinte e dois anos.

Ruti se descreve como sendo: uma pessoa alegre, de bem com a vida, bem resolvida, gosta de viajar para conhecer o mundo, casou-se, separou-se e atualmente possui um namorado. Considera-se uma pessoa feliz, rápida, objetiva, não gosta de perder tempo, diz ser “curta e grossa no bom sentido”(sic). Menciona ter muitas colegas, porém amigas são quatro, estas da sua época de faculdade, diz que todas as suas amigas têm filhos e são casadas. Ruti quando não está trabalhando gosta de ir ao cinema, namorar, assistir TV, passear, curtir a família, ir a um barzinho, gosta de ir a bailes, frequentar restaurantes e ficar em casa.

#### 4.1.1 Sentido da Maternidade: Ruti

Para que pudéssemos entender o sentido que Ruti atribui à maternidade, foi criada uma grande categoria chamada “sentido da maternidade”. No entanto, percebemos que uma única categoria não daria conta de responder tal questão. Assim, criamos dez subcategorias, que tiveram o intuito de compreender de forma mais profunda qual o sentido e, como Ruti compreende a maternidade. Embora Ruti não seja mãe, presume-se, evidentemente, que esta signifique a maternidade de alguma forma.

Tabela 2 – Sentido da maternidade - Ruti

SUBCATEGORIA	UCE
<b>Mudança corporal</b>	<p>“Eu não tenho vontade de passar por barriga e peito, acho muito sofrimento”.</p> <p>“É tudo um conjunto, é tudo, é estética é tudo”.</p> <p>“Muda né, é um ano para engravidar, um ano para emagrecer, eu já sou meio traumatizada com estética, então eu quero passar essa fase, eu acho que eu iria me odiar. É capaz da gente ficar com depressão e até se separar do marido, eu conheço casos”.</p>
<b>Sufrimento</b>	<p>“É um conjunto que para mim não vale a pena. Eu sou muito prática nas coisas e isso para mim é muito sofrimento. Prefiro pular essa parte”.</p> <p>“[...] é mais fácil pular o sofrimento e ir para a alegria né?! (risos)”</p> <p>“Daí eu também penso nesse lado ‘pô, ‘passar por tudo isso’ fralda, mamadeira, bebê, barriga, peito acho que eu iria ficar tão chata, tão insuportável, então eu digo pra gente pular essa parte juntos”</p> <p>“Assim, todas as pessoas que eu vejo com neném eu penso “ai eu não quero passar por esse sofrimento aí” é muito trabalho eu vejo pelas minhas amigas que dizem que não é fácil, tem as alegrias. Mas, não é fácil o mundo está de cabeça para baixo”</p> <p>“se fosse eu hoje ter [filhos] seria muito sofrimento né, sofrimento e eu acho que (pausa) tumultua muito a vida né, então assim né, tem o lado bom né e o outro que é a dedicação né, aquela coisa de pequenininho”</p> <p>“eu vou ser feliz pulando essa fase”</p> <p>“é só sofrimento eu acho que é uma fase muito difícil e que eu não quero passar”</p> <p>“sempre relaciono a sofrimento , incrível né, mas é verdade.”</p> <p>“quanta alegria que vai te dar uma criança né, tristezas e alegrias. Mas, acho que muito mais alegrias do que tristezas.”</p>

<b>Realização</b>	<p>“[...] Acho que é alegria bastante”.</p> <p>“é uma vida nova, alegria, companhia é ter com que conversar e dar bons exemplos de vida é fazer um cidadão com bons exemplos como o meu pai sempre fez comigo também, formar um bom cidadão né.”</p>
<b>Ausência de desejo</b>	<p>“Eu nunca tive aquela vontade, assim, de ser mãe”.</p> <p>“Não era aquele desejo, assim, aquele sonho nunca tive aquele sonho forte assim [...]”.</p> <p>“Não penso nisso, nunca pensei... tanto que eu tirei duas crianças, uma em 1994 tive um marido que eu não gostava dele nunca tive remorso, e em 2006 também estava com uma pessoa que não queria e fui lá e tirei [realizou aborto], não tenho remorso nenhum...nada...nunca penso nisso”.</p> <p>“eu nunca me vi amamentando, eu nunca me vi oito nove meses grávida”</p>
<b>Criação</b>	<p>“E vai ser melhor pra mim ele [namorado] concorda né. Aquele sonho “aí quero ver o rostinho o narizinho do marido é um sonho, bonito, mas um sonho muito bonito é ser mulher. Ah, tem que ter os meus olhos a minha boca, isso tudo pra mim é bobagem, bobagem isso pra mim é bobagem. Não era, mais agora acho que já “é”.</p> <p>“Tem tanta criança aí para adotar, criança de rua, que você vai amar igual né, eu conheço, vai ser o mesmo jeito e eu tenho quarenta anos já né”.</p> <p>“Como é que dizem que não tem amor de mãe, claro que tem é amor de mãe. Tu pega, eu não vejo diferença. As vezes sai filhos melhores do que os próprios filhos e os netos também né, esse é o lado bom”.</p>
<b>Indecisão sobre o desejo de ter filhos</b>	<p>“[...] nunca mesmo, às vezes deu vontade às vezes não deu [...]”.</p> <p>“Pensava, pensava e não pensava eu nunca tive isso decidido na minha mente, uma coisa indefinida assim [...]”.</p> <p>“acho que eu tive pouco tempo para pensar nisso, nunca parei para pensar nisso com tempo, aquele sonho....uma coisa que eu nunca defini, nunca parei para defenir mesmo”</p> <p>“Às vezes [pensou em ter filhos] poucas vezes, bem poucas vezes”.</p> <p>“As vezes, poucas vezes, em alguns momentos, na verdade em pouquíssimos momentos”.</p> <p>“Há pouco tempo acho, há pouco tempo. Porque há pouco tempo atrás eu tinha essa fantasia ou não, é uma coisa tão confusa que (inaudível) pode ser eu que tenha, mas eu não quero ter sabe... Eu nunca parei pra pensar esse lado, eu sempre deixei de lado”</p> <p>“Eu sou destemida né, porque eu não paro para pensar nisso, nunca parei assim pra pensar nisso, é mais ou menos nesse sentido”.</p>
<b>Não é prioridade</b>	<p>“Eu sempre preferi estudar e viajar primeiro e conhecer o mundo, esse foi o principal sempre, o resto era...”</p> <p>“Eu sou prática né, busquei estudar viajar. É que eu penso muito no</p>

<b>Não é prioridade</b>	<p>profissional né, penso em trabalho objetivos, viagens, estudos então sempre foi uma coisa que eu deixei de lado mesmo”.</p> <p>“eu tenho tantos projetos que...tenho o meu lado profissional tô sempre ocupada com alguma coisa pra fazer né, se eu tivesse uma vida a toa sem trabalhar, acho que aí sim, mas eu não tenho muito tempo para pensar nisso eu acho bonito, mas não fico com inveja, bem tranquilo esse lado”.</p>
<b>Dificuldades de conciliar trabalho com maternidade</b>	<p>“Eu acho que a mulher que tem, teria que parar um pouco de trabalhar, pelo menos um ano, tem que dar uma parada com certeza e depois retomar ou não né? Tem que parar mesmo e se dedicar a criança né”</p> <p>“é mais difícil, mas não é impossível [conciliar trabalho e maternidade]”</p> <p>“Ela tem que pensar lá e cá, na vida pessoal e profissional [mulheres que trabalham e tem filhos], eu só penso aqui né não penso em filho, nenê, fralda é um fardo que tu tens que carregar né, dá mais estresse mais cansaço, é possível né, conciliar né, mas eu acho que a produção seria menor, teria uma diferença”.</p>
<b>Complemento da vida</b>	<p>“Não me arrependo também, não me arrependo [ não se arrepende por não ter tido filhos]. Eu sou muito feliz com o que eu sou hoje. Ter filhos seria como um complemento, teria que ter se fosse pra ser feliz, mas eu sou feliz como eu sou”</p> <p>“Eu acho que seria luz, trazer luz, é um brilho a mais, já tem [a sua vida], mas é um complemento”.</p> <p>“ah, eu acho que é um complemento, não só ser mãe né, trabalhar junto fazer dinheiro, fazer as tuas coisas, eu acho que é um complemento. É uma coisa complicada de explicar né, eu acho que é um complemento, os dois, um complementa o outro”.</p>
<b>Momento de vida adequado</b>	<p>“há um ano mais ou menos, eu sempre paro para ver uma criança, elas começaram a me chamar a atenção, dizem que a gente tem sinais né, eu sempre brinquei com crianças mas ultimamente quando eu vejo crianças eu já olho com outros olhos né é um sinal, dizem que a gente tem sinais na vida né, então olho quando estou dirigindo, hoje uma criança me chama muito a atenção eu me imagino com uma criança adotiva entendeu” .</p> <p>“Então são coisas que eu não imaginava antes. Eu acho que é um sinal que vamos tendo na vida da gente, tu olha com outro olhar, há pouco tempo tenho esse outro olhar”.</p> <p>“faz um ano mais ou menos [passou a perceber crianças de forma diferente] acho que pela maturidade né, que eu vejo com outros olhos hoje. Faz pensar né e penso coisas boas entendeu?”.</p>

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

Ruti relaciona maternidade à mudanças corporais. Para ela, passar por uma gravidez significa sofrer transformações no seu corpo. É possível exemplificar tal percepção na sua fala: *“Eu não tenho vontade de passar por barriga e peito, acho muito sofrimento”*. Acredita que essas mudanças corporais podem afetar diretamente sua vida conjugal, uma vez que esta transformação repentina no

seu corpo pode alterar seu humor, já que existe, de sua parte, considerável preocupação em relação à estética. Este fato pode ser evidenciado na sua fala: *“É capaz da gente ficar com depressão e até se separar do marido, eu conheço casos”*. A preocupação com a estética é um fator importante para Ruti, como podemos observar em sua fala: *“[...] eu já sou meio traumatizada com estética, então eu quero passar essa fase, eu acho que eu iria me odiar”*. Ruti acredita também que sua idade não favorece uma gravidez, sobretudo pelos problemas que esta pode causar a sua saúde.

Menezes e Domingos (2004) discutem algumas mudanças corporais advindas da maternidade, quando mudanças nos seios, aumento do peso e crescimento da barriga são algumas transformações que alteram a auto-imagem da mulher. Os autores afirmam ainda que, o crescimento da barriga é a transformação que as mulheres mais apreciam. Isso ocorre, sobretudo, pela valorização do papel da maternidade na sociedade atual, já que o aumento da barriga, visivelmente significa uma gravidez. Este olhar vai de encontro à percepção de Ruti, uma vez que o crescimento da barriga e aumento nos seios, mesmo sendo valorizado pela sociedade, é uma questão que dificulta, sua decisão de ter ou não ter filhos. Os autores ainda pontuam que durante a gravidez as mudanças corporais ocorrem em um curto espaço de tempo, desta forma, altera-se a imagem corporal da mulher, ocorrendo um conflito entre auto-imagem e um corpo idealizado e extremamente valorizado, em uma sociedade onde há o apelo ao corpo esbelto (RICHARDSON E STORY apud MENEZES E DOMINGUES, 2004).

Para Ruti, maternidade está atrelada a sofrimento, tal questão está relacionada às mudanças corporais e a dedicação que um bebê necessita quando pequeno, podemos perceber tal questão na sua fala: *“[...] passar por tudo isso” fralda, mamadeira, bebê, barriga, peito acho que eu iria ficar tão chata, tão insuportável, então eu digo pra gente pular essa parte juntos [ela e o marido]”*. Este sofrimento está relacionado à dedicação que ela precisaria desempenhar caso tivesse um bebê, pois este, no seu modo de entender, lhe ocuparia muito tempo, como comenta: *“[...] todas as pessoas que eu vejo com neném eu penso “ai, eu não quero passar por esse sofrimento” é muito trabalho, eu vejo pelas minhas amigas que dizem que não é fácil, tem as alegrias mas não é fácil o mundo está de cabeça para baixo”*. Assim como Ruti relaciona a maternidade à sofrimento, ela também compreende a maternidade como realização, como ilustra sua fala: *“Quanta alegria*

que vai te dar uma criança né, tristezas e alegrias. “Mas, acho que muito mais alegrias do que tristezas.” No entanto, esta realização seria após a “fase do sofrimento”, uma vez que ela diz não querer passar por uma gravidez, bem como pela fase do bebê pequeno. Desta forma, pode-se considerar que, para Ruti, a maternidade é ao mesmo tempo sofrimento e realização, o que revela uma visão ambivalente acerca deste fato. Tal questão revela o quanto é conflituoso admitir que maternidade é sinônimo de sofrimento, como mostra sua fala: “*sempre relaciono a sofrimento [maternidade] , incrível né, mas é verdade.*”. Pois, o que para muitas mulheres é sinônimo de reconhecimento social e valorização (ESCAVONE, 2004) para ela é sofrimento. Mas, além de sofrimento também é realização, mostrando a valoração que uma criança possui na sociedade atual. Badinter (1985) nos explica que durante grande parte da história as crianças eram compreendidas como seres insignificantes e, por consequência disto, não havia o sentimento e a significância que hoje presenciamos. Isto revela que a sociedade opera como determinante sobre os papéis sociais que exercemos, bem como exerce forte influência sobre o comportamento das pessoas (BADINTER, 1985).

Percebe-se no discurso de Ruti, a ausência de desejo materno, como ilustra sua fala: “*Eu nunca tive aquela vontade assim de ser mãe*”. Ela menciona não se perceber mãe, tal percepção pode ser exemplificada em sua fala “*eu nunca me vi amamentando, eu nunca me vi oito, nove meses grávida*”. Estes dados corroboram Badinter (1985), que nos explica que não se pode considerar o “instinto materno”, uma vez que este é construído sob uma perspectiva histórica. Se fôssemos considerar o “instinto materno”, ou seja, que todas as mulheres tivessem que reconhecer este sentimento, como ficaria o caso de Ruti? Seria patológico, uma vez que o normal seria o reconhecimento do instinto materno? Será que este olhar não exclui aqueles que não compartilham desta exigência social? Essa compreensão pode ser exemplificada por Lins (2008, p. 132):

Na história, não é novidade que o ser humano se torne passivo diante de um sistema social com o poder de submetê-lo a ideologias fabricadas de acordo com seus interesses. Desta forma crenças tão arraigadas, vividas como verdades indiscutíveis, vão sendo inculcadas nas pessoas que a defendem como se fossem suas.

Apesar de não querer ter filhos, Ruti menciona ter muita vontade de adotar uma criança, o que nos faz pensar que, para Ruti a maternidade não está atrelada à

geração e sim a criação, ou seja, ela não se percebe passando por uma gravidez. Não há tal desejo, no entanto, ela pretende adotar uma criança. Para ela, ser mãe não é gerar e isso fica claro em sua fala: *“Como é que dizem que não tem amor de mãe, claro que tem, é amor de mãe. Tu pega, eu não vejo diferença. Às vezes sai filhos melhores do que os próprios filhos e os netos também né, esse é o lado bom”*. Cabe ressaltar que, Ruti, pretende adotar uma criança de um ano de idade, pois assim, na sua percepção, não terá que passar pelos momentos difíceis de uma gravidez. Sua fala exemplifica tal questão:

“uma criança boa né [ela gostaria de adotar], boa índole, alegrinho que me faça rir bastante, porque eu gosto de rir. Então que nós possamos dar muitas risadas juntos, não um brabo assim, eu queria mesmo uma criança boa assim, uma criança que me dê alegrias e não tristezas. Eu tenho uma vida tão boa, e espero que a criança venha para me dar alegria e não para me fazer chorar, pra ser amada né, eu acho que esse é o objetivo. (RUTI)

Seu discurso demonstra certa contradição, pois em um momento ela menciona compreender a maternidade como sofrimento, em seguida percebe a maternidade como realização e posteriormente relata não sentir desejo, no entanto, gostaria de adotar uma criança. Desta forma, entende-se que, apesar de ela não querer gerar um filho, ela também deseja vivenciar a maternidade, o que evidencia a dificuldade de se desvencilhar desse papel social.

Ruti relata não querer gerar, todavia isso nem sempre foi algo definido para ela, ou seja, há uma indecisão sobre o desejo de ter filhos, ao mesmo tempo em que ela não se percebe mãe, ela também não consegue definir se quer ou não quer filhos. Tal fato pode ser evidenciado na sua fala: *“[...] nunca mesmo [pensou em ter filhos], às vezes deu vontade, às vezes não deu [...]”*. Essa indecisão sobre ter ou não ter filhos, revela o dilema que é esta escolha para Ruti.

A escolha de ter ou não ter filhos, acaba sendo um dilema para Ruti, uma vez que ela priorizou e prioriza outras questões em sua vida, que no seu modo de entender, são incompatíveis com a maternidade. É possível verificar tal questão em sua fala: *“É que eu penso muito no profissional né, penso em trabalho, objetivos, viagens, estudos, então sempre foi uma coisa que eu deixei de lado mesmo [maternidade]”*. Esta fala revela a prioridade que Ruti atribuiu a seus projetos profissionais em detrimento de seus projetos pessoais. Ainda podemos observar esta percepção em sua fala: *“eu tenho tantos projetos que... tenho o meu lado*

*profissional, tô sempre ocupada com alguma coisa pra fazer né, se eu tivesse uma vida à toa sem trabalhar, acho que aí sim, mas eu não tenho muito tempo para pensar nisso*". Será que não houve mesmo tempo para pensar nisso? Ou será que o problema seria de outra ordem, que não temporal, uma questão de valores e prioridades, por exemplo. Fazemos esta pergunta, pois em muitos momentos Ruti, revela dúvidas, mostrando certa indecisão sobre o querer ou não ter filhos, como ilustra sua fala: *"Há pouco tempo acho [pensou em ter filhos], [...] é uma coisa tão confusa que [...] pode ser eu que tenha, mas eu não quero ter, sabe... Eu nunca parei pra pensar esse lado, eu sempre deixei de lado"*.

Como Ruti priorizou ao longo de sua vida seus projetos profissionais, incluindo viagens, a chegada de uma criança seria um complemento, não como elemento decisório da sua felicidade, ou seja, para ela, ser mulher é mais do que ser mãe, como ilustra sua fala:

ah, eu acho que é um complemento, não só ser mãe né, trabalhar junto fazer dinheiro, fazer as tuas coisas, eu acho que é um complemento. É uma coisa complicada de explicar né, eu acho que é um complemento, os dois, um complementa o outro.

Por meio deste relato, podemos fazer relação com o que diz Escavone (2004), que nos explica que ser mulher não é necessariamente ser mãe. Apesar de a maternidade ser entendida como algo somente biológico e por conseqüência inerente a mulher, ela deve ser compreendida em um sentido mais amplo, ou seja, como mais um atributo do ser mulher e não o único. Segundo Strey (2000) o sexo biológico com o qual nascemos não determina quem seremos, uma vez que os papéis que passaremos a desempenhar, bem como nossos interesses e comportamentos, serão determinados pelo processo de socialização, assim como pela cultura que fazemos parte. Diante disto, fica evidente que, desde bebês nascemos e nos encontramos inseridos em um grupo e a partir daí seremos moldados de acordo com padrões institucionalizados deste grupo. Sendo assim, nascemos mulheres ou homens, com as devidas características pertencentes de cada sexo, entretanto vamos ao longo do tempo nos tornando homens e mulheres, ou seja, vamos apreendendo que "mulheres nasceram para cuidar do lar e para ser mãe" e que "homens nasceram para o trabalho e para virilidade", isso na nossa

sociedade e cultura. E sendo assim, se torna muito difícil quando não estamos inseridos nesses padrões socialmente construídos.

Ruti, devido a priorizar outras questões em sua vida, como a carreira, por exemplo, abdicou da maternidade, como gestação e geração. Menciona, no entanto, ter o desejo de adotar uma criança e acredita que este é o momento adequado de vida, sobretudo, pois já está com quarenta anos e uma gravidez nesta idade poderia prejudicar sua saúde.

Para Ruti, integrar maternidade e vida profissional seria uma questão problemática, uma vez que, na sua percepção um filho dificultaria sua carreira, já que este exigiria dedicação assim como o trabalho. Tal percepção pode ser exemplificada em sua fala:

Ela tem que pensar lá e cá, na vida pessoal e profissional, eu só penso aqui né [no trabalho], não penso em filho, nenê, fralda é um fardo que tu tens que carregar né, dá mais estresse mais cansaço, é possível né, conciliar né, mas eu acho que a produção seria menor, teria uma diferença.

Na percepção de Ruti, até certo ponto seria possível conciliar trabalho e maternidade, no entanto a mulher que passa por essa situação teria que parar por um tempo de trabalhar e se dedicar à criança. Isso, no seu modo de entender, poderia acarretar em uma menor produção, já que são dois papéis que precisam de tempo e dispêndio de energia. Estes dados relacionam-se com a pesquisa de Almeida (2007) que nos explica que para as mulheres da camada média, o conflito entre o trabalho no meio público e maternidade possui um maior impacto, uma vez que ser mãe e ser profissional “é assumir identidades múltiplas e contraditórias” (HALL, 2001; LOURO, 1997 apud ALMEIDA, 2007). Para a autora citada anteriormente, conciliar trabalho e maternidade é uma questão dilemática para a mulher contemporânea, já que a maternidade evoca o lar e o trabalho no meio público requer o afastamento do lar. Isto se relaciona com a fala de Ruti, quando diz que para ela, algumas questões são mais fáceis, pois ela só precisa pensar no trabalho, assim seu gasto de energia vai somente para o trabalho e isso faz com que sua produção seja maior, caso tivesse um filho teria que conciliar dois papéis, o que na sua percepção, a deixaria estressada e conseqüentemente afetaria de forma direta o seu trabalho.

#### 4.1.2 Decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ter filhos: Ruti

Para identificar as possíveis decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ter filhos criamos uma grande categoria intitulada “decorrências sociais, profissionais e psíquicas”. No entanto, foi preciso elaborar mais seis subcategorias, que se encontram na tabela abaixo:

Tabela 3 – Decorrências sociais, profissionais e psíquicas: Ruti

SUBCATEGORIA	Unidade de Contexto Elementar – U.C.E.
<b>Adoção</b>	“eu vejo que a minha saída não é fazer e sim adotar”
<b>Preocupação do companheiro acerca da escolha de não ter filhos</b>	“Por ele [marido], ele já tem três, mas ele pensa em mim também ele fala que ele já tem. Mas, ele diz que talvez eu sinta falta, mas é, mas por mim eu acho que ele faz isso não tanto por ele. Porque ele já tem três né, mas ele pensa em mim”.
<b>Desejo da família</b>	<p>“Ah, a mãe diz que eu tenho que fazer um bebê, aí eu digo.; - olha mãe, quer saber, eu não tenho vontade, eu não vou ter só porque vocês querem que eu tenha, não, eu quero uma coisa que eu tenha vontade”.</p> <p>“Eu fico triste né, eu digo pra ela [mãe] que eu quero adotar um e que vai ser igual, daí ela fica contente, porque o que ela não queria é que eu não tivesse filhos né! Ela fala que se não fosse pela gente [filhas] ela estaria com depressão. Ela pensa no futuro né! ”</p> <p>“Se fosse pelos meus pais era pra casar e ter filhos mas eu não aceitava aquilo lá”</p> <p>“Eu acho que ele [namorado] gostaria, mas não tem mais saco pra isso não”</p>
<b>Sentimento de inadequação social</b>	“Eu acho que eu nasci diferente eu sempre me via fazendo essas coisas e não...tanto que eu vim pra cá com a cara e com a coragem fui estudar, fui fui e fui e ninguém me segurou”
<b>Ausência de sucessão familiar</b>	<p>“penso que trabalhamos tanto e que não teremos para quem deixar, eu tenho sobrinho mas daí eu penso que se eu tiver um... quanta alegria que vai te dar uma criança né, tristezas e alegrias. Mas, acho que muito mais alegrias do que tristezas”</p> <p>“é companhia é uma companhia pra ti e pra tua vida”</p> <p>“Companhia e trazer alegrias também né e pra ti ter um apoio no futuro, não deixa de ser também um dia vai ficar velha não tem ninguém para conversar, teus netos não tem com quem viajar ou levar para a escola”.</p>

**Expectativa social**

“Ah, sempre perguntam, eu falo que pode ser que eu vou ter, que não vou ter, é uma coisa que não é resolvida ainda, só Deus sabe, pronto daí ninguém pergunta mais”

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

Como dito anteriormente, Ruti pretende adotar uma criança de um ou dois anos de idade, pois no seu modo de entender esta não a dará mais trabalho, ou seja, ela pretende adotar uma criança que apenas traga felicidades e alegrias e não problemas. Podemos considerar que sua percepção revela certo romantismo e desconhecimento acerca da criação de uma criança, uma vez que mesmo tendo um ou dois anos, uma criança, ainda assim, necessita de alguns cuidados especiais, pois ainda não é um ser autônomo e por conta disso precisa de alguns cuidados.

No relato de Ruti, percebemos o grande interesse em adotar uma criança, entretanto em alguns momentos da entrevista evidenciou-se que esta adoção aconteceria de alguma forma para responder as exigências e expectativas sociais. Como podemos perceber em sua fala: “*eu vejo que a minha saída não é fazer e sim adotar*”. Assim, podemos pensar que o papel que a sociedade impõe, no caso, a maternidade, não é negado por Ruti, uma vez que esta, ainda assim com outras prioridades e objetivos de vida, não pretende passar pela experiência da maternidade.

Ruti, em sua entrevista, menciona a preocupação do seu companheiro acerca da escolha de não ter filhos. Cabe lembrar que o marido de Ruti possui três filhos, mas estes são filhos do seu primeiro casamento. Portanto, sua preocupação se dá, devido ao fato de que talvez, Ruti em algum momento de sua vida venha a sentir falta de uma criança. Assim, não há o desejo do marido por filhos, pois este já os tem, no entanto existe a preocupação dele acerca da decisão de Ruti. Estes dados convergem com Teixeira (1997) que nos demonstra que a partir do século XVIII passou-se a acreditar que a mulher, somente se sentiria completa e realizada de sua feminilidade se esta fosse mãe. Isso tem relação com o caso de Ruti, pois mesmo o seu marido tendo filhos, este se preocupa com a escolha pela não maternidade de Ruti, sobretudo por acreditar que ela possa vir a sentir-se incompleta em algum momento de sua vida. Este fato fica evidente em sua fala:

“Por ele [marido], ele já tem três, mas ele pensa em mim também ele fala que ele já tem, mas eu não tenho, ele diz que talvez eu sinta falta, mas é mais por mim eu acho que ele faz isso não tanto por ele. Porque ele já tem três né, mas ele pensa em mim”.

Cabe ressaltar, que essa é uma preocupação do marido e não necessariamente de Ruti. Da mesma forma que existe a preocupação do marido, existe também o desejo da família de Ruti, para que esta seja mãe em algum momento. Sua fala exemplifica tal questão: *“Ah, a mãe diz que eu tenho que fazer um bebê, aí eu digo: - olha mãe, quer saber, eu não tenho vontade, eu não vou ter só porque vocês querem que eu tenha, não, eu quero uma coisa que eu tenha vontade”*. Ruti menciona o desejo e a preocupação da sua mãe acerca de sua escolha, sobretudo, pois sua mãe acredita que se não fosse pelas filhas, no caso Ruti, ela provavelmente estaria com depressão, já que filhos no seu entender fazem com que a vida fique mais completa e com mais sentido. Como ilustra sua fala: *“[...] ela [mãe] fala que se não fosse pela gente [filhas] ela estaria com depressão. Ela pensa no futuro né!”*. Estes dados relacionam-se com o que diz Ardaillon (1997) que em pesquisa sobre trabalho feminino e maternidade, constata que a experiência da maternidade é um fenômeno transformador na vida de qualquer mulher e diz ainda que a identidade feminina deve ser reconstruída após a maternidade. Assim, relacionamos as contribuições de Ardaillon (1997) com a preocupação da mãe de Ruti, uma vez que ela acredita que, mulheres somente poderão se sentir completas e realizadas se forem mães.

Ruti menciona ficar incomodada com o desejo da mãe, contudo não mudará sua escolha em função disso, como podemos observar em sua fala: *“Eu fico triste né, eu digo pra ela [mãe] que eu quero adotar um e que vai ser igual, daí ela fica contente, porque o que ela não queria é que eu não tivesse filhos né”*. Tal questão revela o quanto é dilemático esta escolha para a mulher, pois ao fazer esta escolha, a mulher está negando um papel que para a sociedade, de modo geral, é naturalizado. Segundo Escavone (2004) a escolha de ser ou não ser mãe, passou a ser uma dimensão reflexiva, devido as grandes transformações que o período industrial provocou, quando o número de filhos por mulher diminuiu, bem como possibilitou o maior acesso da mulher a educação formal e ao mercado de trabalho, assim mulheres passaram a refletir sobre ser ou não ser mãe.

Ruti, em alguns momentos da entrevista, refere-se a um sentimento de inadequação social, diz se sentir “diferente”. Seus pais esperavam e a criaram, na sua percepção, para casar e ter uma família, no entanto ela almejou e traçou um “destino” diferente daquele que era esperado para ela, ou seja, não seguiu seu destino social, ela foi contra ao que a sociedade espera como sendo algo natural e esperado da identidade do ser mulher. E por ser assim, enfrentou e enfrenta algumas conseqüências desta escolha, uma vez que é sempre mais difícil ir contra algo que já está estabelecido como sendo o certo e o esperado. Sua fala exemplifica tal questão: *“Eu acho que eu nasci diferente eu sempre me via fazendo essas coisas e não...tanto que eu vim pra cá com a cara e com a coragem fui estudar, fui fui e fui e ninguém me segurou”*. Ruti após o estranhamento do marido, da mãe, das amigas e da sociedade em geral, passa a estranhar sua escolha por não ter filhos, o que talvez, a leva pensar que: Se são todos iguais, ou seja, todos possuem o desejo materno, porque eu não possuo? Devo ter nascido diferente, uma vez que não sinto a vontade que todas as mulheres sentem. Cabe salientar que ao final da entrevista, Ruti questiona o fato de ter ou não ter filhos, ou seja, faz este movimento perguntando para a pesquisadora se a sua escolha estava certa ou errada.

Uma das decorrências da escolha do trabalho em detrimento de ter filhos para Ruti é a ausência de sucessão familiar. Tal questão pode ser exemplificada em sua fala: *“penso que trabalhamos tanto e que não teremos para quem deixar, eu tenho sobrinho, mas daí eu penso que se eu tiver um... quanta alegria que vai te dar uma criança né, tristezas e alegrias. Mas, acho que muito mais alegrias do que tristezas”*. Assim, percebemos que existe um sentimento de apreensão em relação ao futuro, ou seja, ao mesmo tempo em que Ruti trabalha e recebe um retorno financeiro para isso, esta não terá para quem deixar, bem como fica preocupada com a sua velhice, já que não terá uma companhia. Ruti menciona que talvez sinta falta de uma companhia no futuro, especialmente de um neto. Sua fala exemplifica tal questão: *“Companhia e trazer alegrias também né e pra ti ter um apoio no futuro, não deixa de ser também um dia vai ficar velha não tem ninguém para conversar, teus netos não tenho com quem viajar escola”*. Sobre este fato, Escavone (2004) diz que a escolha pela maternidade está ligada a inúmeros fatores, entre eles estão o desejo pela reprodução da espécie, bem como a continuidade da própria existência.

Ainda sobre a subcategoria ausência de sucessão familiar, podemos relacionar esta preocupação de Ruti com o que diz Knibilher (*apud* ESCAVONE, 2004) que nos explica que, durante grande parte da história, as crianças serviam como mão-de-obra para o trabalho, bem como para a garantia da segurança do futuro dos pais, servindo também para cuidar dos pais na velhice e na doença. Isso, relaciona-se com a preocupação de Ruti, uma vez que esta acredita que ficará sozinha na velhice e não terá ninguém para deixar seus bens.

A maternidade é um fenômeno envolto de uma grande expectativa social e no caso de Ruti, não seria diferente, pois esta escolheu não ter filhos, assim a cobrança e a pressão social se fazem presentes a todo o momento. Este fato pode ser verificado em sua fala: *“Ah, sempre perguntam [quando vai ter filhos], eu falo que pode ser que eu vou ter, que não vou ter, é uma coisa que não é resolvida ainda, só deus sabe, pronto daí ninguém pergunta mais”*. Como visto em sua fala, é preciso em alguns momentos pedir auxílio a Deus para responder aos anseios dos outros, como se esta escolha estivesse nas mãos dele. Será que está escolha não pode ser feita pela própria mulher? Sobre estes dados, podemos fazer relação com o que diz Escavone (2004) que afirma que as técnicas contraceptivas deram à mulher a condição de negar a maternidade como um fenômeno biológico e irreversível. Assim, como a mulher tem a condição de negar a maternidade, esta passou a ser uma escolha e sendo uma escolha a decisão fica a cargo das mulheres.

#### **4.1.3 Sentido do Trabalho: Ruti**

A tabela abaixo apresentará o sentido que Ruti atribui ao trabalho e a importância e o significado deste em sua vida. Para tal, foi elaborada uma grande categoria chamada “sentido do trabalho”, que engloba mais seis subcategorias. São elas:

Tabela 4 – Sentido do Trabalho: Ruti

SUBCATEGORIA	Unidade de Contexto Elementar – U.C.E.
<b>Realização</b>	<p>“pra mim é um prazer o trabalho, é um lazer e prazer. Estar aqui hoje para mim é um prazer, tem o meu trabalho, mas também gosto tanto desse local do lado daquela montanha linda [referindo-se a paisagem do seu local de trabalho], é um prazer. Tem responsabilidades, mas quando tu gosta do que faz é um trabalho lazer né”</p> <p>“me deixe sempre trabalhando, adoro trabalhar, não quero ser só dona de casa”</p> <p>“Alegria, prazer, conforto. Trabalho não é tudo mais é quase tudo na vida da gente né? 50% têm o lado amoroso o lado familiar mais é o complemento. Sem ele acho que falta. É o movimento e o fechamento da tua vida, se não o mais importante quase”.</p> <p>“Amo trabalhar com o público, nasci para isso, não tem, pode ser o mais simples não tem pra mim são todos iguais, trato todos iguais e faço”</p> <p>“estou há cinco anos aqui na corretora, trabalhando de corretora de imóveis e faço com muito prazer, gosto muito”.</p>
<b>Percepção de si mesma quanto ao trabalho</b>	<p>“sou uma máquina”.</p> <p>“Eu sou destemida, eu sou bem guerreira né, não tenho preguiça, gosto de trabalhar, faço com prazer e não tenho horário né, estou sempre pronta, sou rápida no negócio, não perco tempo eu sou bem objetiva tanto com o cliente com tudo né, vou direto ao assunto não fico dando voltas e voltas tem que ser rápido com eficiência”.</p> <p>“[...] não estou na fase de perder tempo, estou na fase de correr atrás”</p> <p>“Eu não tenho preguiça de trabalhar e não gosto de gente preguiçosa, eu gosto de gente que pega e vai junto, pessoa que sabe o que quer”</p> <p>“E passo para as outras pessoas isso também, para os corretores também, gosto de passar as dicas não seguro nada largo tudo, eu digo “absorvam se quiserem”.</p> <p>“eu também acho que eu trabalho de mais”</p>
<b>Percepção externa sobre o próprio trabalho</b>	<p>“Segundo o meu gerente eu sou tudo, a coisa tem que funcionar né, tem que ser funcional não perco tempo com nada sou assim”</p> <p>“sempre tive uns apelidos onde eu trabalhei, no laboratório eu era o furacão, nos EUA eu era o diablo blanco”</p> <p>“Pelo outro [marido] eu seria só dona de casa, mas daí não é eu, então não sou mulher pra ti. Ele tem vida feita né, mas não adianta “tu prefere me ver feliz trabalhando ou infeliz dentro de casa” então me deixa trabalhar, daí tu me tem feliz”.</p> <p>“ele [marido] diz que eu trabalho demais”</p> <p>“tu não me vê sorrindo feliz [ela falando para o marido], então deixa assim” Tu prefere me ver feliz ou infeliz?”</p>

<p><b>Retorno financeiro</b></p>	<p>“e ganhar dinheiro, é isso...atender bem o cliente né, fazer bons negócios esse é o meu objetivo”.</p> <p>“não perco tempo, pra mim tempo é dinheiro né! Na área de vendas”.</p> <p>“tem que ter retorno, como diz o meu gerente corretora é coração e bolso. Se não vende né, eu digo: - é prazer mas também tem que ter o retorno financeiro, tem que ter os dois prazer tanto do pessoal quanto do financeiro, os dois, só sem ganhar dinheiro acho que não, estudei para...gosto, mas tem que ter retorno, os dois”.</p>
<p><b>Tempo dedicado ao trabalho</b></p>	<p>“dez horas por dia, das oito e meia até as sete, é que...são dez horas por dia sempre”</p> <p>“É que como é por cliente, se está marcado eu fico, sábado, domingo, mas se precisar atender um cliente não tenho horário, é a hora que o cliente pode, se precisar atender clientes eu fico até mais tarde. É que é uma área aberta a área de vendas, às vezes o cliente não pode mas você fica”.</p> <p>“Trabalho seis dias por semana, folgo um sábado e outro domingo só, um ou outro”.</p>
<p><b>Projetos Profissionais</b></p>	<p>“Eu a princípio quero continuar aqui, não quero ser dona de uma imobiliária porque é muita incomodação, eu quero hoje evitar problemas eu quero evitar dor de cabeça, eu gosto de dormir e acordar, assim, hoje eu acho que é isso posso ficar cinco anos aqui e depois não sei, posso ter outros projetos, talvez não na área imobiliária, outros, não é só né...mas eu quero ficar aqui mais uns cinco anos aqui, depois eu não sei o que vou fazer. Hoje estou aqui contente, mas estou também aberta, mas nada é...tudo depende, depende de tudo né. Aberta né, aberta”.</p> <p>“Posso ter outros projetos, mas a princípio quero ficar aqui. Tenho o projeto b, c e d, planos né, mas hoje eu não me vejo fora da aqui. Não tão cedo, dois, três quatro cinco anos, tô contente to feliz aqui”.</p>

Elaboração da autora, 2009

Para Ruti o trabalho está atrelado à realização, menciona se identificar com o trabalho que executa, sobretudo por este lhe proporcionar prazer. É possível exemplificar tal questão em sua fala: *‘Alegria, prazer, conforto. Trabalho não é tudo, mas é quase tudo na vida da gente né? 50%, têm o lado amoroso, o lado familiar, mas é o complemento’[...]*. Esta afirmativa nos mostra que o trabalho é um elemento central na vida de Ruti, como ela própria menciona, sua vida se divide entre trabalho, que lhe ocupa 50% e os outros 50% são distribuídos entre vida amorosa, social e familiar. Percebemos, desta forma, que o trabalho não seria complemento, seria sim, parte estrutural da identidade de Ruti. Ainda sobre a centralidade que o

trabalho assume na vida de Ruti, pudemos perceber que ao dar a resposta à pergunta “quem sou eu” evidenciaram-se aspectos relativos à vida profissional e isso evidencia o quanto é difícil para Ruti dizer quem ela é, sem passar pelo que ela faz. Estes dados convergem com Luna e Baptista (2001) que nos explicam que somos uma totalidade, por ser assim, cada identidade que possuímos reflete em outra identidade que também possuímos. No caso de Ruti, por exemplo, ela é uma mulher, casada, que não tem filhos, mas também tem a sua identidade de trabalhadora. Desta forma, ela exerce vários papéis que lhe identificam como um indivíduo concreto (CIAMPA, 1994).

Os aspectos mencionados podem relacionar-se com o que diz Codo (1985) que nos explica que o trabalho pode ser ao mesmo tempo fonte de realização e tédio, bem como prazer e sofrimento. No caso de Ruti, não percebemos a presença de sofrimento, mas sim de prazer acerca do trabalho que realiza. Ainda podemos perceber que Ruti se reconhece no trabalho que executa, assim, este não assume uma das características de um trabalho alienado. Portanto, é um trabalho gerador de significado e sendo assim é repleto de sentido. Albornoz (1995) fala que uma das características do trabalho humano no mundo do capital é que este seja um trabalho sem sentido e sem significado, pois o trabalhador não se reconhece nas atividades que realiza, pois somente as realiza porque é mandado, ele não é dono e sim, apenas parte dos meios de produção. Para a autora citada anteriormente, é por meio do trabalho que o homem pode exercer sua criatividade, bem como produzir sua própria atividade. Codo (1985) ao falar que o trabalho pode ser tédio, miséria, tragédia e tortura se refere a um trabalhador que não vê significado nas atividades que realiza, onde não há identidade com o trabalho executado. Isso vai de encontro com a fala de Ruti, que menciona sentir grande prazer nas suas atividades de trabalho, conforme visto em sua fala: *“Pra mim é um prazer o trabalho, é um lazer e prazer. Estar aqui hoje para mim é um prazer [...] é um prazer. Tem responsabilidades, mas quando tu gosta do que faz é um trabalho- lazer né”*

Assim como o trabalho para Ruti está atrelado a realização, este também está relacionado ao retorno financeiro, para ela trabalhar é sinônimo de prazer. No entanto, este também tem que gerar algum retorno financeiro. Como ilustra sua fala: *“tem que ter retorno, como diz o meu gerente, corretora é coração e bolso. Se não vende né, eu digo: - é prazer, mas também tem que ter o retorno financeiro, tem que ter os dois, prazer tanto do pessoal quanto do financeiro, os dois”*. Esta

afirmativa de Ruti corrobora Ardaillon (1997), que nos explica que, o trabalho para uma mulher de classe média, diferentemente do trabalho para uma mulher de classe popular, além de ter um significado de remuneração é também um projeto pessoal e individualizador, ou seja, para além do aspecto financeiro, existe também a necessidade de valorização e realização por meio do trabalho.

Ruti possui uma carga excessiva de trabalho. Trabalha dez horas por dia e seis dias por semana, sendo que folga durante um sábado ou durante um domingo, isso irá depender da sua agenda de trabalho. Tal fato revela que o que para muitas pessoas seria um problema (quantidade excessiva de trabalho), para Ruti é um prazer, conforme visto na sua fala: “[...] se está marcado [cliente] eu fico, sábado, domingo, mas se precisar atender um cliente não tenho horário, é a hora que o cliente pode, se precisar atender clientes eu fico até mais tarde”.

A percepção que Ruti possui acerca do trabalho que realiza, está atrelada a pró-atividade. Ela se reconhece sendo uma máquina de trabalho. A definição de máquina segundo Ferreira (2004, p. 1274) seria um “aparelho ou instrumento próprio para comunicar movimento ou para por em ação, ou transformar uma energia [...]”. Esta definição revela a auto-percepção que Ruti possui acerca do seu trabalho, ou seja, ela trabalha muito, não há má vontade para o trabalho, muito pelo contrário, há muita dedicação, vontade e pró-atividade. Suas ações são voltadas para atingir um determinado resultado, o trabalho tem que produzir algo. Como ilustra sua fala:

Eu sou destemida, eu sou bem guerreira né, não tenho preguiça, gosto de trabalhar, faço com prazer e não tenho horário né, estou sempre pronta, sou rápida no negócio, não perco tempo eu sou bem objetiva tanto com o cliente, com tudo né, vou direto ao assunto não fico dando voltas e voltas, tem que ser rápido com eficiência.

Conforme Ciampa (1994) para entendermos como se forma a identidade é necessário levar em consideração três questões, sendo elas: perceber quem somos, ou seja, a auto-imagem; percepção do outro sobre como somos e como percebemos o que os outros percebem sobre nós mesmos. Sabendo disto, podemos entender como se constitui a identidade profissional. Ela se forma por meio das relações que os sujeitos estabelecem mediante a sua atividade de trabalho, em outras palavras, seria a representação do homem em relação ao seu trabalho e como os outros percebem o trabalho que ele realiza (LUNA E BAPTISTA, 2001). Neste sentido, podemos fazer relação com a forma que Ruti se percebe no

trabalho que realiza, ou seja, a percepção interna acerca do seu trabalho e como os outros percebem o trabalho que ela realiza.

Ruti trabalha como corretora de imóveis, isso responde à pergunta “o que faz”. Trabalha como funcionária de uma imobiliária, dá indicativos da pergunta “onde faz”. Trabalha de forma rápida, objetiva, não perde tempo com nada, tal resposta é para a pergunta “como faz”. Trabalha com mais alguns colegas e possui um coordenador de vendas. Trabalha primeiramente para a satisfação pessoal, pois como ela própria mencionou não precisaria estar trabalhando, uma vez que seu companheiro possui uma boa condição financeira, como ilustra sua fala: *“Pelo outro [marido] eu seria só dona de casa, mas daí não é eu, então não sou mulher pra ti. Ele tem vida feita né, mas não adianta “tu prefere me ver feliz trabalhando ou infeliz dentro de casa” então me deixa trabalhar, daí tu me tem feliz”*. Estas perguntas e respostas, confirmam sua identidade de corretora de imóveis.

Além disso, há a percepção dela sobre a percepção que os outros tem sobre o seu próprio trabalho, ou seja, como o outro percebe as atividades de trabalho de Ruti. Ela relata que sempre teve alguns apelidos nos lugares que já trabalhou, conforme visto em sua fala: *“[...] no laboratório eu era o furacão, nos EUA eu era o diablo blanco”*. Isso ocorre, sobretudo, pela forma como o outro percebe o jeito pelo qual ela realiza suas funções de trabalho. Ela é percebida pelo outro como uma mulher que trabalha muito, ágil, eficaz e que obtém resultados funcionais. Tal percepção pode ser exemplificada em sua fala: *“Segundo o meu gerente eu sou tudo, a coisa tem que funcionar né, tem que ser funcional, não perco tempo com nada, sou assim.”*

Ruti menciona ter alguns projetos profissionais, no entanto, não se percebe, atualmente, em outra profissão que não seja corretora de imóveis. Diz estar disponível a novas possibilidades de trabalho, mas isso no futuro. Comenta gostar muito da sua atividade de trabalho, como podemos perceber em sua fala: *“Amo trabalhar com o público, nasci para isso”*. Almeja continuar na profissão escolhida, pois considera que ser dona de uma imobiliária custaria muito tempo e dedicação, questões que não está disposta a enfrentar.

## 4.2 QUEM É LARA?

Lara é uma mulher de 38 anos, é casada (união estável) há seis anos e meio e não tem filhos por escolha própria. Conheceu o seu marido em um bate-papo na internet, logo passaram a namorar. O marido de Lara é um homem de 31 anos, já foi casado anteriormente e possui uma filha de oito anos. A profissão dele é analista de sistemas e trabalha gerenciando servidores. Lara menciona já ter tido outros relacionamentos.

Lara nasceu em um município próximo a Florianópolis e foi criada até os seus dezessete anos em um sítio. Os seus pais atualmente são aposentados, no entanto, trabalham esporadicamente “na roça”, menciona que tanto ela como seus irmãos foram criados no sítio. Possui cinco irmãos, uma mulher e quatro homens, diz que todos os seus irmãos têm filhos. Lara mora em Florianópolis somente com o marido, pois sua família nuclear mora em outro município. Lara menciona ter tido uma infância “muito divertida” no sítio de seus pais, brincava de vôlei, bicicleta entre outras coisas. Comenta ter tido uma infância diferente dos dias atuais, faz essa comparação baseada na criação e educação dos seus sobrinhos.

Lara conta que sempre teve estabilidade financeira, tanto quando estava em casa, como quando veio morar em Florianópolis, diz que sua vida era mais tranqüila, pois não tinha vontade e necessidade de comprar algumas coisas que hoje lhe são necessárias. Diz gostar muito de computador, faz uso diariamente, tanto para pesquisas rápidas como para compras. Comenta que quando ela e o marido estão em casa é muito provável que estejam no computador. Relata também o seu gosto por viagens, diz que sempre que têm oportunidade gosta de viajar.

Tem um bom relacionamento com a família, atribui isto à distância, diz que seus pais sempre recorrem a ela quando têm algum tipo de problema e não aos irmãos que moram em uma casa ao lado. Lara saiu de sua casa quando tinha dezenove anos, veio para a cidade para trabalhar na empresa de uma prima, pois esta estava abrindo uma empresa e precisava de alguém de confiança para ajudá-la. Morou durante dez anos na casa dessa prima, nesse tempo foi fazendo economias para comprar seu próprio carro e sua própria casa. Trabalha há 21 anos como gerente de uma clínica nunca teve outra experiência de trabalho. Diz investir pouco na sua qualificação profissional, uma vez que não tem tempo para isso, no

entanto sempre que possível viaja para fazer cursos de aprimoramento profissional. Comenta que as experiências que adquire no seu dia-dia, são “mais que uma faculdade para ela”.

Lara possui muitos amigos, no entanto menciona o fato de selecionar suas amizades, uma vez que não gosta de amizades por interesse. Diz também que a maioria de suas amigas não tem filhos. Quando não está trabalhando, diz ir ao cinema, ficar no computador e viajar. Gosta muito de sair para jantar com amigos e com o marido.

Lara se descreve como sendo: uma pessoa de fácil convivência, tranqüila, não gosta de problemas, brigas e diz não perder seu tempo com “coisas pequenas”.

#### 4.2.1 Sentido da Maternidade: Lara

Da mesma forma que Ruti, será apresentado abaixo, uma tabela contendo uma grande categoria intitulada “sentido da maternidade” e mais sete subcategorias.

Tabela 5 – Sentido da maternidade: Lara

SUBCATEGORIA	Unidade de Contexto Elementar – U.C.E.
Perda da autonomia	“...E como a gente é meio rueiro a opção de não ter filhos eu já tinha vontade mesmo e ele [marido] entrou na minha”.
	“Eu adoro a rua exemplo: eu e o meu marido, vamos lá nos Ingleses fazer não sei o quê, a gente vai, não depende de deixar ninguém, de cortar nada, então isso também cria uma liberdade”.
	“Todo o feriado eu viajo, vou para Curitiba. São Paulo, Rio de Janeiro, sabe assim, sempre, sempre, eu tenho vários amigos em outras cidades então eu sempre viajo”
	“Às vezes dá um [feriado] e ficamos dentro de casa “gente, você não tem comunicação sabe?”, eu sinto essa necessidade, eu sou muito urbana, morei no sítio como eu digo, assim nasci no meio do mato mas eu sou muito urbana. Deus que me livre me colocar dentro de uma casa e ficar três, quatro dias sem ver ninguém, parece que eu estou fora do mundo, eu admiro muito que não usa computador, porque assim, eu acho que depois que a pessoa conhece ela não consegue mais ficar longe porque tudo que você quer tem ali, então é muito diferente”.

<p><b>Perda da autonomia</b></p>	<p>“mas depois, assim, a gente começou a ter aquela vida boa de viajar passear, sair, e daí você começa a ver que não quer ter filhos. Daí ele já ficou mais chato do que eu ainda”</p> <p>“é que eu não conseguiria, como é que eu vou te dizer, essa liberdade que eu tenho eu sei que cortaria 100%. Eu acho que não daria para viajar, sair e chegar em casa 3 horas da manhã”</p> <p>“eu gosto de liberdade ,eu acho que esse é o maior ponto meu, é esse”.</p>
<p><b>Ausência de desejo</b></p>	<p>“Tranquilo...eu adoro criança, mas eu não me vejo mãe”.</p> <p>“sabe, então, tem aquelas que desde os quinze anos que quer ser mãe. Eu nunca tive essa...sabe. tipo assim, daí tu pode me perguntar: -tá mas tu nunca tivesse vontade? Exemplo, meus irmãos quando tinham filhos eu ia na maternidade e dizia que bonitinho e fofinho mas pra mim não entra”</p> <p>“eu não consigo assim ter aquela coisa da maternidade aquela criança correndo, sabe assim não consigo”.</p> <p>“Meu Deus eu não conseguia me ver mãe”.</p> <p>“e eu já não tinha aquela vontade e, tipo assim, isso que na época eu tinha aquele namoradinho, e a minha irmã que já tinha tido o primeiro filho, mas eu nunca fui aquela coisa, é muito engraçado, porque desde pequena eu falava que ia morar na cidade, e então assim parece que as coisas se encaixam”</p> <p>“Adoro [criança], dou beijinho, pego no colo, cuido, mas logo penso, ai que bom que a mãe tá chegando”</p> <p>“Se eu tivesse um problema de não poder engravidar eu acho que eu tentaria buscar alguma coisa, mas como não foi essa situação, sabe quando tu não tens uma resposta do que seria, sabe quando tu é feliz tu não tem motivos para dizer que vai ter filhos ou não vai ter filhos”.</p>
<p><b>Outras Prioridades</b></p>	<p>“Eu acho assim, que eu tenho tanta paciência de trabalho [comparando com a paciência que tem no trabalho e não tem com crianças]”.</p> <p>“Eu acho assim, claro muitas vezes pelo trabalho né, eu penso como é que eu vou ter um filho trabalhando desse jeito”</p>
<p><b>Ausência de culpa</b></p>	<p>“Primeiro, assim, que eu não me sinto culpada de não ter filhos, pra mim é um livro aberto falar que eu não tenho filho eu não tenho aquela preocupação de achar o que as pessoas vão pensar e eu nunca me preocupei com a sociedade de tipo assim, o que eles vão pensar de mim por eu não ter filhos. Nunca passou na minha cabeça essa preocupação das perguntas das pessoas. Perguntou, eu respondo normal”.</p> <p>“Isso não me incomoda nem um pouquinho (o fato de não ter filhos)”</p>
<p><b>Dificuldades de conciliar trabalho com maternidade</b></p>	<p>“Olha são duas coisas assim, meu deus eu vejo assim ó trabalhar e cuidar da casa já é uma coisa, agora ser mãe e trabalhar não deve ser fácil”</p> <p>“Assim ó, mas também o que acontece é que as mulheres tem filhos, e acabam não criando os filhos pelos seus compromissos profissionais. Hoje eu acho que cada vez mais, pois você tem um filho, pega licença maternidade quatro meses e você começa e trabalhar e quem cuida da criança é o seu empregado, e de repente você bota uma enfermeira e uma babá que cuida para você.</p>

<p><b>Escolha definida</b></p>	<p>“tanto que eu tenho certeza que a minha maior prova que eu não vou ter filhos foi quando o meu marido chegou pra mim e que eu também fiquei bem aliviada, ele mesmo chegou pra mim, a gente estava há cinco anos casados ele chegou para mim e falou: - pô amor, a gente não vai ter filhos, pra que tu ficar tomando anticoncepcional e isso e aquilo, desnecessário, daí eu não marquei médico pra ele e tal daí ele falou que se eu não marcasse ele iria procurar um”</p> <p>“Uma resposta bem decidida, porque às vezes as pessoas acham que eu não posso ter filhos, porque eu não posso, porque isso, porque aquilo”.</p> <p>“Não é o meu caso, eu posso ter filhos, tanto que assim sou uma pessoa que vou ao médico regularmente, vou todo ano”</p> <p>“já há três anos atrás nós já tínhamos decidido não ter filhos, porque transformamos o quarto que seria do bebê em escritório. Então, já está bem decidido”.</p> <p>“Não, nunca. Nunca mesmo [pensou em ter filhos], de verdade, não é dizer assim “ah, um dia eu pensei”.</p> <p>“Desde sempre (soube que não teria filhos)”</p>
<p><b>Atributos dados a maternidade</b></p>	<p>“e mãe é assim né, mãe cuida muito!”</p> <p>“gente, uma criança consome 100% da pessoa, eu não tenho esse...”</p> <p>“só penso na minha cunhada 24 horas com uma criança dessa, eu enlouquecia, uma coisa que eu não enlouqueço no meu trabalho entendesse?”</p> <p>“Eu acho que ser mãe não é gerar, eu me vejo mãe dos filhos da minha prima, tanto que ela viaja e fala, ó cuida que são teus também. Eu me sinto mãe dos meus sobrinhos, pois sempre quando precisam eu fico e cuido deles. Então, eu tenho essa preocupação assim, então mãe eu vejo nesse sentido. Eu sou responsável pelos meus sobrinhos também”.</p> <p>“a partir do momento que tu é mãe, tu nunca desliga, eu não tenho essa experiência mas eu sinto isso, eu acho que tu não consegue desligar, ficar lá trabalhando e pensando, será que o teu filho está bem? será que ele está mal? Será que ele está sendo bem tratado no colégio, então assim, eu não consigo nem me ver, mas eu vejo a preocupação de quem tem filhos, de repente o filho se machucou no colégio e tu está com uma agenda cheia, você tem que sair correndo, então isso eu consigo ver, fora isso...”</p> <p>“Filho é pro resto da vida, se a tua mãe tiver cem anos tu ainda é a filha dela e tem aquela preocupação”</p>

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

Lara diferentemente de Ruti, relaciona a maternidade à perda da autonomia. Diz ter uma vida social ativa, aprecia sua liberdade, no sentido de se sentir livre para ir e vir a qualquer momento, bem como viajar sem ter que prestar satisfações a ninguém. Neste sentido, um filho, no seu modo de entender, dificultaria sua vida,

pois para ela uma criança exige extrema dedicação, conforme visto em sua fala: *“gente, uma criança consome 100% da pessoa [...]”*. A perda da autonomia está atrelada à perda da liberdade. Para Lara, uma criança viria a prejudicar suas relações sociais, bem como seu estilo de vida, como também podemos perceber em sua fala: *“[...] essa liberdade que eu tenho eu sei que cortaria 100%. Eu acho que não daria para viajar, sair e chegar em casa 3 horas da manhã”*.

Lara considera-se uma pessoa urbana. Apesar de nascida e criada no meio rural, diz apreciar a vida em sociedade e as facilidades que o meio urbano proporciona a ela, como revela sua fala: *“[...] desde pequena eu falava que ia morar na cidade [...]”*. Relata dificuldade em ficar em casa, sobretudo, pelo fato de apreciar o contato com outras pessoas.

Assim, por ter uma postura bastante ativa diante da vida, acredita que o nascimento de um filho impossibilitaria o realizar das atividades que realmente lhe proporcionam prazer, pois estas são incompatíveis, na sua percepção, com a maternidade. Entende-se aqui a questão dos seus valores pessoais, pois o tempo e a autonomia parecem ter maior relevância do que o status da maternidade.

Assim como Ruti, Lara manifesta a ausência de desejo materno, isto fica evidente em sua fala: *“Meu Deus eu não conseguia me ver mãe”*. Quando perguntado desde quando isso ocorria, ela responde dizendo que nunca houve este desejo, nunca houve a vontade de ser mãe, o que ocorre é justamente o oposto, visto em sua fala: *“eu não consigo me ver mãe”*. Corroborando isso, Badinter (1985) afirma que, o sentimento materno por se tratar de um sentimento humano, pode ser frágil e imperfeito e ainda, este pode variar de acordo com fatores sociais e econômicos. Diante da falta de desejo materno, tanto de Lara como de Ruti, podemos pensar: Será que a idéia de instinto materno prevalece para todas as mulheres?

Não há o desejo, pois Lara atribui importância a outras questões em sua vida, como por exemplo, a carreira profissional e a vida social. Por ser assim, a maternidade não é definidora de sua identidade. Conforme nos explica Escavone (2004) a maternidade é entendida pelas mulheres, como sendo um novo sentido para vida e no caso de Lara, não parece ter havido a necessidade de vivenciar a maternidade para que um sentido fosse construído para a sua vida. Tal questão fica evidente em sua fala:

Se eu tivesse um problema de não poder engravidar eu acho que eu tentaria buscar alguma coisa, mas como não foi essa situação, sabe quando tu não tens uma resposta do que seria, sabe quando tu é feliz tu não tem motivos para dizer que vai ter filhos ou não vai ter filhos”.

Este sentimento de completude, devido à maternidade, não ocorre com Lara, uma vez que este sentimento pode ser conseguido sem que necessariamente a maternidade ocorra. Para ela, esta completude pode ser conseguida por meio do trabalho, por exemplo. Não há um sentimento de falta e nem de vazio devido a não maternidade. Estes dados podem relacionar-se com o que foi apontado por Ireland (1993 apud *SOUZA E FERREIRA, 2005*). A autora afirma que a maternidade pode ou não assumir um papel preponderante para a identidade feminina, pois, para, além disso, a identidade feminina deve ser compreendida como um constructo complexo, ou seja, deve-se levar em consideração alguns fatores como a vida profissional, o amor e a sexualidade. Em outras palavras, ser mulher na sociedade contemporânea implica freqüentar outros espaços além do doméstico, ou seja, freqüentar o meio público mediante o trabalho, por exemplo. Além disso, ser mulher na atualidade envolve ter vontades e desejos próprios que ultrapassam a experiência da maternidade.

Diferente de Ruti, Lara possui “certeza” quanto a sua escolha por não ter filhos. Esta, durante a entrevista, manifesta o quanto sua escolha está definida, sobretudo pela perda da autonomia, bem como pela ausência de desejo. Evidencia-se tal questão em sua fala: “*Não, nunca, nunca mesmo [pensou em ter filhos], de verdade, não é dizer assim “ah, um dia eu pensei”*”. Por ser uma opção definida, supõe-se que existam algumas conseqüências para esta escolha, uma vez que não se trata de qualquer escolha e sim de uma posição que vai contra ao que é socialmente esperado. A esse respeito Baptista (1995) diz que a maternidade deve ser entendida como uma das escolhas do ser feminino, um fenômeno que faz parte dos propósitos individuais, vinculados à realização profissional, à independência econômica e ao livre exercício da sexualidade. Mas, no caso de Lara, a maternidade não faz parte dos seus propósitos individuais. Apesar de ser uma escolha quase sempre dilemática, devido à representação da maternidade na sociedade atual, Lara diz não se sentir incomodada com a pressão social.

Os dados apresentados por Lara podem relacionar-se com o que foi apontado por algumas pesquisas, como a de (BONINI-VIEIRA, 1997; MANSUR,

2000; WU E MACNEIL, 2007 apud SOUZA E FERREIRA, 2005) que dizem que mulheres que possuem maior nível de escolaridade, bem como trabalham e vivem nos grandes centros urbanos podem não sentir o peso dos estereótipos e preconceitos da escolha de não ter filhos. As contribuições destas pesquisas podem também relacionar-se com o caso de Ruti. Cabe mencionar que, a escolha pela não maternidade, ou seja, a maternidade desvinculada do determinismo biológico é recente, esta teve seu início no século XX, onde o movimento feminista e as técnicas contraceptivas deram à mulher a chance de negar a maternidade. Antes disso, era associado à mulher o papel de mãe e cuidadora do lar (ESCAVONE, 1985 apud SOUZA; FERREIRA, 2005).

Para Lara, maternidade está atrelada ao cuidado, ou seja, para ela uma mãe precisa abdicar de muitas questões em sua vida em função de um filho, como ilustra sua fala: *“e mãe é assim né, mãe cuida muito!”*. Assim como está atrelada ao cuidado, maternidade é entendida por Lara como dedicação, no sentido de viver não mais para ela, a partir do momento que se têm filhos passa-se a dedicar-se exclusivamente a outro ser que depende da mãe. Tal percepção pode ser exemplificada em sua fala: *“só penso na minha cunhada 24 horas com uma criança dessa, eu enlouquecia”*. Para Spindola e Santos (2004) a maternidade está atrelada à responsabilidade por outrem, no sentido de garantir ao outro a criação e a formação. Assim, para assegurar que este processo ocorra tem que haver, segundo as autoras citadas anteriormente, emoção, amor e dedicação. Cabe acrescentar ainda as contribuições dadas por Almeida (2007) que por meio de pesquisa com mulheres mães e trabalhadoras, buscou identificar o sentido que estas mulheres atribuíam à maternidade e ao trabalho. Chegou-se a conclusão, por meio da pesquisa que, tanto mulheres da camada média como mulheres da camada popular associaram a maternidade à responsabilidade, ou seja, mencionaram que cabe a mãe o cuidado maior da criança, uma vez que é dela a função de conversar, orientar, educar, impor limites e brincar com o filhos.

Assim como Ruti, Lara compreende maternidade como criação e na sua percepção, mãe é aquela que cria e educa um filho, não necessariamente aquela que gera. Tal fato pode ser percebido em sua fala: *“Eu acho que ser mãe não é gerar, eu me vejo mãe dos filhos da minha prima, tanto que ela viaja e fala, ó cuida que são teus também [...]”*. Isso, segundo Baptista (1995) contraria a perspectiva biológica, já que a mãe não é somente aquela que gera um filho, mas também

aquela que cria, educa e ama uma criança, bem como se identifica com o papel de mãe. Além dos atributos citados anteriormente, Lara ainda percebe a maternidade como preocupação.

Spindola e Santos (2004) dizem em sua pesquisa que mulheres que trabalham no meio público e têm filhos, sentem-se culpadas por não poder dispensar mais tempo para ficar com os filhos e com a família, isto converge com o discurso de Lara, uma vez que ter filhos e trabalhar, para ela, seria uma questão dilemática, já que o trabalho é uma questão central em sua vida.

Estas questões fizeram com que Lara optasse por não ter filhos, pois na sua percepção a chegada de uma criança dificultaria o seu estilo de vida, pois como visto anteriormente, o sentido que Lara atribui a maternidade está atrelada a muitas questões ligadas a perda da autonomia, como por exemplo, preocupação, dedicação, cuidado e estas são características, que no seu modo de entender, não fazem parte do seu ser, por isso a dificuldade de se perceber neste papel. Para ela, uma mãe deve se dedicar, se preocupar e ter cuidado com o seu filho e isto se distancia do que ela deseja para sua vida.

Lara acredita que conciliar trabalho com maternidade deva ser um dilema para a mulher, uma vez que a vida profissional, bem como maternidade, são fenômenos que envolvem um gasto de tempo e, de energia e acima de tudo, demandam dedicação e comprometimento. Por ser assim, ela acredita que são dois papéis sociais que juntos podem causar dificuldades na vida de uma mulher. Estes dados corroboram Bruschini (2000) que explana que, mesmo como a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho, quando esta precisa desempenhar este papel com dedicação, pois a cada novo dia precisa se superar para consolidar sua posição no mercado, pois este não a exime do cuidado da casa e dos filhos. A autora fala também que mulheres estão adiando sua seus projetos pessoais como a maternidade, por exemplo, pois almejam, entre outras coisas, crescer e se desenvolver profissionalmente.

#### 4.2.2 Decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ter filhos: Lara

Neste subcapítulo será apresentado uma tabela contendo uma grande categoria intitulada “decorrências sociais, profissionais e psíquicas”. Esta tabela englobará mais oito subcategorias.

Tabela 6 – Decorrências sociais, profissionais e psíquicas: Lara

SUBCATEGORIA	Unidade de Contexto Elementar – U.C.E.
<b>Dificuldade de explicitar para a família</b>	<p>“Pra te ser bem sincera eu fui contar para a minha mãe fazem quinze dias (risos). Assim, ela sempre soube que eu não queria ter filhos eu sempre falei para ela e ela vê que eu tenho 38 anos e não vou ter filhos com 40 anos isso aí eu me recuso e até acho errado quem tem, mas não condeno ninguém”</p> <p>“Por isso que eu não vou ter filhos mesmo e ela falou você não vai ter filhos mesmo filha? E eu disse: olha mãe, já faz 1 ano e meio que o meu marido fez vasectomia daí ela ficou meio assim”</p> <p>“Faz um ano e meio que o meu marido fez vasectomia e eu achei assim desnecessário contar porque ela já sabia que eu não queria, mas assim a partir do momento que eu contei que ele fez vasectomia, quer dizer ou eu arranjo outro marido ou eu não vou ter filhos. Ou ele vai fazer reversão, mas não é o caso. E não contei assim, até derrepente por falta de oportunidade de um caso como eu e ela conversando juntas, eu não ia chegar ele fez isso ou fez aquilo”.</p>
<b>Satisfação dos desejos do companheiro</b>	<p>“Eu sempre falo assim ou você tem filhos cedo ou você vai ter com quarenta anos para agradar o seu marido, sabe assim, as vezes as histórias são sempre assim”</p>
<b>Preocupação do outro sobre ausência do cuidado na velhice</b>	<p>“tanto que teve uma vez que uma amiga minha me falou assim: ah, mas na tua velhice, eu respondo dizendo que não sabia se ia ter velhice, amanhã eu posso sair na rua e...então eu já sou preparada para isso, eu não tenho essa preocupação de quando eu ficar velha quem vai cuidar de mim, deus me dando dinheiro e saúde pra eu trabalhar, pega um asilo uma casa de repouso”</p>
<b>Estranhamento do outro sobre a escolha de não ter filhos</b>	<p>“Umás dizem assim [amigas]: tem certeza?”</p> <p>“Então, assim quando as minhas amigas acham um absurdo eu automaticamente já vinculo ao que o meu marido falou pra mim e já é uma resposta assim”</p> <p>“até a minha ginecologista fala que é até um pecado eu não querer ter filhos, ela diz que eu tenho um ovário tão isso tão aquilo”.</p>
<b>Naturalização da maternidade para o outro</b>	<p>“Existe muitas perguntas, é engraçado porque tipo assim você namora perguntam quando você vai noivar você noiva a pessoa pergunta quando você vai casar você casa e a pessoa pergunta quando você vai ter filhos isso é comum isso aí já é da própria natureza, então essas perguntas</p>

<b>Naturalização da maternidade para o outro</b>	existem para mim, mas eu não acho que existe assim...existe bastante porque como eu vivo no meio onde tem só mulheres, a gente trabalha em dezessete mulheres e o nosso público é 95% mulheres e tu tens amizade né? Amizade de trabalho né, que sabe derrepente uma fala eu vou ser vó e quando você vai ter o seu? Existe essa pergunta, então assim várias várias já sabem porque às vezes elas perguntam? Ah, não vai ter filhos? Daí eu conto a minha história e é bom porque essas pessoas escutam a história legal, não é uma coisa frustrante, eu respondo com prazer porque para mim é uma satisfação eu poder passar isso para a pessoa”.
<b>Desejo dos pares</b>	<p>“existe conversa, até de filho né, porque quando eu conheci ele, ele queria ter filhos”.</p> <p>“Era até engraçado, porque assim ó quando eu estava namorando o meu marido (atual) falava que queria ter filhos, ou até o meu ex namorado que eu namorei três anos e meio (ele era filho único), imagina se eu não dou um filho, então eu sempre brinco, na época que eu conheci ele que ele queria ter filhos eu dizia “olha tu deseja ter filhos tens que arrumar outra mulher heim” (risos).</p> <p>“ele (marido) tinha vontade sim”</p> <p>“Ele nunca foi aquela pessoa que dizia que queria muito ter um filho, era assim, às vezes estávamos vendo televisão e aparecia uma criança bonita ele perguntava quando que nós teríamos uma assim. Eu respondia que ele deveria arranjar outra mulher”</p>
<b>Adoção</b>	“De repente daqui a cinco seis anos eu pense que deveria ter tido filhos, daí eu adoto uma criança tem tanta criança pobre por aí ou um cachorro sei lá, sabe assim mais não me vejo assim, hoje mesmo com 38 anos”.
<b>Sentimento de egoísmo</b>	<p>“Eu adoro criança no colo dos outros, acho que eu sou meio egoísta, meio do tipo não quero me incomodar”.</p> <p>”então tu é meio do tipo egoísta e tu quer as coisas só para ti, vamos dizer assim, egoísta mesmo. Eu sempre falo que as vezes eu me sinto meio egoísta, mas assim ajudo todo mundo sabe, preciso ajudar vou lá vou cá, sei dizer não tranquilo, qualquer coisa que uma pessoa peça eu ajudo”.</p>

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

Lara revela ter adiado em explicitar para a sua família sobre a opção de não ter filhos, diz não ter contado para sua família, sobretudo por falta de oportunidade e também por deduzir que seus pais já sabiam, uma vez que possui trinta e oito anos e que estava explícito que não iria ter filhos com essa idade. Lara relata que seus pais a criaram para casar e ter filhos. Entretanto, ela foi contra ao que era socialmente esperado para ela.

Para Lara, diferentemente de Ruti, não existe a preocupação em relação à ausência de sucessão familiar. Todavia, existe a preocupação dos outros em relação a isso. As pessoas, de maneira geral, se preocupam, pois acreditam que

Lara ficará sozinha na velhice, não terá uma companhia para compartilhar seus momentos na velhice. No entanto, esta não é uma preocupação de Lara. Sua fala exemplifica tal questão: *“Tanto que teve uma vez que uma amiga minha me falou assim: ah, mas na tua velhice, eu respondo dizendo que não sabia se ia ter velhice”*. Segundo Knibielher (apud ESCAVONE, 2004) as crianças nas sociedades rurais, mesmo muitas vezes significando um encargo, apareciam, sobretudo, para ajudar os pais no trabalho e ainda eram requisitadas para assegurar o futuro dos mesmos, quando apareciam como importantes, no sentido de cuidar dos seus pais caso eles viessem a ficar doentes. Isto, de alguma forma tem relação com a preocupação dos outros em relação a escolha de Lara, pois ainda hoje tem-se a idéia de que os filhos assegurarão o futuro de seus pais e por isso a dificuldade de aceitar a escolha de não ter filhos.

Assim, como existe essa preocupação, existe também o estranhamento do outro acerca da opção de Lara, ou seja, os amigos de forma geral não compreendem esta escolha, pois acreditam que, em algum momento de sua vida ela possa vir a sentir falta. Este estranhamento do outro pode relacionar-se com o sentimento de completude conseguido por meio da maternidade, onde criou-se a idéia de que a mulher somente se sentiria plena e realizada se fosse mãe (TEIXEIRA, 1997). E no caso de Lara, estamos percebendo que ela possui outras dimensões que lhe tornam realizadas que não somente a maternidade. Vindo a confirmar que a mulher para além de ser mãe, deve ser compreendida como dona de outras identidades que ultrapassem a identidade de mãe.

Para além do estranhamento dos amigos, há também o estranhamento da médica envolvida com o processo de Lara, ou seja, esta não compreende sua opção, uma vez que vinculam a maternidade ao determinismo biológico. Tal percepção pode ser exemplificada em sua fala: *“até a minha ginecologista fala que é até um pecado eu não querer ter filhos, ela diz que eu tenho um ovário tão isso tão aquilo”*. Esta fala nos mostra que, esta profissional que, teoricamente, deveria estar preparada para lidar com as escolhas do ser feminino, já que cotidianamente atende mulheres diante dessa questão não está, uma vez que, ainda relaciona a maternidade como um fator somente biológico. Este fato vai ao encontro com o que diz Correia (1998) que nos explica que a maternidade deve ser compreendida como uma das escolhas do ser feminino e que para além do determinismo biológico deve ser compreendida de forma antropológica, social e história, pois desta forma

teremos um olhar mais completo sobre os aspectos psicológicos que envolvem a maternidade. Da mesma forma que há o estranhamento do outro acerca da ausência de sucessão familiar há também o estranhamento do outro sobre a opção de Lara por não ter filhos, no entanto, cabe deixar claro que, essas são preocupações da sociedade em geral e não necessariamente de Lara.

Para Lara, as perguntas e as pressões da sociedade em geral, acontecem como um processo natural, ou seja, as pessoas namoram logo perguntam quando vão casar, depois de casar perguntam quando vão ter filhos, depois dos filhos quando virão os netos e assim sucessivamente. Para ela, isso faz parte do ciclo de vida dos seres humanos, uma vez que a grande maioria das pessoas passam por essas fases. Todavia, apesar de acreditar que a maternidade é um processo natural da vida, ou seja, onde a sociedade atribui este como sendo inerente à mulher e por isso as cobranças e pressões também ocorrem de forma natural, mesmo assim ela percebe-se como sendo egoísta, uma vez que não se enquadra nesses padrões socialmente construídos e entendidos como sendo “naturais” dos seres humanos. Sua fala exemplifica tal questão: *“então tu [Lara] é meio do tipo egoísta e tu quer as coisas só para ti, vamos dizer assim, egoísta mesmo. Eu sempre falo que às vezes eu me sinto meio egoísta, mas assim ajudo todo mundo sabe[...].”* Cabe ressaltar que, Lara diz não ter paciência com crianças, em contrapartida, de modo geral, diz gostar muito de ajudar as pessoas.

Lara diz que no começo do seu casamento o seu atual marido gostaria de ter um filho, no entanto este desejo foi passando com o tempo, pois ele foi percebendo que Lara estava decidida quanto a sua escolha. E Lara diz sempre ter sido muito sincera com as pessoas que se aproximavam dela, ou seja, em seus relacionamentos amorosos, ela logo dizia que não queria ter filhos, tanto que, para o seu atual marido ela sempre deixou claro que se ele tivesse vontade de ter filhos, teria que encontrar outra mulher.

Da mesma forma que Ruti, Lara menciona em seu discurso a questão da adoção, dizendo que se tiver vontade de ter filhos em algum momento partirá para a adoção. No entanto, não percebemos o desejo legítimo de Lara pela adoção.

### 4.2.3 Sentido do Trabalho: Lara

Da mesma forma que Ruti, será apresentado uma tabela abaixo contendo uma grande categoria chamada “sentido do trabalho”. Para que o sentido do trabalho fosse compreendido em um sentido mais amplo criou-se nove subcategorias, são elas:

Tabela 7 – Sentido do Trabalho: Lara

SUBCATEGORIA	Unidade de Contexto Elementar – U.C.E.
<b>Tempo dedicado ao trabalho</b>	<p>“e eu trabalho das 8 da manhã às 8 da noite, tanto que eu marquei contigo as 8 horas pelo motivo que eu não consigo vir até aqui”.</p> <p>“Ah, dá doze horas tranquilo. Chega a doze”</p> <p>“amanhã eu vou para lá as 8 da manhã porque é dia de laser, e o que que a gente faz, eu sei que eu tenho que deixar todas as fichas prontas para o pessoal que chegar, então 7:30 eu estou lá e só devo sair no mínimo as 10 da noite”.</p> <p>” Eu trabalho de segunda até sábado ao meio- dia”.</p>
<b>Comprometimento e dedicação</b>	<p>“Nunca veio nada de mão beijada, porque tanto eu como o meu marido a gente trabalha o dia inteirinho então é uma coisa bem positiva assim”.</p> <p>“é uma batalha! [o trabalho]”.</p> <p>“A gente fez uma obra grande agora, ficamos 2 meses em obra e assim, eu não tive sábado e nem domingo, [...], oito horas da manhã de domingo os pedreiros estavam lá e eu junto. Porque assim, eu decidi que ia fazer junto com ela, mas ela tava meio assim e eu disse “não, deixa que eu tomo conta dos pedreiros, então assim a gente tinha que está lá, dava onze horas da noite eles estavam quebrando a calçada e eu estava lá”.</p> <p>“Mas eu tenho certeza que quanto mais você trabalha o dinheiro vem automático, porque você vai ser promovida você vai ser isso...sem dúvida”.</p> <p>“ela ( sua referência profissional) hoje já é aposentada e ainda trabalha conosco com depilação, ela sai de casa 5 horas da manhã ela mora nos Ingleses, ela chega as 7, ela não consegue chegar mais tarde, ela tem necessidade de chagar cedo. Às vezes nós até brincamos com ela, mandamos ela dormir, ela é exemplo porque ela já teve uma vida de rainha e de repente quando ela viu que ela precisaria trabalhar ela investiu num curso de depilação e ela fez isso até hoje”.</p>
<b>Percepção de si mesma quanto ao trabalho</b>	<p>“sempre fui uma pessoa muito elétrica muito dinâmica, trabalhava gostava de lê de isso de aquilo”</p> <p>“eu faço toda a parte administrativa da empresa, desde pagamento dos funcionários, mas assim ó exemplo a minha recepcionista não foi, sou eu que abro a clínica as 7 da manhã, então assim eu não sou aquela pessoa que sento na minha mesinha no meu canto só porque eu sou gerente e aqui</p>

<p><b>Percepção de si mesma quanto ao trabalho</b></p>	<p>eu vou ficar, precisou, estragou uma lupa lá que não acende, eles já me chamam”</p> <p>“Super feliz, satisfeita, não tem assim...”</p> <p>“Profissionalmente assim eu não tenho o que reclamar”</p> <p>“eu sou meio maquininha assim”</p>
<p><b>Percepção externa sobre o próprio trabalho</b></p>	<p>“Eles me chamam de bombril (risos) mil e uma utilidades”</p> <p>“o meu marido mesmo diz “para um pouquinho”</p> <p>“eles me chamam de bombril, pois eu sou muito prática, arrumo tudo”.</p>
<p><b>Reconhecimento Profissional</b></p>	<p>“E assim se tu me perguntar se eu fiquei estressada eu vou te responder que não, porque eu fazia de coração. Então, eu não fazia nem pelo dinheiro, sabe não é essa coisa que a pessoa, às vezes as pessoas colocam o dinheiro à frente e trabalho depois, eu trabalho para depois sabe assim, então é uma coisa muito positiva.</p> <p>“Eu trabalharia, mas, tipo assim eu teria que ter um retorno financeiro para as minhas despesas isso eu teria que ter, não que eu trabalharia sem ganhar nada, isso você faz trabalho voluntário uma vez por semana, ninguém vai trabalhar de graça”.</p>
<p><b>Projeto Profissional</b></p>	<p>“eu trabalho na estética mesmo, que é uma área que eu já trabalho há muito tempo e hoje o meu marido tem um projeto, eu e ele a gente é sócio, mesmo ele trabalhando em outra empresa ele também tem uma empresa e nessa empresa ele é prestador de serviços, é um projeto que é um portal imobiliário onde nas horas vagas a gente trabalha nesse portal, então esse portal vamos dizer assim pra um futuro se ele precisa mais de mim para a administração eu terei que dividir o meu tempo entre o projeto e entre a clínica”</p> <p>“Acredito que daqui a dez anos eu ainda esteja trabalhando, eu estarei com 48 anos ainda e estarei no meio da juventude”</p> <p>“daqui a dez anos, assim, eu me vejo melhor tanto profissional como pessoal, a intenção é cada vez melhorar”</p>
<p><b>Meio de conseguir satisfação pessoal</b></p>	<p>“tu estando bem no profissional tu estará bem no pessoal, isso aí é uma coisa visível, tu nunca vai ver uma pessoa desempregada satisfeita...sabe você quer ir tomar um sorvete no mc donald e não tem dinheiro ou o teu aluguel venceu ou isso ou aquilo”</p> <p>“Eu me sinto bem, eu acho que até mesmo desde criança a gente sempre arrumava a casa pra mãe que trabalhava e te faz bem é do trabalho que depende a tua situação financeira, o trabalho que te dá o teu lazer”.</p> <p>“...Já no meu trabalho quando as pessoas começam a me chamar é um satisfação eu ir lá e resolver aquilo pra eles”.</p> <p>“porque nós mulheres, como você agora está se formando e vai ter uma profissão, na época das nossas mães e avó isso não existia, o lado positivo é esse do trabalho que coisa maravilhosa a mulher atingir...tem mulheres deputadas e enfim eu acho super importante, meu deus como cresceu né”</p>

<b>Ser parte da empresa</b>	<p>“Maravilhoso, tudo de bom, porque não é, primeiro eu trabalho na empresa como se empresa fosse minha, não quero pra mim ta, vamos dizer, se tu perguntasse assim ó: tu abriria uma para ti? Eu diria que não, porqe é muito dificila ter uma empresa hoje, sabe assim as vezes as pessoas acham que vão se formar e vão montar um consultório porque não querem trabalhar para o fulano para ganhar só isso ou só aquilo, como eu conheço a parte negra é bem fácil de passar para qualquer pessoa”.</p> <p>“vesti a camisa de segunda a segunda</p> <p>“não vou deixar a clínica na mão 100%, pois são muitos anos e eu sei que eu sou importante lá dentro. Ninguém é insubstituível mas...”</p>
<b>Centralidade do trabalho</b>	<p>“não consigo me ver dentro de casa”</p> <p>“só doença, porque assim, vamos dizer assim, se eu parasse de trabalhar na clínica eu iria trabalhar em outro lugar, eu não me vejo parada.</p>

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

Lara trabalha como gerente de uma clínica de estética e costuma, em média, trabalhar dez horas por dia, sendo que trabalha seis dias por semana, incluindo o sábado. Para Lara o trabalho está atrelado à comprometimento e dedicação. Este fato pode ser considerado um indicativo de comprometimento afetivo, pois conforme Meyer, Allen e Shmit (1993 apud SPECTOR 2002) este ocorre quando a pessoa se compromete com a carreira profissional e permanece na sua função ou cargo de trabalho devido a ligações emocionais. Lara trabalha, sobretudo por gostar e se sentir realizada. Contudo, pode ser que ela se comprometa com o trabalho, também de outras formas, embora seu discurso não apresente indícios. Menciona trabalhar muito e diz também que todas as coisas que possui hoje são decorrentes de trabalho, pois foi adquirindo bens materiais devido ao trabalho realizado. Estes dados podem relacionar-se como o que foi dito por Aranha (2000) que nos explica que é por meio do trabalho que o homem satisfaz de suas necessidades. Assim, fazemos relação com o caso de Lara, uma vez que esta atribui ao trabalho o fato de adquirir os meios necessários para sua sobrevivência e bem-estar, pois como ela própria menciona, sem o trabalho não seria possível ter e desfrutar os prazeres da vida. Tal percepção pode ser exemplificada em sua fala: *“é do trabalho que depende a tua situação financeira, o trabalho que te dá o teu lazer”*. Ainda sobre o significado do trabalho, Ferretti (1997) diz que é por meio do trabalho que o homem transforma a natureza com o objetivo de produzir as coisas que são

necessárias para a sua sobrevivência. Assim, ao fazer este movimento o homem se torna útil e criativo.

Lara relata não ter hora para o trabalho. Relata ter muita disposição para o mesmo, ou seja, se precisarem do trabalho dela, ela sempre estará disponível. Acrescenta ainda que, tudo na sua vida foi conseguido com muito esforço e dedicação, utiliza, algumas vezes, a palavra “batalha” para demonstrar como foi sua vida e como conseguiu ser quem é hoje. Ao ser questionada sobre qual seria um exemplo de sucesso profissional para ela, Lara responde, dizendo que o mais importante são aquelas pessoas que correm atrás, que vão em busca de seus objetivos e que ao mesmo tempo são batalhadoras. Tal percepção pode ser exemplificada em sua fala: *“ela (referência profissional) hoje já é aposentada e ainda trabalha conosco com depilação, ela sai de casa 5 horas da manhã ela mora nos ingleses, ela chega as 7, ela não consegue chegar mais tarde, ela tem necessidade de chagar cedo”*. Esta fala vem a confirmar que, trabalho para Lara é sinônimo de esforço e dedicação e para ela, pessoas que se dedicam, que se esforçam no trabalho conseguem crescer, desenvolver-se e progredir no trabalho.

A percepção que Lara possui acerca do trabalho que realiza está atrelada à pró-atividade, da mesma forma que Ruti, ela se percebe uma máquina de trabalho, como ilustra sua fala: *“eu sou meio maquininha assim”*. Menciona que seu cargo no trabalho não a impossibilita de fazer outras funções que não sejam referentes a seu cargo, ou seja, diz ter uma postura bastante dinâmica frente ao trabalho. Por ser assim, acaba resolvendo a maioria dos problemas da clínica onde trabalha, não só os administrativos como também problemas de outra ordem. Por ser assim, seus colegas de trabalho a percebem como a “mulher maravilha”, aquela que faz e conserta tudo, e quando as coisas param em suas mãos, sempre há uma solução. Como ilustra sua fala: *“eles me chamam de bombрил [mil e uma utilidades], pois eu sou muito prática, arrumo tudo”*. Lara menciona se sentir realizada no trabalho, tal percepção pode ser exemplificada em sua fala: *“Super feliz, satisfeita, não tem assim”*. Diante disto, podemos fazer relação com o que diz Ardaillon (1997) que nos explica que o trabalho para a mulher contemporânea de classe média, além de ter um sentido de remuneração possui também, sentido de realização de um projeto pessoal.

Percebemos que Lara trabalha, sobretudo pelo reconhecimento profissional, menciona não colocar o dinheiro como prioridade, no entanto este tem

que vir para suprir suas necessidades, caso contrário realizaria trabalho voluntário. Este dado pode relacionar-se como o que foi dito por Velho (1987 apud Almeida 2007) que nos explica que o trabalho para uma mulher da camada média tem um sentido atrelado a satisfação pessoal, ou seja, para além do trabalho proporcionar retorno financeiro, este também tem a função de levar ao crescimento individual, bem como constituir a identidade feminina. Menciona também que, sente-se parte da empresa, desta forma trabalha na empresa como se ela fosse sua e sua fala exemplifica tal questão: *“primeiro eu trabalho na empresa como se empresa fosse minha”*. Assim, sente-se parte importante da empresa. Neste sentido, percebemos que Lara se reconhece no trabalho que realiza, sendo assim, há identidade no trabalho.

Lara relata ter alguns projetos profissionais, estes ligados à empresa de seu marido, no entanto menciona não se perceber trabalhando fora da clínica, pois sabe que sua presença é muito importante. Relata que daqui à dez anos, gostaria de estar trabalhando na clínica ou continuar na área da estética que é uma área que já trabalha há muito tempo. Lara pretende crescer tanto pessoalmente como profissionalmente este é seu objetivo.

Para Lara o trabalho é o meio de obter satisfação pessoal, uma vez que é por meio dele, na sua percepção, que conseguimos o lazer, ou seja, para ela seria muito difícil estar desempregada, pois não teria como desfrutar dos prazeres da vida. Ela fala ainda que uma pessoa que tem o aspecto profissional estabelecido, possui boas chances de estar plena e realizada no aspecto pessoal, sobretudo, porque é o trabalho que lhe proporciona tal realização. Como ilustra sua fala: *“tu estando bem no profissional tu estará bem no pessoal, isso aí é uma coisa visível, tu nunca vai ver uma pessoa desempregada satisfeita”*. A partir disto, podemos perceber que Lara se reconhece no trabalho que realiza, assim há identidade com o trabalho executado. Assim, o trabalho é gerador de prazer na vida da mesma.

Percebemos, por meio das falas de Lara, que o trabalho assume grande parte de sua vida e é por meio do trabalho que ela adquire as coisas necessárias a sua sobrevivência. Este é parte importante da sua identidade, por ser assim, ela não se reconhece sem o trabalho, tem dificuldades de se perceber em casa, sem o contato com outras pessoas, pois para ela o trabalho lhe possibilita manter relações sociais.

### 4.3 QUEM É ANA?

Ana é uma mulher de 33 anos, casou-se quando tinha 23 anos e é casada há dez anos. Não tem filhos por escolha própria. O seu marido é um homem de 35 anos, sua profissão é militar e este é o primeiro casamento de ambos. É natural de Florianópolis, no entanto passou a residir no interior do estado, pois seu pai foi transferido por motivo de trabalho. Residiu no interior durante treze anos, assim passou lá toda a infância e parte da adolescência. Menciona ter passado bons e agradáveis momentos na infância, comenta ter “brincado muito, era livre e solta” (sic) era uma menina que podia brincar na rua sem grandes preocupações.

O pai de Ana atualmente é aposentado, entretanto antes de se aposentar era militar, sua mãe sempre foi dona de casa. Possui um irmão de 24 anos, que não tem filhos. Relata ter uma boa relação com a sua família, contudo diz que pela falta de tempo passa alguns dias sem vê-los, mas isso, não faz com que a relação com seus pais e irmão seja conturbada. Atualmente mora com seu marido e possui dois cachorros de estimação.

Menciona ter muitas amizades, diz também que suas amigas mais próximas agora é que estão começando a pensar em ter filhos. Nos dias de semana, Ana diz gostar de ficar em casa, seus programas se restringem ao lar, já nos finais de semana, gosta de sair com os amigos.

Ana tem pós-graduação em direito, onde atualmente atua no mercado de trabalho. Começou a trabalhar quando tinha dezenove anos, ainda no período da graduação. Sobre sua trajetória profissional Ana fala:

Eu trabalhei só na área do direito mesmo, fui estagiária durante três anos e depois me formei e fiquei como advogada em um escritório do meu tio, fiquei lá seis anos, parei um ano e aí vim trabalhar aqui que também não é meu, eu sou contratada.

Diz investir constantemente na sua qualificação profissional, realizando cursos, seminários e especializações, sobretudo porque tem projetos de se desenvolver profissionalmente. Atualmente diz ser independente no aspecto financeiro, menciona ter conseguido isso apenas em 2005, quando passou a se realizar e se estabilizar financeiramente.

### 4.3.1 Sentido da Maternidade: Ana

Abaixo, será apresentada uma tabela contendo uma grande categoria de análise intitulada “sentido da maternidade”. Criou-se tal categoria para compreendermos o sentido da maternidade para Ana. Cabe ressaltar, que foram criadas mais seis subcategorias.

Tabela 8 – Sentido da Maternidade: Ana

SUBCATEGORIA	Unidade de Contexto Elementar – U.C.E.
<b>Ausência de desejo</b>	<p>“Olha desde o começo, logo que eu casei eu já avisei “eu acho que eu não vou ter filhos”, a gente [ela e o marido] não foi tendo vontade.”</p> <p>“eu acho que quando eu estava namorando ainda, eu tinha uns 20 e poucos anos eu tinha mais vontade do que eu tenho hoje, quer dizer hoje não me dá vontade nenhuma assim.”</p> <p>“[pausa]...acho bonito acho lindo, brinco, mas não sinto vínculo, não vem nada de emoção assim”.</p> <p>“Mas se eu não tenho essa vontade de ter filhos eu não consigo ver muitos aspectos positivos.”</p>
<b>Dificuldades de conciliar trabalho e maternidade</b>	<p>“são coisas possíveis [trabalho e maternidade] , mas pra mim acho que influenciaria na questão da dependência financeira, porque pra isso, com o vinculo que eu tenho com o meu trabalho, talvez eu tivesse que me desligar, talvez tivesse outro vínculo como outras pessoas tem, como funcionário público, facilita né. Eu temo esse meu bendito problema de saúde, eu não sei até que ponto que eu conseguiria continuar trabalhando se eu engravidasse, então talvez isso me influencia nesse ponto, ter que parar de trabalhar, não sei se isso, claro...não iria passar necessidade porque o meu marido trabalha mas, cai o rendimento do casal”.</p> <p>“primeiro os negativos, aquelas coisas que a gente pensa assim, quando quer arrumar desculpa para não ter filhos, o que dificultaria é a questão da minha saúde, o trabalho certamente como te falei ainda pouco.”</p> <p>“Sim, é possível [conciliar trabalho e maternidade], não sei se é possível pra mim, mas uma mulher é possível”.</p>
<b>Perda da autonomia</b>	<p>“A parte ruim ninguém conta, então é natural eu acho né, porque quando tu tens a criança tu deve sentir saudades de quando não tinha né”.</p>
<b>Outras prioridades</b>	<p>“eu até hoje eu não consegui responder para mim, eu tenho um problema de saúde e isso no começo quando eu descobri eu achei que pudesse interferir na questão de maternidade, mas não é uma coisa assim “eu não</p>

<b>Outras prioridades</b>	tive por isso” eu acho que eu sempre priorizei cuidar da minha saúde da minha vida, tocar para frente e aquilo foi ficando com segundo plano, terceiro, décimo, sei lá”
<b>Amor materno</b>	<p>“Que pergunta né? [Pausa]. Me vem muito a palavra amor, aquele amor incondicional. Pessoas que eu vejo assim, aquela dedicação, aquela coisa, aquele vínculo forte, aquele laço”.</p> <p>“Parece aquela coisa de amor, de ter uma família maior, mas nem sempre filhos vão trazer só coisas alegrias pra ti, a gente vê muito filhos que hoje só trazem incomodação”.</p>
<b>Dedicação</b>	<p>“Minhas amigas que tem filhos vivem em casa, não fazem nada, a vida delas é viver em função deles [filhos], até trabalham, mas enfim daí eu fico até, não é pena, mas eu fico olhando assim, nossa não quero essa vida pra mim”.</p>

Fonte: Elaboração da autora, 2009

Ana, assim como Rut e Lara, demonstra em seu discurso a ausência de desejo materno, o que nos leva a crer que esta é uma questão importante e significativa para a análise dos dados. Ela revela não haver vontade de ter filhos, menciona também que quando era mais nova havia algum desejo, no entanto este desejo foi se perdendo e hoje é inexistente. Podemos perceber tal questão em sua fala: *“hoje não me dá vontade nenhuma assim.”*. Relata que sempre foi sincera com o marido, no sentido de deixar claro sua opção por não ter filhos. Quando perguntado sobre o sentimento ao ver uma criança, diz *“acho bonito acho lindo, brinco, mas não sinto vínculo, não vem nada de emoção assim”*. A partir deste relato podemos fazer relação com o que diz Badinter (1985), que nos explica que o amor materno, bem como o sentimento materno não são inatos, estes são sentimentos construídos, dependendo muitas vezes de aspectos sociais, culturais e econômico. Portanto, quando Ana fala que ao ver uma criança esta não estabelece vínculo, podemos fazer relação, mais uma vez, com o que diz Badinter (1985) que afirma que se tratando de um sentimento humano, o amor materno pode sofrer variações. E que por ser um sentimento este pode variar de acordo com as valores de uma sociedade. Esta questão fica evidente no discurso das três sujeitas desta pesquisa.

Percebeu-se no discurso de Ana, que a maternidade está atrelada a perda da autonomia, como ocorre com Lara. Podemos identificar tal questão em

sua fala: *“A parte ruim ninguém conta, então é natural eu acho né, porque quando tu tens a criança tu deve sentir saudades de quando não tinha né”*. Assim, percebe-se que da mesma forma que Lara, Ana acredita que uma criança seria um aspecto dificultador em sua vida, já que um filho exige extrema dedicação por parte dos pais. Segundo Bauman (2004, p. 60) *“ter filhos significa avaliar o bem-estar de outro ser, mais fraco e dependente, em relação ao nosso próprio conforto. A autonomia de nossas preferências tende a ser comprometida”*. As ambições pessoais podem ser diminuídas devido a chegada de um filho, bem como pode ocorrer o sacrificar uma carreira, pois não há mais apenas o comprometimento com a carreira profissional, após a chegada de um filho passe-se a comprometer-se também com ele (BAUMAN, 2004). Ainda segundo Bauman (2004, p. 61) *“tomar consciência de tal compromisso pode ser uma experiência traumática. A depressão e as crises conjugais pós-parto parecem enfermidades específicas de nossa “modernidade líquida”*”. Cabe mencionar que, apesar de parecer óbvio que uma criança transforma a vida das pessoas envolvidas com ela, por exigir cuidado, dedicação e proteção, mesmo assim ela é muito esperada do ponto de vista social, conforme dito por Braga e Amazonas (2005), que falam que a partir do século XVIII as mulheres passaram a ser valorizadas pelo número de filhos que estas viriam a ter, ou seja, ter filhos passou a ser uma questão, cujo objetivo passou a ser a ascensão social da mulher.

Muitas mulheres têm conhecimento das transformações psicológicas, fisiológicas, anatômicas e sociais que a experiência da maternidade provoca (ARDAILLON, 1997). No entanto, mesmo assim priorizam a maternidade em suas vidas, diferente das mulheres envolvidas nesta pesquisa, que podem ter filhos e não os tem por uma escolha própria.

Para Ana a maternidade não é prioridade. Menciona ter um problema de saúde, no entanto este não impede a que ela tenha filhos, mas faz com que ela se preocupe mais saúde. Diz ter priorizado ao longo de sua vida, outras questões, conforme visto em sua fala:

Eu até hoje eu não consegui responder para mim [o porquê não quer ter filhos], eu tenho um problema de saúde e isso no começo quando eu descobri eu achei que pudesse interferir na questão de maternidade, mas não é uma coisa assim “eu não tive por isso” eu acho que eu sempre priorizei cuidar da minha saúde da minha vida, tocar para frente e aquilo foi ficando com segundo plano, terceiro, décimo, sei lá.

Ana relaciona maternidade a amor incondicional, como ilustra sua fala: “[...] *me vem muito a palavra amor, aquele amor incondicional. Pessoas que eu vejo assim, aquela dedicação, aquela coisa, aquele vínculo forte, aquele laço*”. Esta percepção é feita por meio do contato com pessoas conhecidas, como por exemplo, suas amigas. Assim como ela relaciona a maternidade a amor incondicional ela também compreende a maternidade como dedicação, conforme visto em sua fala: *“Minhas amigas que tem filhos vivem em casa, não fazem nada, a vida delas é viver em função deles [filhos], até trabalham, mas enfim daí eu fico até, não é pena, mas eu fico olhando assim, nossa não quero essa vida pra mim”*.

Ana, assim como Ruti e Lara, menciona a dificuldade de conciliar vida profissional e maternidade. Ana apesar de não ser mãe, acredita que são dois papéis que exigem muito da mulher e sendo assim diz não estar preparada para acrescentar esse papel a sua identidade pessoal. Menciona que, se tivesse filhos teria que parar de trabalhar por um tempo e isso atrapalharia sua vida financeira, isso ocorreria devido ao vínculo empregatício que ela possui no seu trabalho. Comenta ainda até certo ponto é possível conciliar trabalho e maternidade, mas para outras mulheres, para ela isso não é possível.

#### **4.3.2 Decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha de trabalhar e não ter filhos: Ana**

Será apresentado abaixo, um quadro contendo uma categoria de análise chamada decorrências sociais, profissionais e psíquicas. Desta categoria originou-se mais sete subcategorias.

Tabela 9 – Decorrências sociais, profissionais e psíquicas: Ana

<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>Unidade de Contexto Elementar – U.C.E.</b>
<b>Desejo da família</b>	“Sei lá um tempo pra cá eu tenho notado que o meu pai talvez tenha, ele não me pede, mas eu sinto que ele sente falta de ter um netinho, mas ele não me pede pra não me cobrar”.
<b>Desejo dos amigos</b>	“Uma delas eu me lembro de ter dito “faz um filho, eu sei que tu vai gostar, é bom”, mas tem horas que ela diz que a parte ruim ninguém conta.”

<b>Adoção</b>	“A gente já conversou várias vezes [sobre ter ou não ter filhos], aí eu pergunto pra ele “mas tu não quer ter filhos?” e ele assim “tah, mas tu não queres?”, fica um jogando pro outro assim, daí uma vez eu falei pra ele “quem sabe a gente adota?” mas não porque eu estava morrendo de vontade, mas é que parece que eu tinha que decidir naquele momento, nem que não fosse para aquele momento, mas ter como plano. Sabe, “aí vou ter daqui a um ano”, pelo menos isso eu queria saber.”
<b>Dúvidas sobre o desejo de ter filhos</b>	<p>“Não tem assim uma decisão fechada, “não vou ter”, é que eu não tive vontade ainda e assim se um dia eu começar a ter vontade pode ser que venha ou a gente decida adotar não sei, mas não é uma coisas que está definida, nem pra sim, nem pra não. Acho que tudo se encaminha pra não, porque além dessa falta de vontade, tem o problema da doença que eu estaria tendo que mudar toda a minha medicação, claro que é possível, não é nada de mais, mas isso pesa de alguma forma. Acho que eu vou ter que mudar tudo, deixa assim, está tão bom.</p> <p>“Não sei [quando perguntado se ela pretendia ser mãe algum dia].”</p>
<b>Expectativa social</b>	<p>“O que me incomoda são essas cobranças que algumas pessoas, a sociedade em geral, acaba fazendo “quando vai ter filhos? Porque não tem?”</p> <p>“Ter que responder é muito chato né, não quero [ter filhos], mas daí as pessoas não se conformam, mas porque que tu não quer, tens algum problema né: No fim dá monografia (risos).</p> <p>“Ah, já tive várias fases, eu tive a fase do não quero ter, mas daí demora muito a explicação, depois eu dizia ainda não, agora no momento a gente [ela e o marido] tem dito ainda não”.</p> <p>“Incomoda, porque parece que eu tenho que decidir, não gosto de nada imposto”.</p>
<b>Sentimento de egoísmo</b>	“a gente [ela e o marido] gosta de fazer programas em casa durante a semana, mas fim de semana a gente decide “vamos embora, vamos” pega o carro sai, isso eu imagino que iria dificultar pelo que eu ousou falar dos amigos que tem filhos, acaba sendo uma postura egoísta né, mas é assim.”
<b>Em busca de uma causa que justifique o fato de não querer ter filhos</b>	“Eu já fiz terapia, e aí eu trabalhei isso alguns dias e umas das coisas que eu vi é que eu tenho uma diferença de idade pro meu irmão de praticamente dez anos e muito desse tempo quando ele era pequeno eu ajudei a criar, lavar fralda, ajudei a cuidar, minha mãe saía com meu pai e eu cuidava dele, enfim umas das coisas que a gente conversou na terapia é que talvez eu tenha sido meio mãe dele, e ela [terapeuta] até falou, ou não sei se eu entendi assim “será que não está na hora de você ser mãe realmente? Porque aquilo que tu teve você não era mãe, você era irmã dele, então assim eu não cheguei a aprofundar pra saber se aquilo realmente, se isso tem alguma relação com eu não ter filhos hoje, enfim a relação que eu tive com ele foi bastante discutida na terapia.”

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

No relato de Ana, percebeu-se que há o desejo da família e dos amigos para ela ter filhos, no entanto não há o desejo de Ana. Comenta que atualmente tem percebido o desejo do pai por um neto, pois seria o seu primeiro neto, uma vez que seu irmão também não possui filhos. Podemos perceber este fato em sua fala: “[...]”

*um tempo pra cá eu tenho notado que o meu pai talvez tenha [vontade que Ana tenha filhos], ele não me pede, mas eu sinto que ele sente falta de ter um netinho, mas ele não me pede pra não me cobrar*". Assim como há o desejo do pai, há também o desejo dos amigos de Ana, conforme visto em sua fala: *"Uma delas eu me lembro de ter tido "faz um filho, sei que tu vai gostar é bom [...]"*". Por consequência da pressão familiar, bem como da pressão social, identificamos que Ana busca uma causa para justificar a opção de não ter filhos, pois diz não entender o causa da falta de desejo materno.

Eu já fiz terapia, e aí eu trabalhei isso alguns dias [...] uma das coisas que a gente conversou na terapia é que talvez eu tenha sido meio mãe dele [do irmão], e ela [terapeuta] até falou, ou não sei se eu entendi assim "será que não está na hora de você ser mãe realmente?"

Outra questão problemática para Ana é a expectativa social que envolve a maternidade, ou seja, parte-se do pré-suposto que por ser mulher, esta terá que ter filhos. Ana revela o quanto esta questão a incomoda, sua fala evidencia este fato: *"O que me incomoda são essas cobranças que algumas pessoas, a sociedade em geral, acaba fazendo "quando vai ter filhos?" Porque não tem?"*. Ou ainda: *"Ter que responder é muito chato né, não quero, mas daí as pessoas não se conformam, mas porque que tu não quer, tens algum problema né? No fim dá monografia [risos]*. Luna e Baptista (2001) explanam em seu texto sobre identidade pressuposta, que diz respeito as representações e determinações prévias que caem sobre cada um de nós, ou seja, ao nascer já nos encontramos inseridos em um grupo social e este, de certa forma, possui regras e valores pré-estabelecidos que vão sendo assimilados por quem passa a integrar o grupo. Por ser assim, se torna difícil pensar e agir de forma diferente do que sempre fazemos. Os autores citados anteriormente nos explicam que, superar identidades pressupostas se trata de um exercício difícil, pois é muito provável que ocorra repressões, discriminação e não aceitação social, devido ao rompimento com aquilo que se configura como algo institucionalizado e padronizado.

Ana, assim como Ruti e Lara, resolveu superar suas identidades pressupostas, uma vez que é esperado socialmente que a mulher case e tenha filhos, tal fato é compreendido pela sociedade como sendo um processo natural da condição feminina. Cabe salientar que estas mulheres dizem ter sido criadas e socializadas para seguir o seu destino social. Mas, optaram por seguir um caminho

diferente daquele pré-determinado. Por isso se percebem “diferentes”. Contudo, como mencionado anteriormente, esta opção não se trata de um exercício fácil e estamos podendo identificar as conseqüências deste ato.

Ana menciona que, em alguns momentos de sua vida já pensou em adotar uma criança. No entanto, da mesma forma como ocorre com Ruti, seria uma adoção, para de certa forma, responder às exigências e expectativas sociais. Pois, ela não adotaria uma criança por vontade própria, sobretudo porque seu marido é contra a adoção. Tal percepção pode ser verificada em sua fala:

“[...] daí uma vez eu falei pra ele [marido] “quem sabe a gente adota?” Mas, não porque eu estava morrendo de vontade, mas é que parece que eu tinha que decidir naquele momento, nem que não fosse para aquele momento, mas ter como plano. Sabe, “aí vou ter daqui a um ano”, pelo menos isso eu queria saber”.

Ana por não querer ter filhos, acaba se percebendo como egoísta, como podemos observar em sua fala: *“a gente [ela e o marido] gosta de fazer programas em casa durante a semana, mas fim de semana a gente decide “vamos embora, vamos” pega o carro sai, isso eu imagino que iria dificultar pelo que eu ouço falar dos amigos que tem filhos, acaba sendo uma postura egoísta né, mas é assim.”* Ana se percebe como egoísta, uma vez que prioriza sua liberdade, individualidade e seus próprios interesses. E caso tivesse filhos isso seria uma questão problemática, uma vez que teria que dedicar tempo a alguém que não fosse a ela e ao marido.

E se ela tivesse um filho e o deixasse em casa com babás ou creches, será que também não seria uma postura egoísta? Ou tivesse filhos para assegurar o cuidado na velhice: Estes dados podem relacionar-se com a responsabilidade da mulher acerca da reprodução da espécie. Pois, conforme dito por Escavone (2004) a escolha pela maternidade está atrelada a inúmeros fatores e entre eles está o desejo atávico pela reprodução da espécie. No caso de Ana, esta escolheu não dar continuidade a espécie. Portanto, pode ser que isso faça com que ela se perceba egoísta. Ainda podemos relacionar o egoísmo mencionado por Ana, com o que diz Braga e Amazonas (2005) que nos diz que, no final do século XVIII a maternidade passou a ser o ideal máximo das mulheres. No entanto, para as mulheres inférteis este fato passou a ser motivo de grande sofrimento, pois a vida passa a ficar sem sentido e o maior objetivo de vida passa a ser a maternidade. No entanto, no caso de Ana, esta escolheu de forma consciente a não maternidade, o que se pode

pensar, que talvez, este egoísmo seja decorrente deste fato, ou seja, mesmo tendo todas as condições para a perpetuação da espécie, ela optou por não ter filhos.

Apesar de dizer que não quer filhos, Ana demonstra em alguns momentos da entrevista, certa indecisão sobre ter ou não ter filhos. Tal percepção pode ser exemplificada em sua fala:

Não tem assim uma decisão fechada, “não vou ter”, é que eu não tive vontade ainda e assim se um dia eu começar a ter vontade pode ser que venha ou a gente decida adotar não sei, mas não é uma coisa que está definida, nem pra sim, nem pra não. Acho que tudo se encaminha pra não, porque além dessa falta de vontade [...].

Sua fala demonstra que, a opção de não ter filhos refere-se a uma escolha dilemática para a mulher, pois no seu entender, a mulher tem todas as condições para isso, em outras palavras, tem o aparato biológico para ter filhos e não os tem. Esta condição de escolha só foi possível no século XX, pois até então a maternidade era compreendida sob uma concepção naturalizada. Foi por meio do movimento feminista e das técnicas contraceptivas que a maternidade passou a ser uma questão de escolha para as mulheres. Todavia, mesmo ocorrendo tais mudanças, a maternidade ainda aparece como definidora da identidade feminina (ESCAVONE, 1985 apud SOUZA; FERREIRA, 2005). Cabe salientar que, até o final do século XVIII a concepção de maternidade e infância era outro, ou seja, não existia a exaltação do amor materno que hoje presenciamos, esta exaltação do amor materno como algo natural e inerente à mulher teve início no final do século XVIII e perdura até os dias de hoje (BADINTER, 1985).

#### **4.3.3 Sentido do Trabalho: Ana**

Abaixo será apresentado uma tabela contendo uma grande categoria de análise, denominada “sentido do trabalho”. Esta categoria englobará mais seis subcategorias.

Tabela 10 – Sentido do Trabalho Ana

SUBCATEGORIA	Unidade de Contexto Elementar – U.C.E.
<b>Centralidade do trabalho</b>	<p>“Em 2006 não 2004 todo, resolvi parar, eu disse “eu não estou gostando do que eu estou fazendo e vou estudar para concurso” aí eu não trabalhava e só ficava em casa estudando, quer dizer, tocava alguns projetos que já tinha, que já eram meus, eu fazia em casa, mas não era aquilo de se arrumar e sair pra trabalhar todo dia, ficava em casa, eu quase enlouqueci ficando em casa, eu tinha que acordar todo dia e pensar, “não o meu trabalho é estudar”, eu me sentia mal assim, minha auto-estima foi lá pra baixo”.</p> <p>“Quando foi um período longo que eu decidi não trabalhar, eu não me senti bem, me senti muito mau, minha auto-estima foi lá pra baixo, mas quando é eventualmente que eu vou sair para uma semana de folga, daí eu me sinto ótima, porque daí eu descanso.”</p> <p>“eu praticamente pirei aquela vez que eu tive, tive não, escolhi ficar em casa, foi muito ruim, inclusive para o casamento, porque aquilo ali mexeu muito comigo e reflete nele, claro”.</p>
<b>Comprometimento</b>	<p>“Perfeccionista, exigente demais comigo e com o trabalho, acho que perfeccionista, eu procuro, sou acho, muito comprometida com o trabalho, não consigo vir aqui, fazer e ir embora, eu saio daqui parece que eu levo isso junto, to lá e estou pensando no trabalho.”</p> <p>“mas se preciso [ficar a mais do horário] for não tem problema, sou a primeira voluntária pra viajar, pra tudo. To sempre disponível”.</p> <p>“Em média, umas dez horas, eu fico aqui em torno de umas dez horas”.</p> <p>“sábado eu não trabalho, mas ocasionalmente acontece de eu ter que levar trabalho pra casa ou ter que vir aqui”</p> <p>“não consigo personificar ninguém, não vem agora. Me vêm imagens, mas não consigo personificar, me vem alguém forte, chega de manhã já começa, tomando decisões, fazendo acontecer sabe?.”</p>
<b>Retorno financeiro</b>	<p>aqui [no local de trabalho] também é muito interessante pra mim, por esse ponto porque eu sei que pela média dos profissionais da minha área, talvez eu não estaria ganhando, não que eu ganhe muito, mas eu ganho acima da</p>
<b>Preenchimento da vida</b>	<p>“Eu acho que só se eu não tivesse condições físicas para não trabalhar, até porque eu vejo pessoas jovens que se aposentam, eu vi isso no meu pai, ele se aposentou com 48 anos, eu sempre fui contra, eu sempre disse “vai trabalhar, cabeça para se tu não trabalha cabeça não desenvolve, fica sem objetivo de vida, fica só esperando a hora da morte, esperando a vida passar”, mesmo que um dia eu cheque lá no fim, queira me aposentar, alguma atividade eu tenha que ter, nem que seja aquelas boas que tu pode escolher o dia que vai trabalhar, mas alguma coisa eu tenho que fazer”.</p>
<b>Crescimento Profissional</b>	<p>“Penso em sair de escritório e tentar trabalhar em empresa grande, não empresa pequena, mas pra isso preciso me profissionalizar, não é esse o termo, preciso de algumas capacitações extras. Preciso aprimorar línguas e outras coisas, por isso que eu vou fazer outra especialização no decorrer do ano fazer inglês de novo, me preparar para subir né.”</p> <p>“Eu só consigo pensar em ser melhor sucedida, sei lá de repente alcançar esse projeto que eu penso, até lá já está meio assim.”</p>
<b>Realização pessoal</b>	<p>“Eu me sinto viva, tendo o que fazer, tendo o trabalho, no sentido de utilidade me sentir útil”.</p>

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

Da mesma forma que Lara, o sentido que Ana atribui ao trabalho está relacionado a comprometimento, relata ser muito comprometida com as suas atividades. Menciona não conseguir sair do seu ambiente de trabalho sem levar o mesmo em sua mente. Diz trabalhar, em média, dez horas por dia, sendo que, não há problemas para ela em levar trabalho para casa. Revela sempre estar disponível no que diz respeito a viagens de trabalho, uma vez que o comprometimento acerca do trabalho é uma característica de Ana. Sua fala exemplifica tal questão: *“exigente demais comigo e com o trabalho, acho que perfeccionista, eu procuro, sou acho, muito comprometida com o trabalho, não consigo vir aqui, fazer e ir embora, eu saio daqui parece que eu levo isso junto, to lá e estou pensando no trabalho”*.

Em relação ao comprometimento de Ana com o trabalho, podemos fazer relação como os tipos de comprometimento mencionados por Spector (2002 apud Meyer, Allen e Shmit, 1993). Podemos considerar que Ana assim como Lara, possui comprometimento afetivo, uma vez que, se relaciona com a sua carreira profissional devido a ligações emocionais, bem como sente prazer de fazer o que faz, conforme ilustra sua fala: *“Eu me sinto viva, tendo o que fazer, tendo o trabalho, no sentido de utilidade me sentir útil”*. No entanto, cabe mencionar que o discurso de Ana, assim como o de Lara, revela indicativos do comprometimento do tipo afetivo, entretanto não podemos afirmar se ela se compromete com o trabalho também levando em conta os outros dois tipos de comprometimento: o normativo e o contínuo.

Para Ana é importante o retorno financeiro conseguido por meio do trabalho. No entanto, percebemos que ela trabalha para além do benefício salarial, o que evidencia, mais uma vez, que o trabalho para Ana, assim como é para Ruti e Lara, tem um sentido de realização pessoal. Isso se relaciona como o que diz Codo (1985) que nos explica que o trabalho assume centralidade na vida dos indivíduos, pois é por meio dele que nos inserimos em um grupo, estabelecemos relações, bem como nos diferenciamos e nos igualamos dos outros. Por ser assim, entendemos que o não trabalho afeta diretamente a vida de quem não o tem, como é o caso de Ana. Esta demonstra em sua entrevista o quanto prejudicial para ela foi o período que ficou sem trabalhar. Descreve esta fase, como sendo um momento difícil e complicado em sua vida. Sua fala ilustra esta questão: *“Quando foi um período longo que eu decidi não trabalhar, eu não me senti bem, me senti muito mal, minha auto-estima foi lá pra baixo*. Esse período da vida de Ana foi quando ela decidiu por

vontade própria parar de trabalhar para se dedicar aos estudos, uma vez que pretendia fazer concurso público. O não trabalhar acaba afetando também a sua vida conjugal, pois conforme dito por Ana a falta do trabalho fez com que sua auto-estima sofresse modificações e essas modificações foram percebidas pelo marido, o que acarretou em crises no casamento. Sua fala exemplifica tal questão: “*eu praticamente pirei aquela vez que eu tive, tive não, escolhi ficar em casa, foi muito ruim, inclusive para o casamento, porque aquilo ali mexeu muito comigo e reflete nele, claro*”.

Percebemos desta forma a centralidade que o trabalho possui na vida de Ana, uma vez que ela não se reconhece sem o trabalho, bem como o não trabalhar afeta diretamente outras instâncias de sua vida. Fica claro, no discurso de Ana, que o trabalho é o preenchimento de sua vida, o que nos faz pensar que sua atividade laboral é parte importante de sua identidade.

Ana possui projetos relacionados ao seu crescimento e desenvolvimento profissional, uma vez que almeja trabalhar em uma grande organização de trabalho. Entretanto, menciona não estar preparada para isso, uma vez que precisaria estar se capacitando e se profissionalizando para conseguir alcançar este objetivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender a auto-imagem de mulheres que trabalham e que optaram por não ser mãe. Para responder esta pergunta, encontramos com três mulheres, cada uma delas com seu momento de vida, com seu mundo interno, com seu universo de crenças e valores com seus significados e sentidos. Por fim, cada uma, com um jeito muito singular de ser e agir no mundo.

Ruti, uma mulher de quarenta anos, com um relacionamento estável, independente financeiramente, realizada e completa no aspecto profissional. Entretanto, atravessada por dúvidas e incertezas quanto à escolha de ter ou não ter filhos. Lara, uma mulher de trinta e oito anos, casada, independente financeiramente, realizada no aspecto profissional e segura quanto à escolha por não ter filhos. E, Ana, uma mulher de trinta e três anos, que se encontra em construção de seu futuro profissional, buscando um espaço no mercado de trabalho e com dúvidas sobre ter ou não ter filhos.

Cabe ressaltar que as três mulheres desta pesquisa optaram por não ter filhos, em decorrência, primeiramente, da falta de desejo, pois possuem outras prioridades na vida. O trabalho no meio público, sem dúvida, aparece como uma destas prioridades, no entanto não se trata da única questão que fez com essas mulheres optassem por não terem filhos.

No que se refere ao sentido da maternidade, percebemos por meio do discurso das três participantes da pesquisa algumas convergências e outras divergências. Lara e Ana relacionam a maternidade à perda da autonomia, estas acreditam que a chegada de uma criança dificultaria o fazer de suas atividades, pois tiraria a sua liberdade. No entanto, percebem-se como sendo egoístas, uma vez que consideram que esta é uma postura individualista. Considerando que a mulher possui grande responsabilidade acerca da reprodução da espécie, e que socialmente se parte do pressuposto de que a mulher por ter todo o aparato biológico para ter filhos, necessariamente tem que tê-los, pode-se entender este sentimento de egoísmo. Além disso, existe uma idéia construída acerca da boa mãe, dedicada e que precisa abdicar de sua vida em função da vida do filho. E, no

caso de Lara e Ana estas priorizam suas vidas pessoais e profissionais e não a de outro ser, pois não se reconhecem e não se percebem neste papel.

A ausência de desejo materno foi outro aspecto recorrente em todas as entrevistas. Ruti, Lara e Ana não se percebem desempenhando o papel de mãe, pois dizem não haver desejo e nem sentimento materno. Pode-se pensar diante deste dado que, ao contrário do que a sociedade de forma geral acredita, o sentimento e o desejo materno não são inatos e sim sentimentos construídos. Portanto, nem todas as mulheres têm a obrigação de ter e sentir este desejo. Mas, apesar da literatura apontar que o sentimento materno é construído numa perspectiva sócio-histórica, este é compreendido, de forma geral, como naturalizado e, por ser assim, torna-se difícil para a mulher fazer a opção por não ter filhos, pois ao fazer esta escolha ela precisa negar um papel que lhe é atribuído como natural e inerente ao ser feminino.

Entretanto, cabe ressaltar que, embora o discurso de Ruti e Ana manifeste a ausência de desejo materno, estas ainda possuem dúvidas quanto ao desejo de ter ou não ter filhos. Isso ocorre, provavelmente, devido ao valor que a maternidade possui diante da sociedade. Assim, quando a mulher decide fazer a escolha de não ter filhos, ela precisará ir contra o que é socialmente esperado e, por ser assim acaba tendo que responder por isso a todo o momento: Porque não tem filhos? O seu marido não pode? Você tem algum problema de saúde? Ou possui algum problema de ordem psicológica? Essas exigências sociais fazem com que Ruti e Ana se questionem, chegando ao ponto de se perceberem e se sentirem diferentes das outras mulheres. Assim, notamos que a maternidade ainda perpassa por uma compreensão naturalizada.

Ruti relaciona maternidade, sobretudo à sofrimento e realização. No seu entender, um filho viria para complementar a sua vida e não para definir sua felicidade. Por ter quarenta anos, acredita que uma gestação neste momento seria inviável, devido aos problemas decorrentes de uma gravidez nesta idade. Assim, pretende adotar uma criança. O que nos faz pensar: será que essa adoção acontecerá realmente por vontade própria, ou porque precisa decidir e dar uma resposta para a família, amigos e sociedade? Da mesma forma ocorre com Ana. Isso nos remete a pergunta: Até que ponto a maternidade é entendida como uma escolha do ser feminino?

Percebemos no decorrer desta pesquisa que a sociedade tem influência na escolha, qual seja: ser mãe. Portanto, muitas vezes acaba governando as nossas escolhas. E, por ser assim, muitas vezes as conseqüências são desastrosas, já que decidimos em função dos outros e não arcamos com a responsabilidade decorrente dessas escolhas. No caso desta pesquisa, ficou evidente que, a mulher, até certo ponto, pode escolher ser ou não mãe. Todavia, precisará suportar as conseqüências desta escolha diante das manifestações da sociedade que lhe cobrará, sendo que as conseqüências poderão ser ora tênues, como no caso de Lara, ora densas como no caso de Ruti e Ana.

Lara possui outras prioridades de vida, prioridades estas que não incluem um filho, sobretudo, por apreciar sua liberdade, autonomia e sua atividade laboral e, ainda sente-se realizada no que se refere a sua vida pessoal. Para ela, em sua vida não há espaço para um filho, uma vez que este impossibilitaria o realizar de suas atividades tanto pessoais, como laborais. Sendo assim, consideramos que foi possível verificar o sentido que Ruti, Lara e Ana, atribuem à maternidade, bem como pudemos compreender suas percepções frente ao fenômeno da maternidade.

No que concerne ao sentido do trabalho, percebemos que este assume centralidade na vida dessas três mulheres, o que revela que o trabalho exerce função primordial na constituição da identidade delas. Isso evidencia que a maternidade não é definidora da identidade do ser feminino, pois para, além disso, existem outras maneiras da mulher se sentir plena e realizada de sua feminilidade, como visto no caso de Lara.

Percebemos também que Ana, Lara e Ruti se comprometem com o trabalho de forma afetiva, pois não trabalham apenas pelo benefício salarial ou por valores pessoais, trabalham, sobretudo, por se reconhecerem e se realizarem nas suas atividades de trabalho e isto revela características de um trabalho repleto de sentido.

Outra questão importante de ser mencionada é a percepção que estas mulheres possuem acerca do trabalho que realizam e a percepção externa sobre o próprio trabalho. Ruti e Lara possuem uma postura pró-ativa diante do trabalho, percebem-se como uma “máquina de trabalho”, ou seja, são mulheres que trabalham em média, dez horas por dia, possuem flexibilidade no trabalho, agilidade, bem como características de liderança. As pessoas do convívio pessoal e profissional de Lara e de Ruti, também as percebem desta forma. Possuem

apelidos que revelam a eficácia e eficiência de Lara e Ruti nos seus locais de trabalho. Além disso, o trabalho para essas três mulheres tem a função de preencher a vida, além de ser um projeto que visa o crescimento e desenvolvimento pessoal. Com tudo visto, acredita-se que foi possível verificar o sentido que Ruti, Lara e Ana atribuem ao trabalho e assim respondemos o quarto objetivo específico deste trabalho.

Percebemos algumas decorrências para as mulheres desta pesquisa que optaram por não ter filhos, uma vez que possuem outras prioridades, como a carreira profissional, por exemplo. Por meio do relato das participantes desta pesquisa, destaca-se que há uma grande expectativa social em torno da maternidade e, quando esta não ocorre, as pressões sociais e familiares ocasionadas por este fato são recorrentes.

No caso de Ruti, destacamos os desejos familiares, bem como a preocupação de seu companheiro sobre sua escolha de não ter filhos. Ainda, há em seu discurso um sentimento de inadequação social, bem como o medo de ficar sozinha na velhice. Ruti revela não se sentir incomodada com tais questões. No entanto, percebemos que ela encontra-se em um dilema quanto a essa escolha, dilema este evidenciado na sua vontade em adotar uma criança, alegando que este é o momento adequado para isso. Assim, podemos concluir, com base na análise dos dados de Ruti, que há um sentimento de completude e realização conseguidos por meio do trabalho. Entretanto, há um sentimento de insegurança e incompletude em relação a sua vida pessoal.

Em relação às decorrências sociais, profissionais e psíquicas da escolha pelo trabalho e não pela maternidade para Lara, destaca-se a preocupação do outro sobre a escolha de Lara, bem como o estranhamento do outro sobre a sua opção por não ter filhos. Cabe acrescentar que, diferentemente de Ruti, essas preocupações são de outras pessoas e não de Lara. Percebemos que ela se relaciona de forma positiva com os anseios sociais e, não parece se incomodar com isso. Assim, podemos concluir que Lara se sente segura quanto a sua escolha além de completa e realizada no aspecto profissional. Em alguns momentos da entrevista menciona que a paciência que tem com o trabalho não teria caso tivesse filhos.

Ana demonstra em sua entrevista muito incômodo acerca da pressão e expectativa social que envolve a sua opção por não ter filhos. Percebemos que

estas questões levaram Ana a um questionamento sobre sua opção por não ter filhos.

Concluimos também que, as três mulheres desta pesquisa possuem o trabalho como elemento central em suas vidas. A maternidade aparece como sendo um complemento e o trabalho no meio público como elemento estruturante de suas identidades.

Diante dessas questões, concluimos que as mulheres desta pesquisa ao optarem por não ser mãe, cobram-se se por ter que, se superar em suas atividades laborais, pois como sabemos a mulher, ainda hoje, trabalha em postos de trabalho iguais aos dos homens e mesmo assim ganham salários inferiores. E, ainda precisam superar suas identidades pressupostas, uma vez que escolhem caminhos diferentes daqueles que lhe são impostos como naturais do gênero feminino. Vimos enfim, por meio desta pesquisa, que mulheres podem se sentir completas e realizadas sem que necessariamente a maternidade ocorra. Contudo, ainda percebemos que a maternidade é ainda compreendida como um fenômeno realizador e que somente esta dará a completude para a mulher. Pois, durante grande parte da história, a mulher fora vista como incompleta e que só a maternidade deixaria a mulher completa e não vazia existencialmente.

Cabe ressaltar, que seria importante que outros estudos sobre esta temática sejam feitos, principalmente relacionando mulheres de diferentes classes sociais, para assim, poder investigar quais são as decorrências desta escolha para as mulheres que pertencem a estas classes, e, ainda, verificar se trata-se de uma escolha possível, uma vez que a literatura aponta que mulheres de classes populares são mais estigmatizadas quando não possuem filhos do que as mulheres de classe média.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ALMEIDA, Leila Sanches de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Rev. Dep. Psicol.,UFF**, Niterói, v. 19, n. 2, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-80232007000200011&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000200011&lng=&nrm=iso)>. Acesso em: 02 ago. 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Trabalho pra quê? In: FUSER, Bruno (org.). **Trabalho em debate**. São Paulo: Mooderna, 2000.

ARDAILLON, Danielle. **O Salário da liberdade**: profissão e maternidade, negociações para uma igualdade na diferença. São Paulo: Annablume, 1997.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAPTISTA, Sylvia Mello Silva. **Maternidade e profissão**: oportunidades de desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BELICANTA, Juliana. **Tratamento de mulheres em um programa de saúde mental**: coincidência entre o foco de tratamento e a queixa inicial. 2007. [Monografia em psicologia] Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça. Disponível em: <<http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2008/03/JulianaBelincanta.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2008.

BRAGA, Maria da Graça Reis; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Família: maternidade e procriação assistida. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>>. Acesso em: 09 set. 2008.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?: Brasil, 1985/1995. In: ROCHA, Maria Isabel BALTAR (Org.). **Trabalho e gênero**: mudanças, permanências e desafios. São Paulo: Ed. 34, 2000.

\_\_\_\_\_. Trabalho e Gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Caderno e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0100-157420070003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0100-157420070003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 set. 2008.

CANEZZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o casamento: da submissão à emancipação. **Revista Jurídica Cesumar**. Mestrado, Maringá, v. 4, 2004. Disponível em: [http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:2hgZSBQ7\\_DIJ:www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/r evjuridica/article/viewPDFInterstitial/368/431+quando+come%C3%A7ou+o+contexto +de+submiss%C3%A3o+da+mulher%3F](http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:2hgZSBQ7_DIJ:www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/r evjuridica/article/viewPDFInterstitial/368/431+quando+come%C3%A7ou+o+contexto +de+submiss%C3%A3o+da+mulher%3F). Acesso em: 10 maio.2009.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; Mendonça, Rachel Valério de; CAITANO, Ana Paula Luz. et al. **O Universo masculino da administração e o trabalho feminino**. In: Congresso De Administração da UFLA - Universidade Federal de Lavras. 1. 2007. Anais... 2007. Disponível em: <[http://www.cadufra.com/artigos\\_passados/arh02.pdf](http://www.cadufra.com/artigos_passados/arh02.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2008.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S. T. M; CODO, W. **Psicologia social**. 13a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CODO, Wanderley. **O que é alienação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. Um diagnóstico do trabalho: em busca do prazer. In: CODO, W. (Org.). **Por uma psicologia do trabalho**: ensaios recolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. In: CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Aná Psicológica**, v.16, n. 3, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82311998000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82311998000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 out. 2008.

ESCAVONE, Lucila. **Dar a vida e cuidar da vida**: feminismo e ciências sociais. São Paulo: UNESP, 2004.

FABBRO, Marcia Regina Cangiani. **Mulher e trabalho**: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade. 2006. [Tese] Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas.

FERREIRA, Aurélio, Buarque de Holanda. Novo dicionário aurélio da língua portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERRETTI, C.J. **Uma nova proposta de orientação profissional**. São Paulo: Cortez, 1997.

FONSECA, Tânia Mara Galli. (Re) produzindo mulheres trabalhadoras. In: FONSECA, Tânia Mara Galli. **Gênero subjetividade e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GIDDENS, Antony. **A Transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Miriam. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, UERJ, Ano 1, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/artigo7.html>>. Acesso em: 05 out. 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presid.php?id\\_noticia=987&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presid.php?id_noticia=987&id_pagina=1)>. Acesso em: 25 ago. 2008.

IPEA. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf\\_release/18Pnad\\_Primeiras\\_Analises\\_2006.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf_release/18Pnad_Primeiras_Analises_2006.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2008.

JONATHAN, Eva Gertrudes. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 09 set. 2008.

LINS, Regina, Navarro. **A cama na varanda**: arranjanho nossas idéias a respeito de amor e sexo. 3. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.

LUNA, I. N; BAPTISTA, L.C. Identidade profissional: prazer e sofrimento no mundo do trabalho. **Psi. Revista**. São Paulo: Psic. Rev., maio 2001, Vol. 12.

MACÊDO, Goiacira Segurado; MACEDO, Kátia Barbosa. As Relações de gênero no contexto organizacional: o discurso de homens e mulheres. **Rpot**, v. 4, n. 1, jan./jun., 2004.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MENEZES, Ida Helena Carvalho Francescantonio; DOMINGUES, Maria Hermínia Marques da Silva. Principais mudanças corporais percebidas por gestantes adolescentes assistidas em serviços públicos de saúde de Goiânia. **Rev. Nutr**, jun.2004 Campinas, v. 17, n. 2. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-52732004000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732004000200005). Acesso em: 16 maio.2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

NATIVIDADE, Michelle Regina da. **Vidas em risco**: um estudo sobre a identidade profissional dos bombeiros militares da região da grande Florianópolis. 2003. [Monografia em psicologia] Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; CARNEIRO, Terezinha Feres. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estud. pesqui. psicol.**, jun. 2004, v. 4, n. 1. Disponível em: <[www.bvs-psi.com.br](http://www.bvs-psi.com.br)>. Acesso em 01 set. 2008.

PNAD. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf\\_release/18Pnad\\_Primeiras\\_Analises\\_2006.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf_release/18Pnad_Primeiras_Analises_2006.pdf)> Acesso em 18/09/2008.

PROBST, Elisiana Renata. A Evolução da mulher no mercado de trabalho. **ICPG-BLUMENAU**, n. 2, jan-jun/2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira; LOPES. Louro Guacira. Educação e realidade. **Mulher e Educação**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul/dez 1990.

SINA, Anália. **Mulher e trabalho**: o desafio de conciliar diferentes papéis na sociedade. São Paulo: Saraiva, 2005.

SOUZA, Daniela Borges Lima de; FERREIRA, Maria Cristina. Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. *Psicologia em estudo*, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: Acesso em: 31 ago. 2008.

SPECTOR, Paul E. Psicologia nas Organizações. In: SPECTOR, Paul E. **Comprometimento Organizacional**. São Paulo: Saraiva, 2002

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalho versus vida em família: conflito e culpa no cotidiano da trabalhadoras de enfermagem. **Ciência y Enfermagem**, n. 2, 2004. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php)>. Acesso em: 20 out. 2008.

STRATTON, Peter; HAYES, Nicky. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

STREY, Marlene. Gênero. In: STREY, Marlene N. **Psicologia social contemporânea**. 4. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TEIXEIRA, Eliane Tavarez Natividade. **Adiamento da maternidade**: do sonho à maternagem. 77 f. 1997. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Disponível em: ><http://portalteses.iciet.fiocruz.br/transf.php>>. Acesso em: 13 out. 2008.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Caderno Pagu**, Campinas, n. 24, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000100007&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100007&lng=&nrm=iso)>. Acesso em: 26 ago. 2008.

TROIANO, Cecília Russo. **Vida de equilibrista**: dores e delícias da mãe que trabalha. São Paulo: Cultrix, 2007.

VASCONCELOS, Márcia. Corpo, Sexualidade e Aborto: o jogo político de significações. **Revista Grifos**. N.16. Chapecó: Editora: Argos, maio, 2004.

WHITAKER, Dulce. Fatores (ocultos) que influenciam a escolha da profissão. In: WHITAKER, Dulce. **Escolha da carreira e globalização**. São Paulo: Moderna, 1997.

## APÉNDICE

## Apêndice A – Roteiro de Entrevista

### 1) Dados de identificação do entrevistado:

- 1) Nome:
- 2) Sexo:
- 3) Idade:
- 4) Estado Civil:
- 5) Grau de Escolaridade:

### 2) Aspectos da vida pessoal e familiar:

- 6) Como você se apresentaria para outra pessoa?
- 7) Com quantos anos casou?
- 8) Há quanto tempo é casada?
- 9) Quantos anos têm o seu marido?
- 10) Qual é a profissão do seu marido?
- 11) Você já foi casada antes?
- 12) O seu marido já foi casado antes?
- 13) Com quem você mora?
- 14) Você tem irmãos? Se sim, os seus irmãos tem filhos?
- 15) Qual é a profissão de seus pais?
- 16) Como foi sua infância e juventude?
- 17) Como é a sua relação com a sua família?
- 18) Como a sua família considera a sua decisão de não ter filhos?

### 3) Aspectos da vida social:

- 19) Você tem muitos amigos ou amigas?
- 20) Suas amigas tem filhos?
- 21) Como elas consideram a sua decisão por não ter filhos?
- 22) O que faz nas horas de lazer?

- 23) O que você faz quando não está trabalhando?
- 24) Quando você tem algum problema com que divide?

#### **4) Questões referentes à trajetória profissional:**

- 25) Com quantos anos começou a trabalhar?
- 26) Há quanto tempo trabalha?
- 27) Quais as experiências profissionais que você teve ao longo da vida?
- 28) Você investiu na sua formação profissional?

#### **5) Questões referentes ao trabalho:**

- 29) Qual é a sua ocupação/trabalho?
- 30) Como você se descreve profissionalmente?
- 31) Quantas horas por dia você trabalha?
- 32) Você trabalha quantas vezes por semana?
- 33) Você trabalha final de semana?
- 34) Você continuaria trabalhando mesmo que não tivesse retorno financeiro?
- 35) Quais são os seus projetos profissionais?
- 36) O que você pretende estar fazendo daqui a dez anos?
- 37) Já pensou em parar de trabalhar?
- 38) Você pararia de trabalhar por algum motivo?
- 39) Trabalho pra você é?
- 40) Como você se sente quando está e quando não está trabalhando?
- 42) Qual mulher é um exemplo de sucesso profissional para você?
- 43) Você tem independência financeira?

**6) Questões referentes à maternidade:**

- 44) Você já pensou em ter filhos? Se sim, quando?
- 45) O seu marido já pensou em ter filhos? Se sim, quando?
- 46) Vocês conversam sobre o assunto?
- 47) Desde quando você decidiu que não queria ter filhos?
- 48) Como essa escolha foi feita?
- 49) Você pretende ser mãe algum dia?
- 50) O que você sente quando vê uma criança?
- 51) Pra você o que é ser mãe?
- 52) O que significa pra você ser mãe e trabalhar?
- 53) Pra você quais são os aspectos positivos e os negativos de ser mãe?
- 54) Você acha que uma mulher deveria interromper uma gravidez por achar que o filho atrapalharia a sua vida profissional?

**7) Aspectos referentes às decorrências de trabalhar em detrimento da maternidade**

- 55) Você acha possível uma mulher obter sucesso profissional tendo filhos?
- 56) Como é pra você não exercer a maternidade?
- 57) O que você sente quando vê uma mulher da mesma idade que você que tem filhos?
- 58) Alguém já perguntou quando você vai ter filhos? Se sim, como você responde?
- 59) O que você sente ou pensa quando alguém lhe pergunta sobre a maternidade?

## Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**Curso de Psicologia**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_,

declaro que fui devidamente informada sobre todos os procedimentos da pesquisa intitulada **SER MÃE OU TRABALHAR? UM ESTUDO SOBRE MULHERES QUE TRABALHAM E QUE OPTARAM POR NÃO SER MÃES** e que recebi de forma clara e objetiva, todas as explicações pertinentes ao projeto e que todos os dados a meu respeito serão sigilosos, bem como a minha identidade será preservada. Eu compreendo que neste estudo será realizada uma entrevista, com cerca de uma hora de duração, realizada uma única vez, com data e local a serem previamente agendados pela pesquisadora, com o meu consentimento anterior. Compreendo que a participação na pesquisa não terá qualquer custo financeiro para mim, bem como não receberei qualquer tipo de remuneração para participar da mesma, caracterizando, assim, uma participação absolutamente gratuita. Estou ciente que a pesquisa será realizada a partir dos meus depoimentos. Compreendo que a entrevista será gravada, para que possa ser transcrita posteriormente e declaro que fui informada de que os dados provenientes da pesquisa serão registrados no computador particular da pesquisadora e que a mesma ficará responsável pelo arquivamento de todas as informações coletadas. Estou ciente também do compromisso de sigilo das informações por mim fornecidas e de que ao final da pesquisa todos os dados obtidos, a partir desta entrevista, serão devidamente mantidos em arquivo pessoal da pesquisadora, sob sua responsabilidade. Afirmando que estou ciente de que terei acesso aos resultados obtidos na pesquisa por meio de consulta ao relatório final do TCC, arquivado em formato eletrônico na página do

curso de Psicologia da Unisul, bem como por meio de participação na apresentação oral feita pela pesquisadora no momento da defesa do trabalho de conclusão de curso. Afirmo ainda que estou ciente de que o material coletado e os resultados obtidos por meio desta pesquisa poderão ser utilizados para publicações em aulas, eventos científicos, palestras e periódicos científicos, desde que minha identidade seja preservada.

Compreendo que este estudo não comprometerá minha dignidade, bem como não trará riscos, prejuízos e/ou privilégios em meu atendimento ambulatorial desta instituição, preservando assim minha integridade física, psicológica e moral.

Declaro que fui informada de que posso me retirar do estudo a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com a pesquisadora por meio do telefone fornecido neste documento, sem qualquer impedimento ou prejuízo para mim.

Sendo assim, concordo com as informações acima e assino duas (02) vias, das quais uma ficará em minha posse e a outra na posse da pesquisadora.

Em relação aos registros da entrevista, eu:

( ) Concordo com a gravação de voz

( ) Não concordo com a gravação de voz

Nome por extenso: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Pesquisadores responsáveis para contato:

Roberta Rodrigues Ramos e Vanderlei Brasil

Telefone: (48) 9952-3831

Endereço eletrônico: roberta\_ramos2@hotmail.com

Endereço eletrônico: vanderlei.brasil@unisul.br